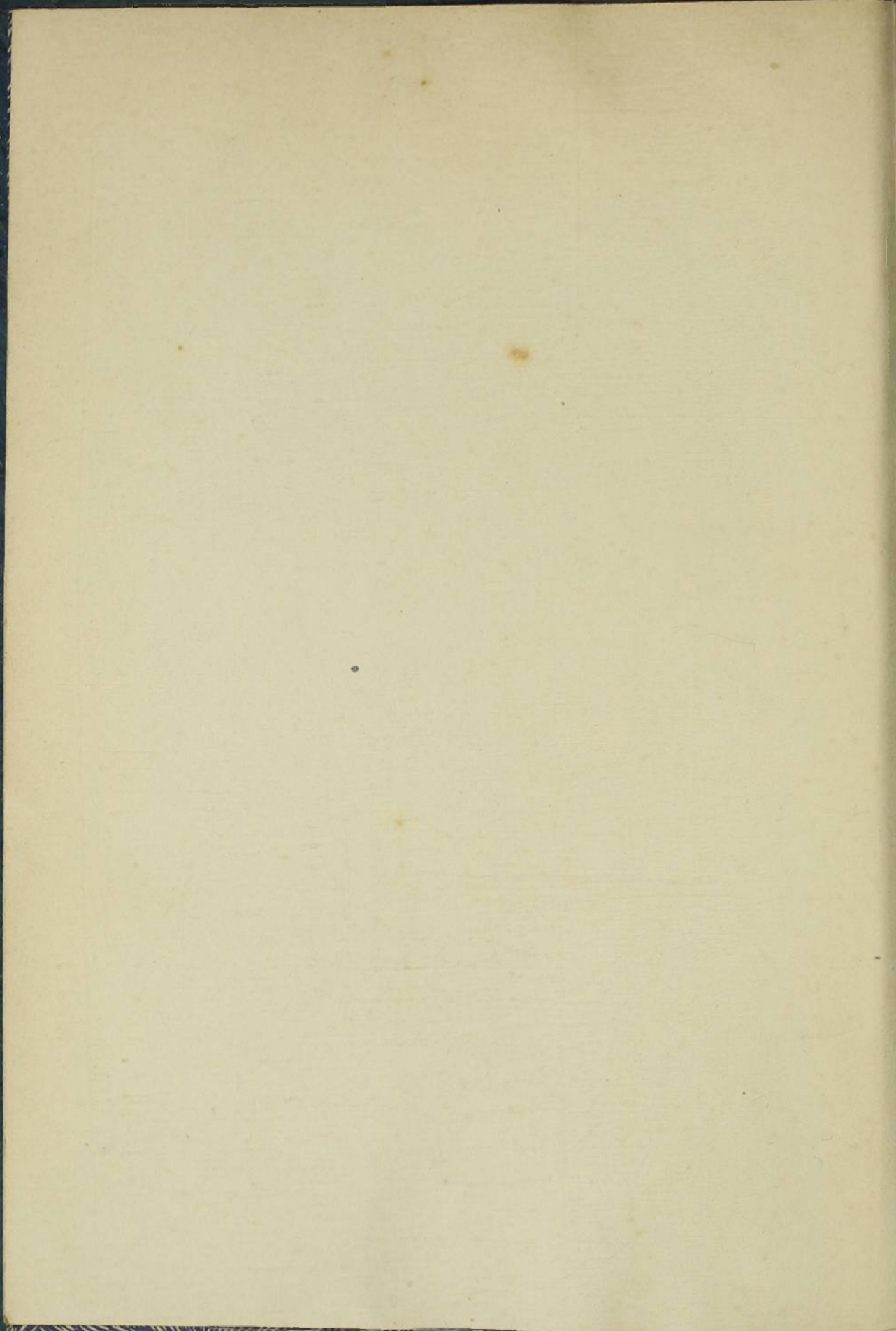


Le ne fay rien
sans
Gayeté

(Montaigne, Des livres)

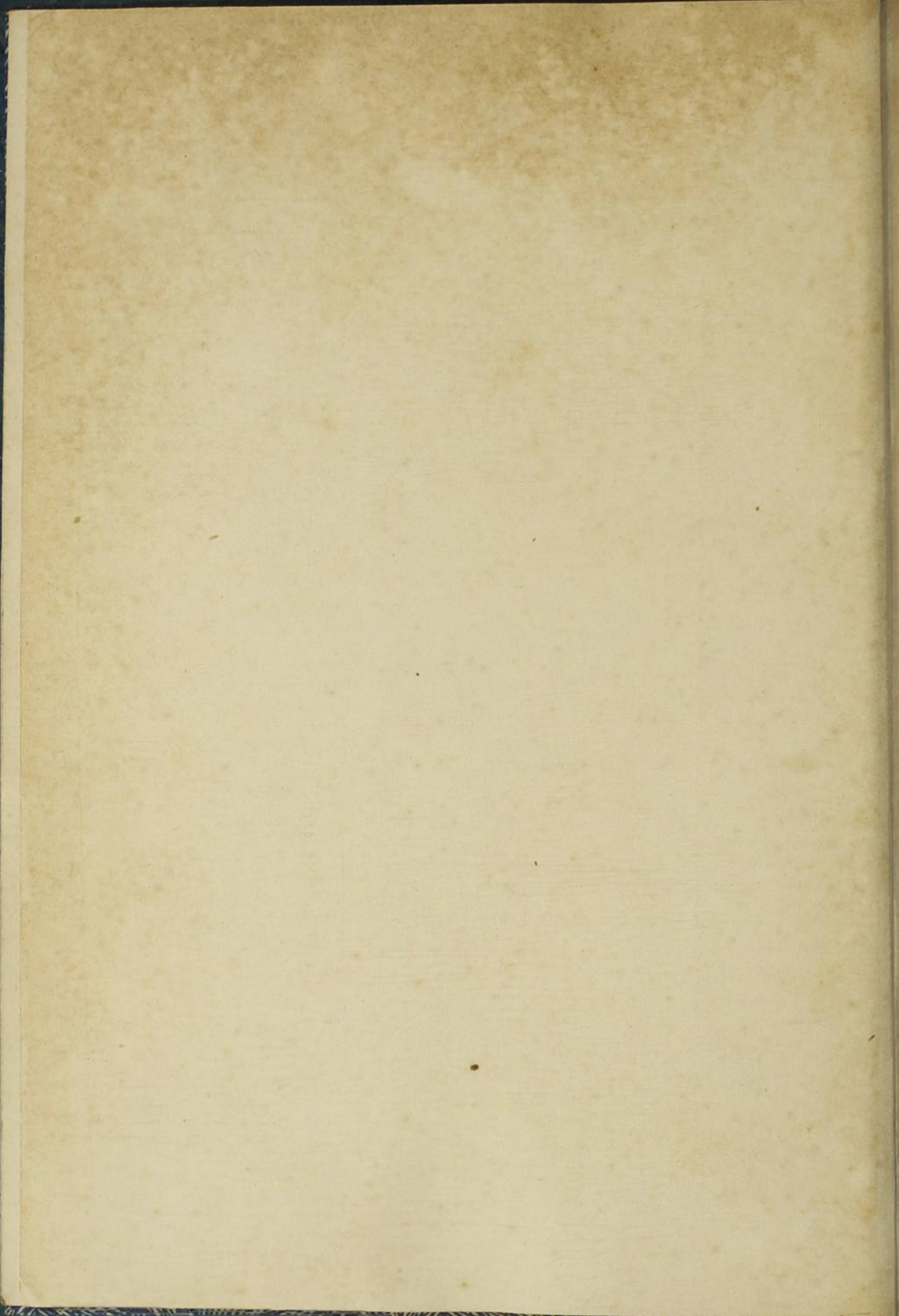
Ex Libris
José Mindlin





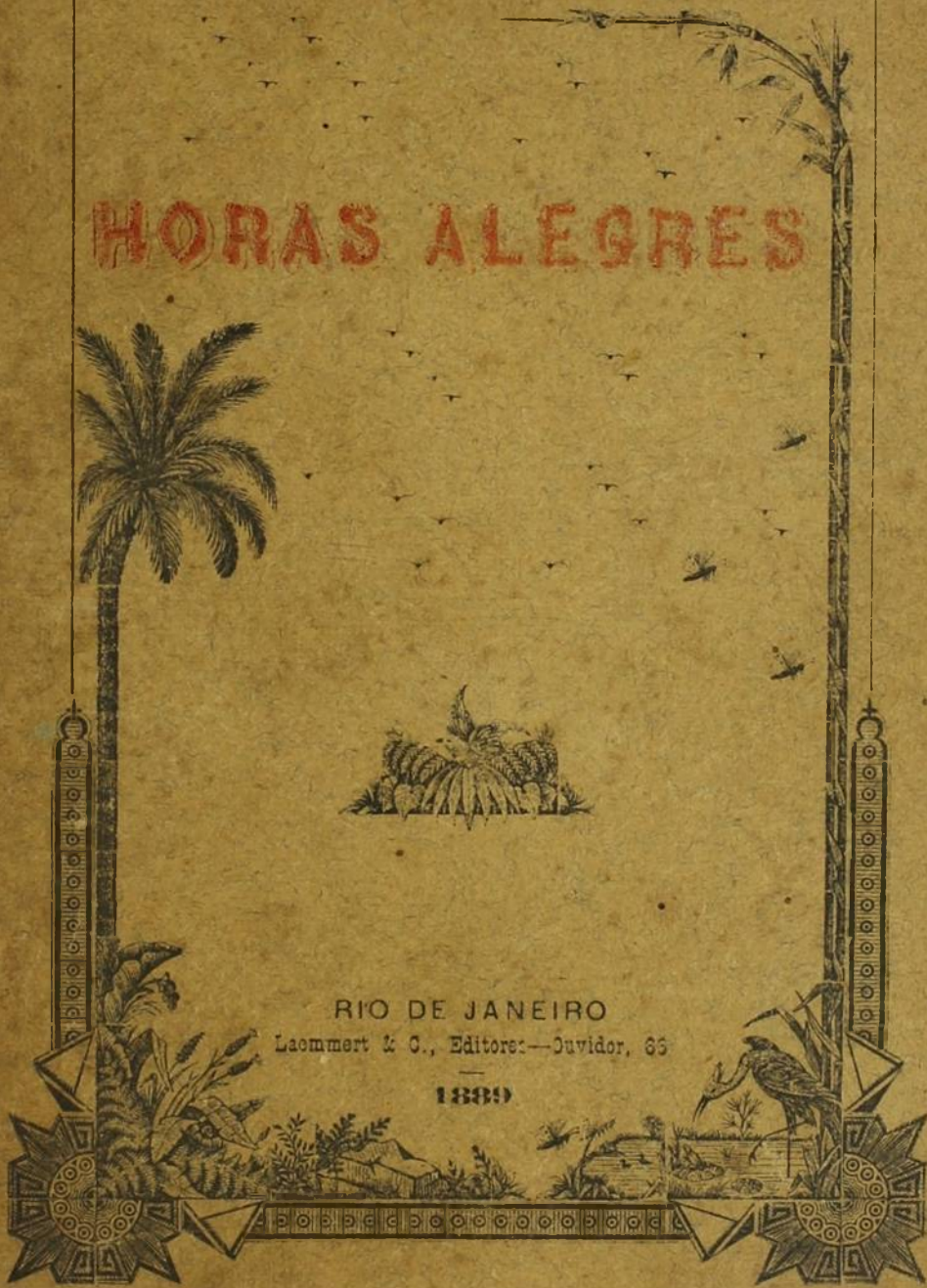
cf ded. a
Rodrigo Octavio

200



Valentim Magalhães

HORAS ALEGRES



RIO DE JANEIRO

Laemmert & C., Editores:—Duvidor, 65

1889

BRITISH MUSEUM

to bono amico

Rodrigo Octavio

offe

07 HORAS ALEGRES

o Valentin Progg.

VALENTIM MAGALHÃES

HORAS ALEGRES



RIO DE JANEIRO
Editores—LAEMMERT & C.
66 Rua do Ouvidor 66

—
1888

Ao Illm. Sr.

Gustavo Masson

DEDICA ESTE LIVRO

O AUCTOR

INDICE

PRIMEIRA PARTE

FANTASIAS COMICAS

O imperio da Lei....

Agencia de sóvas....

O paiz do café....

Viagens maravilhosas. ATRAVÉS DO «JORNAL DO COMMERCIO», romance em 12 capitulos, por Julio Verne....

SEGUNDA PARTE

SCENAS E TYPOS

O desenganado....

Physiologia do bond....

Mademoiselle Ouvidor:

I.— Nos dias uteis....

II.— Ao domingo....

III.— À noite....

O pesadello do Coronel Batalha....

TERCEIRA PARTE

CONTOS ACADEMICOS

As aventuras do Souza, em 7 capitulos....

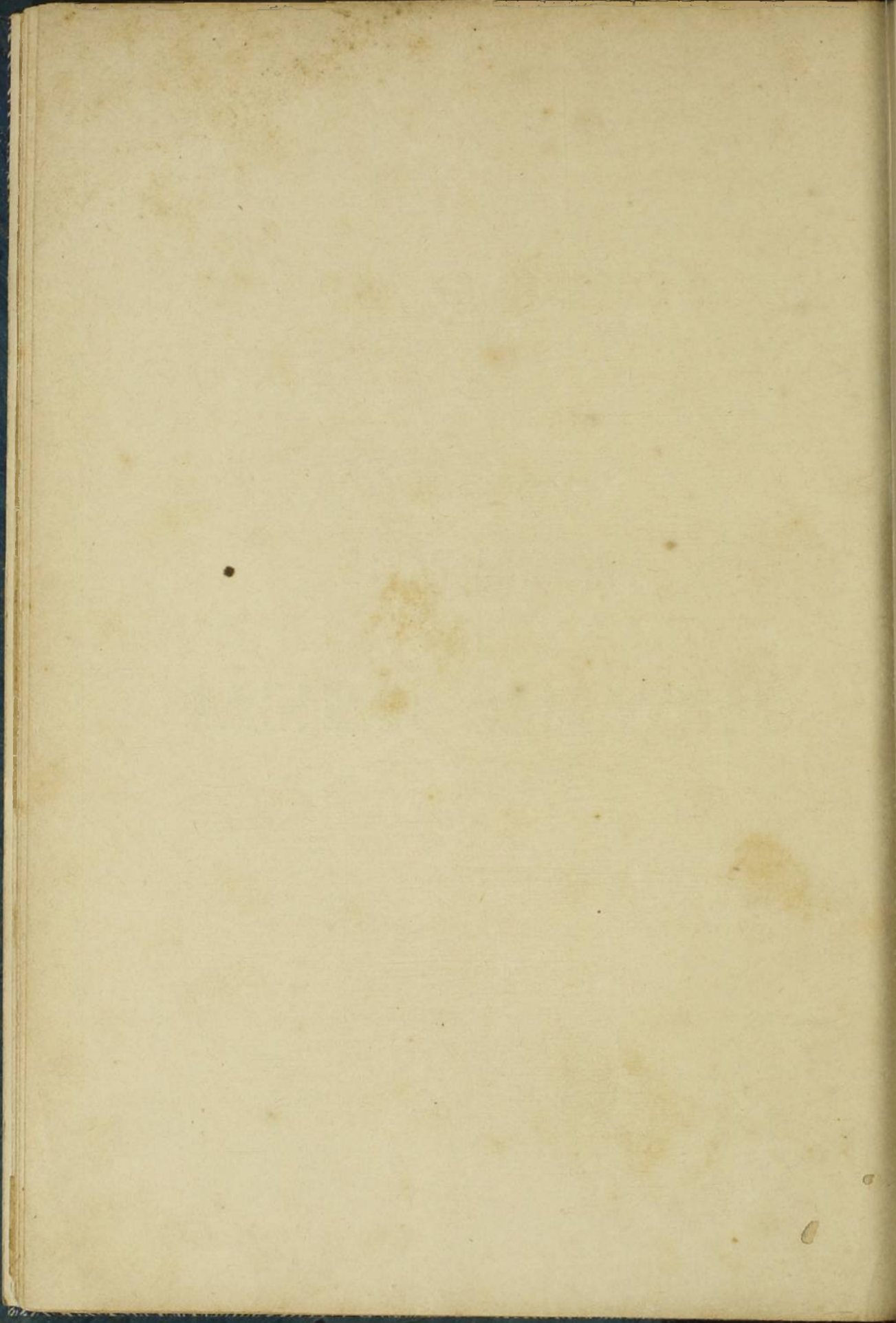
O estratagema do Guedes....

Credor vendido....



PRIMEIRA PARTE

FANTASIAS COMICAS



Eshom
Litho

Su
crisis
D
D

capit
D

pob
De

tes, A
Orina

D. D.
O

ndo d
L

cris
In

E

in
ver
cor
na

O IMPERIO DA LEI (*)

Esboçeto de futura burleta magica em tres actos,
muitos quadros, muitas scenas e poucos calembourgs.

PERSONAGENS

Sua Magestade Imperial—A LEI (invisivel), sacratissima esposa de

D. DIREITO ZERO, Imperador ;

D. JUSTIÇA, irmã de D. Direito Zero ;

O CIDADÃO DEVER SAGRADO, filho de pais incognitos, afillhado de D. Justiça ;

D. CONSCIENCIA, solteirona ainda fresca, mas pobre e perseguida pelo odio popular.

Decretos, Avisos, Rescriptos, Mandados, Arestos, Accórdãos, Alvarás, Leis, Sentenças, Revistas, Ordenações ; etc., etc., filhos e filhas legitimos de D. Direito e D. Lei ;

O CONTENCIOSO, seu velho mordomo, sujeitinho de cabello na venta.

SEU GRACIOSO, joven filho natural do Contencioso.

INQUERITO, velho inoffensivo, que nada sabe.

ESPÉRARECEBERMERCE, supplicante chronico ;

(*) Roga-se ao publico : 1.º Fazer a divisão dos quadros e das scenas, porque o autor não está para essa massada ; 2.º Não adormecer antes de começada a representação ; 3.º Achar graça onde não a houver.

DR. CORPUS JURIS, bojudo e velho jurisconsulto romano ;

MESTRE VADEMECUM, cicerone ;

PEDRAEMCIMA, abafador-mór do imperio ;

SANCHO PAULO MARTINHO, viajante .

Juizes, legistas (naturaes do paiz), advogados, procuradores, chefe de policia, partes, officiaes de justiça, escrivães, porteiros, homens e mulheres do povo, soldados, etc., etc.,

A acção passa-se no Imperio da Lei. Época—ignorada.

ACTO PRIMEIRO

A scena representa uma Veneza caricata : innumerous e intrincadissimos canaes a cortam, cruzando-se em todas as direcções. Ao fundo uma enorme torre inclinada, de muitos andares ; aos lados torres e casarões meio templos, meio barracas. E' dia. Extraordinaria agitação. Muita gente, barbada e cheia de negocios, corre e abalrôa-se, levando e trazendo grandes rolos de papel. (Nota ao contra regra: — se não fôr possível encher essa gente de negocios, sirva-se para esse effeito de algodão em rama.) Ruido cyclopico, atordoador a dar com um páo. (Nota ao contra-regra: —este ruido deve ser feito com folhas de Flandres, tachos, sinos rachados, o carrilhão da Lapa dos Mercadores, duas duzias de deputados discutindo a roupa suja, uns dos outros, e algumas sogras com pulga atraz da orelha. Mas se não fôr possível reunir esses materiaes para produzir o referido estardalhaço, é permitido servir-se para esse fim de um pouco de musica de Wagner, da mais melodiosa). Por toda parte vêem-se, gravadas, pintadas ou esculpidas, as armas symbolicas da Lei. Um cheiro exquisito e complexo—de secretaria, de tribunal e de cartorio—paira no ar, imperioso e caracteristico.

SANCHO (*entra pelo fundo: mala na mão, toilette de viagem*)

Irra! Que paiz diabolico! Ha seis annos que o procuro pelas cinco partes do mundo! Tambem este Baedeker (abre um guia) é tão confuso, tão omisso! Ora vejam: (lendo) «O Imperio da Lei demora a 20°, 30' e 5" de L. N. da Carapetonia e 15°, 10' e 45" de longitude do Reino da Carocha. Limites: ao N. a Serra dos Pezadellos e o Rio da Phantazia; ao S. o Mar de Rosas; a L. a Ilha dos Ratos; a O. o Lago da Toleima e a Cordilheira da Papelada.» Felizmente cá estou! Vou vêr afinal o paiz dos meus sonhos:—O Imperio da Lei! Paiz maravilhoso, certamente!... Vou d'aqui a um hotel tomar um banho, mudar a fatiota e comer um bife, e logo depois irei cumprimentar Suas Magestades. Dizem que a Lei é uma mulher lindissima, embora extremamente severa. Mas sempre hei de vêr se no primeiro baile do Paço, a tirarei para uma polka. E o Imperador? Pelo que dizem os viajantes, é um homem...ás direitas. Com este não quero graças. Mas que diabo de trapalhada é esta: canaes, canaes e mais canaes?! E cheios de gente a ir e a vir. Quem será este sujeito que vem a mim, carregado de rolos de papel?... Vejamos. Olá, meu amigo, dá-me uma palavrinha?...

LEGISTA (*deixando cahir a papelada e cahindo tambem com o choque*)

Perdôe-me; não posso. Tenho muitissima pressa (procura erguer de novo o enorme rolo de papel.) Vou levar esta questãosinha ao juiz da millesima vara civil e não tenho tempo a perder. Se o senhor me ajudasse a pôr isto ao hombro.

SANCHO

Mas que diabo é isto ? Papel de impressão ? Porque o não leva em uma carroça ? Isto esmaga-o !

LEGISTA

Qual, meu caro ! Isto não é nada. E' uma questãozinha insignificante. Dentro de trinta annos estará acabada. Iniciei-a ante-hontem.

SANCHO (*horrorisado*)

E já está d'este tamanho ? Mas de que se trata ?

LEGISTA

Cousa simples. Eu lh'a explico em dous minutos. E' uma acção summaria. Olhe ; vou lhe lêr a petição inicial (desata a corda que amarrava os autos e abre-os sobre o chão, deitando-se n'elle para poder lê-los). Tem apenas trinta folhas : «Illustrissimo Senhor Doutor Juiz Vigesimo supplente da Millesima Vara Civel do Imperio da Lei. Diz Joaquim Antonio Fabricio Guedes de Arruda de Assumpção Liberato Pires Mendonça Arouca.. »

SANCHO (*enxugando a testa*)

Uff ! Eu dispenso a leitura, meu amigo, dispenso. Não se incommode. (*Vai-se formando um grupo em volta dos dous*).

1º LEGISTA (*continuando*).

«... Lopes Anselmo da Quintanilha Rodrigues, que lhe sendo devedor da quantia de mil e quinhentos réis o conhecido ratoneiro Pafuncio Mendes dos Santos Surripião...»

2º LEGISTA (*interrompendo-o com uma bofetada*)

Grande canalha ! Não te devo nada, bandido !

1.º LEGISTA

Ah, elle é isso? Eu te arranjo.

Meus senhores, dêem-me os seus nomes. Os senhores são testemunhas do insulto que acabo de soffrer. (*A Sancho*).

O seu nome?

SANCHO

Para que o quer o senhor?

1.º LEGISTA

Para o dar como testemunha do facto no processo que por queixa-crime vou instaurar hoje mesmo. O seu nome?

SANCHO (*correndo*)

Eu já volto. (*Todos os do grupo fogem tambem*).

1.º LEGISTA (*agarra-o por uma aba do paletot*)

Nada! Ha de ser minha testemunha.

2.º LEGISTA (*segurando-o pela outra*)

Ha de ser minha. O senhor bem ouviu aquelle homem me chamar de—ratoneiro.

SANCHO

Eu não ouvi nada. Deixe-me.

1.º LEGISTA

E bem viu esse senhor me dar uma bofetada.

SANCHO (*procurando safar-se*)

Eu não vi cousa nenhuma.

2.º LEGISTA

Ouviu! Ha de ser minha testemunha.

1.º LEGISTA

Viu, sim! Ha de ser minha.

SANCHO (*perdendo as estribeiras*)

Ah, sim? Pois eu lhes conto uma historia. Toma! (*Atira os dous sujeitos de trambolhão para os lados*). E agora... (*Foge. Grande rôlo. Cidadãos apitam açodados. O povo acode, foge a policia. Gritos: —Não pôde! Haja! Haja rolo! Dous legistas trazem arrastado o chefe de policia para o logar do conflicto*).

CHEFE (*tremendo como varas verdes*)

Então que ha? Digam depressa, que estou muito occupado.

1.º LEGISTA (*abotoando-o respeitadamente*)

Um conflicto, Excellentissimo.

CHEFE (*assustadissimo*)

Um conflicto?! (*procura safar-se*).

2.º LEGISTA (*agarrando-o*)

Queira perdoar-me, mas V. Ex. ha de tranquillisar os animos; quer queira quer não.

CHEFE

Não posso, meus amigos. Eu tenho ordens expressas para evitar conflictos de qualquer natureza. Acreditem que se eu pudesse, com muito gosto...

Vou tomar um *chopp* e já volto... (*tenta fugir mas é detido.*)

MUITOS LEGISTAS (*furiosos*)

Fômos insultados por um estrangeiro. V. Ex. ha de proceder ás averiguações necessarias. Ha de!

CHEFE (*escrevendo a lapis em um papel*)

Pois sim ; pois sim. (*á parte*) Estou aqui, estou longe. (*Alto*) Levem este papel á secretaria a entregar ao Dr. quinquagesimo delegado. Elle que venha sem demora depois d'amanhã e traga comsigo o Inquerito ...E agora : ao *chopp* ! (*Foge.*)

POVO (*enthusiasmado*)

Viva o Sr. chefe de policia !

1º LEGISTA

Ao delegado !

2º LEGISTA

Ao Inquerito !

3º LEGISTA (*mettendo-se em um dos canaes*)

Ah ! cá está elle !

TODOS

O delegado ?

3º LEGISTA

Não : o Inquerito. Está dormindo. Coitado:— ainda não ha seis mezes que adormeceu. Acorde-mol-o. *Seu Inquerito ! Oh ! seu Inquerito !*

TODOS (*berrando*)

Oh, *seu Inquerito.. ..!* (*Tiram-o para fóra e espancam-o para acordal-o*).

INQUERITO (*acordando a bocejar*)

Ahn ! malditas pulgas; não me deixam descansar um minuto. Ha apenas oito mezes que adormê... que adormê... (*ferra no somno outra vez. Espancam-no de novo*).

Que pul...que pulgas ! Que é lá isso ? Então que é ?

1º LEGISTA

Um grave acontecimento !

2º LEGISTA

Um crime. Precisamos da sua interferencia.

INQUERITO (*saltando lepidamente*)

Prompto ! O que foi ? Testemunhas ! Venham testemunhas ! Vamos todos á policia ! O delinquente ha de ser punido com todo o rigor das leis.

ALGUMAS LEIS (*que estão presentes*)

Apoiado. (*Estendem as espadas ameaçadoramente. Sahem todos. Ao sahir, tem o Inquerito um novo ataque de somno e cahe. Levam-no como morto.*)

SANCHO (*entrando espavorido, sem paletot nem collete.*)

Irrrribus ! Vou-me embora ! Paiz maldicto :— Não ha ainda vinte e quatro horas que cheguei, e já perdi quasi a camisa em demandas. Estou envolvido em 25 processos:—dez como auctor e quinze como réu. E ainda não vi a Lei, não fallei com o Direito, nem conheço a^{ra} Justiça ! Estou perdido !

VADEMECUM (*batendo-lhe no hombro*)

Não, meu amigo. Venha commigo, que tudo se ha de arranjar.

SANCHO (*esquivando-se*)

Muito obrigado. Eu já tenho advogado. Nada menos de trinta e sete ! Por enquanto estou servido. Não faltará occasião de me valer dos seus prestimos ; descanse.

VADEMECUM

Não sou advogado... Eu sou...

SANCHO

... procurador. Já estou servido tambem : nada menos de 49 procuradores ! E olhe que ainda não encontrei nem um delles — a me procurar !

VADEMECUM

Enganou-se ainda. Eu sou o Vademecum, o illustre cidadão universal, encyclopedico, polyglotico, cosmopolitico...

SANCHO

E circumcisflautico : já sei. Pois como tem passado, amigo Vademecum ?

VADEMECUM

Perfeitamente, para o servir. V. S. andando commigo, póde ficar certo de que ninguem o encontra perdido. Póde despedir os seus 49 procuradores. Vamos, illustre viajor : que desejas ? Ir ao Paço ou á fava ? ao jury ou á immortalidade ? Vêr a Torre da Lei ou estrellas ao meio-dia ? Quer justiça ou um bife com batatas ?

SANCHO

Prefiro o bife com batatas : ainda não almocei.

VADEMECUM

Perfeitamente. V. S. vai-me dar — primeira-mente uma gratificação adiantada e depois o seu braço.

SANCHO (*dá-lhe o braço*)

Ao contrario : dou-lhe o meu braço adiantado : depois virá a gratificação.

VADEMECUM (*á parte*)

Pois sim : faze-te de fino, que no fim te faço as contas. (*alto*). Ao bife, peregrino illustre ! (*Vão a sahir, quando lhes sahe ao encontro uma pobre mulher maltrapilha, mas formosissima*).

VADEMECUM

Não faças caso, estrangeiro: é uma mendiga. Anda ha trinta annos á procura de um noivo. Finge que não a vês.

SANCHO (*detendo-se*)

Oh! como é linda! Como se chama?

VADEMECUM

Consciencia. E' uma tola. Vamos.

DONA CONSCIENCIA (*a Sancho*)

Oh, que moço bonito!... Quer casar commigo?

VADEMECUM (*a Sancho*)

Mande-a bugiar. Vamos ao bife.

DONA CONSCIENCIA

Nos meus braços! Acha-me feia?

SANCHO (*deslumbrado*)

Oh, não posso resistir... (*Vai atirar-se-lhe aos braços, mas Vademecum impede-o, afastando-a a pescoções*).

VADEMECUM

Está doudo? Quer ficar desmoralizado para toda a vida? Se o vissem um momento com essa mulher, apedrejavam-nos a ambos. Quer uma amostrinha? Vai vêr. (*Gritando a plenos pulmões*): Fóra! Fóra a Consciencia! Péga na Consciencia! (*Immediatamente enche-se a scena de legistas de ambos os sexos, esbravejantes, colericos, em perseguição de Dona Consciencia. Esta desapparece pelo buraco do ponto.*)

SANCHO (*á parte*)

Estou decididamente em uma terra feliz! Mas já não saio d'aqui sem levar commigo aquella sujeitinha. Vou introduzil-a no meu paiz. E certamente ainda o

Governo deste imperio me ha de agraciar por este relevante serviço, com o habito da Rosa ou com o posto de capitão da Guarda Nacional. (*Alto*) Pois *sen* Vademecum, isto é que é paiz; o mais são historias. Não ha duvida, faço aqui a minha independencia!

VADEMECUM (*á parte*)

Estás aqui, estás sem camisa. (*alto*) Vamos ao bife...

SANCHO

E á Posteridade! Viva o Imperio da Lei!

OS LEITORES (*acordando*)

Viva!

FIM DO PRIMEIRO ACTO

ACTO SEGUNDO

A scena representa um enorme salão de côres sombrias; numerosas mesas sobre estrados, occupadas por homens togados e de borla á cabeça. Innumeros escrivães sarrabiscam papeladas furiosamente. Enorme balburdia. Gritos, gemidos, baques, campainhadas. Meirinhos, solicitadores, advogados, procuradores, legistas andam, falam, escrevem, discutem por toda parte. Ao fundo um throno vasio, com docel; tudo muito rafado e velho. Nas paredes, fazendo *vis a vis*, dous grandes retratos representando, um—o Direito, o outro—a Lei. Sente-se muito pronunciado um cheiro grandemente parecido com o do primeiro acto: cheiro composto de exhalações de tabaqueiras, de consciencias gastas, de velhas papelacas forenses, de tinteiros e de gente que ganha o pão com o suor do seu rosto. Papelada, papelada e mais papelada.

SANCHO (*apparece á porta da entrada muito fatigado, magro, espantadiço, agarrado a Vademecum*).

Uff! Com que então, temos agora a honra de estar na Torre da Lei?

VADEMECUM

Sim, senhor. Estamos no primeiro andar da Torre da Lei. Chama-se este pavimento—a Primeira Instancia.

SANCHO

Pois ainda ha mais? E a gente que chega á ultima instancia consegue sahir da primeira?

VADEMECUM

O meu illustre amigo é o descobridor da polvora?

SANCHO

Não, felizmente para ella.

VADEMECUM

Pois parece: é de um atilamento... Não me entendeu; pois eu lhe explico...

SANGHO

Não é preciso. Só o susto de ouvir as explicações illuminou-me o intellecto.

VADEMECUM

O que o senhor pergunta é se a gente que vai á ultima instancia chega lá por seu pé, ou apenas morto, na ponta de um guindaste ?

SANCHO

Perfeitamente. (*A' parte*) Que sujeito atilado ! Comprehende não só o que eu digo, como o que eu não digo, mas até tudo quanto eu não quero dizer. Precioso traste : fala, faz e pensa pela gente. Hei de vêr se o contracto para ir para o Brazil : o ministerio está muito precisado de um homem destes. (*Alto*) De que são feitas estas paredes ? Não parecem de pedra e cal.

VADEMECUM

Não ; isto é papel. São autos petrificados.

SANCHO

Petrificados ? Então aqui não ha traças ?

VADEMECUM

Mas muitas ; nem ha outra cousa. Olhe, tudo isso que ahi vê, são traças. Traças de capello, traças de penna á orelha, traças de oculos, traças de paletot, de béca, de bico, traças de toda casta, de todos os feitios.

SANCHO

Mas então ? Como não pulverisaram toda a papelada de que foram feitas as paredes ?

VADEMECUM

Por esta simples razão : quando Deus teve a sublime idéa de inventar a traça — já aquelles autos

estavam petrificados. São pre-historicos: Demandas entre megatherios e mastodontes; questões de silex partidos e neolithos furtados e jurisprudencia de alluvião; juizes terciarios; advogados dolichocéphalos; processos por injurias verbaes entre gorillas e gibbons, inventarios de ourangotangos...e até mesmo algumas acções decendiarias entre anthropoidas. Oh, o illustre amigo ainda não vio nada! Entremos por aqui a dentro. Está vendo aquelles sujeitos esqueléticos, côr de cidra, a gesticularem damnadamente? São os Libellos.

SANCHO

Mas que dizem?

VADEMECUM

Dizem o diabo. O officio desses sujeitos é pôr tudo em pratos sujos. São os accusadores. Escute um pouco.

PRIMEIRO LIBELLO

Provará mais que o réu, na tarde do dia 25 do dito mez do anno citado, não quiz jantar...

SEGUNDO LIBELLO

Mas... provará que...

SANCHO

Estes sujeitos parecem-se muito com os cozinheiros: provam demais.

VADEMECUM

Ha comtudo uma differença: os cozinheiros provam o tempero, ao passo que estes sujeitos só provam destempero.

SANCHO

Estou vendo que para estes delictos não ha penalidade neste paiz. Não se pune aqui o calembourg.

Pois, meu rico, lá no meu paiz a cousa é outra. Aqui onde me vê, já chucei seis sessões de Instituto Historico e li dez vezes todas as *Cartas de um caipira* pelo insignificante delicto de haver dito uma vez a um amigo, que estava com um formidavel terçol :—as flôres como tu, precisam de ter sol...

VADEMECUM (*levando a mão ao peito com angustia, cambaleando*)

Ai! Este homem matou-me! (*cahe sem sentidos, banhado em tolice*).

SANCHO... (*com grande presteza*)

Oh! diabo! Esta agora! Ha de ser bonito se o homem morreu. E logo aqui, dentro da propria retorta do Direito... Sacolejemol-o! (*Sacudindo-o*) Mestre Vademecum, ó mestre Vademecum! Faça o favor de não morrer desta facada e eu lhe juro, eu prometto... Oh! com mil demonios! O facto vai despertando a attenção. Estou perdido! (*Vai-se formando um grupo espesso de curiosos em volta dos dous.*)

UM LEGISTA

Um crime! Um crime!

DEVER SAGRADO

Corro a avisar a justiça.

SANCHO

Isto não é nada, senhores. Este homem andava desgostoso da vida e resolveu suicidar-se. Encomendou para esse fim um calembourg explosivo da conhecida fabrica de Cardoso & Lopes; para prevenir o caso de falhar o calembourg ingeriu metade da *Decorophobia*, amarrou ao pescoço um alexandrino de certo poeta fatidico, e assim preparado, disparou

sobre a tempora esquerda o calembourg. Creio, porém, que não está morto.

UM DOS 36 PROMOTORES PUBLICOS

Requeiro immediatamente que se proceda ao corpo de delicto.

OS OUTROS 35

E ao Inquerito. Venha o Inquerito.

1º PROMOTOR

Podemos nos retirar. Descansemos um pouco. Vamos, Dever Sagrado.

DEVER SAGRADO

Eu estou cumprido. Podemos ir tranquillos tomar café.

DUAS DUZIAS DE ADVOGADOS(*agarrando-se a Sancho*)

Tranquillize-se, meu amigo. Nada lhe acontecerá. Está em boas mãos. Será feita justiça.

VADEMECUM (*despertando*)

Que é isto? Que aconteceu?

UM DELEGADO DE POLICIA

Esse senhor matou-o.

VADEMECUM

A mim? Pois olhe, já não me lembrava! Mas eu creio que o senhor se engana. Ninguem me matou. Eu desmaiei.

DELEGADO

Por que desmaiou? Diga a verdade.

VADEMECUM

Porque vi esse meu amigo disposto a me lêr os *Ultimos Harpejos*.

VARIOS JUIZES

Crime de ameaças !

OUTROS JUIZES

Não, senhores, isto é uma verdadeira tentativa de assassinato.

VADEMECUM

Isto é uma semsaboria, é o que é. Que grande sucia de amoladores ! Eu desmaiei porque quiz. E' o meu costume, quando não tenho que fazer.

DELEGADO

Nada ; não, senhor ! E' preciso liquidar esta questão ; verificar quem foi o seu assassino.

SANCHO (*A parte*)

Oh que delegado magnifico ! Leva o seu zelo ao ponto de querer descobrir quem matou pessoas vivas. Naturalmente, para ser logico, encobre os verdadeiros assassinos. Oh ! que paiz ! que paiz !

VADEMECUM (*ao Delegado*)

E o senhor a dar ! Dou-lhe a minha palavrinha de honra que a minha ao fazer desta é bôa. Estou morto mas é por me pôr ao fresco. (*Tomando o braço de Sancho.*) Com licença, vamos alli assim ao morro do Castello vêr a passagem de Venus pelo Orçamento.

DELEGADO

Nada ! Não, senhores. Estão presos para averiguações. Tragam o Inquerito !

INQUERITO (*Vem carregado a dormir, em uma cama de rodas. Acordam-o a cacete.*)

Ah ! Que nova massada é esta ? Não deixam a gente dormir. Eu não sei de nada, não digo nada, não descubro nada. Vão pr'o diabo ! (*readormece*).

UM LEGISTA (*com empenho, ao delegado e a todas as auctoridades presentes*).

Interesso-me por este homem. Abafem o negocio.

(*Varios agentes policiaes partem immediatamente á procura do abafador-mór, gritando : Pedraemcima! Pedraemcima!*)

PEDRAEMCIMA (*Homemzarrão plethorico, pesado, bruto*).

Prompto!

DELEGADO (*ao ouvido d'elle*)

Abafe-me este negocio.

PEDRAEMCIMA

Prompto. (*Cahe sobre o Inquerito, o qual desaparece immediatamente, occulto por Pedraemcima*).

VADEMECUM (a Sancho)

Safemo-nos! (*Sahem correndo*).

(Mutaçãõ)

QUADRO

A scena representa um vasto salão escuro, tristonho e silencioso. Em torno de uma longa mesa, sobre um estrado, estão sentadas duas duzias de juizes velhissimos; as cabeças, que não são inteiramente calvas, estão inteiramente brancas. Em umas das extremidades está sentada uma especie de mumia. Sobre uma alta carreta vê-se uma grande peça de artilheria, encravada em um postigo da parede.

Nas galerias, que estão repletas, todos dormem. Meia duzia de escrivães, sentados em pequenas mesas, garatujam com furia. Ouve-se apenas o voejar das moscas e o ranger das pennas.

SANCHO

Basta, seu Vademecum! Já não posso mais!
(*Cahe extenuado sobre um banco*). Se não fôsem as suas instancias, eu não teria vindo até esta. Felizmente é a ultima. Irra:— 21 instancias! Já não tenho pernas. Ora, diga-me uma cousa:— como é que todos estes velhos de todas estas instancias, podem subir aqui todos os dias?

VADEMECUM

E' simples: não sobem. Eu lhe explico. O acesso é por antiguidade. Depois de preenchido certo numero de annos de serviço na primeira instancia, sobem á segunda e ahi ficam até que, depois de completos outros tantos annos, sobem á terceira, e assim por diante, ou melhor:— e assim para cima, até que vêm ter aqui. De fórma que apenas sobem uma vez— de instancia a instancia. E' verdade que da vigesima para a vigesima primeira elles já não sobem:— são subidos. E d'aqui só descem— defuntos.

SANCHO

Muito engenhoso! E o que fazem elles agora?
(*Apontando os juizes.*)

VADEMECUM

Estão trabalhando. Isto é uma sessão.

SANCHO

Pois olhe: antes parece um cemiterio.

VADEMECUM

Discutem neste momento uma questão importantissima.

SANCHO

Está-se conhecendo. Palavra, que é muito

divertido! Hei de trazer aqui minha sogra. E para que se destina aquella peça?

VADEMECUM

Para abrir e fechar as sessões, para avisar os juizes quando se vai proceder ás votações, para chamar-os á desordem de vez em quando, etc., etc... pois são um pouco surdos.

(Neste momento entra um sujeito muito açodado, inquieto, sobraçando uma loja de papel—de peso e em peso—com caixeiros e tudo. Comprimenta para todos os lados. Distribue resmas de papel, sariabiscado e sellado, por todos os juizes, que não dão por tal. Fala-lhes aos ouvidos, gesticulando vivamente; depois leva mais papelada aos escrivães, que se atiram a ella como gatos a bofes.)

SANCHO

Quem é este typo?

VADEMECUM

E' o Esperarecebermercê. Ahi vem elle.

E. R. M. *(apertando affectuosamente as mãos de um e outro)*

Meritissimos senhores juizes! Acabo de trazer a minha questãosinha a este colendissimo tribunal *(profunda mesura)* e ainda desta vez —Espero Receber Mercê. Infelizmente a sessão está para encerrar-se: os venerandos julgadores acham-se bastante fatigados com o debate caloroso de varias causas de que hoje se occuparam, e hoje não poderei ser attendido. Mas na proxima sessão, que terá logar d'aqui a seis mezes, —Espero Receber Mercê *(profunda venia)*.

VADEMECUM *(a Sancho)*

Coitado! Ha quarenta annos que anda nesta lida. A sessão vai fechar-se. *(Um continuo faz*

disparar a peça com grande estrondo. Nenhum dos juizes se mexe).

SANCHO

Que historia é esta ? Nenhum delles ouviu o tiro ! nenhum se move ! (*Os espectadores acordam e evacuum as galerias*).

VADEMECUM (*ao continuo*)

Que é isto ? Suas Excellencias não ouviram a *campainha* ?

CONTINUO (*grande mesura*)

Suas Excellencias morreram todos na sessão passada. Succumbiram a um ataque de velhice fulminante. Acabo agora mesmo de verificar o lamentavel acontecimento.

E. R. M. (*um pouco enfiado*)

Este ligeiro incidente incommoda-me bastante...
Todavia eu continuo a Esperar Receber Mercê.

SANCHO

Paiz famoso ! Paiz unico ! Paiz em que a Justiça morre de velha e em que os velhos morrem sem conhecer a Justiça !

Paiz em que a gente Espera Receber Mercê toda a vida !

Decididamente vou-me embora do Imperio da Lei sem ter a honra de conhecer a Lei do Imperio. Estou farto de semelhante terra ! Seu Vademecum, faço-lhe as minhas despedidas : quem se vai sou eu.

VADEMECUM (*A' parte*)

Mas sem camisa. (*Alto*) Não irá sem vêr Suas Magestades. Vamos ao Paço. (*Sahem*).

FIM DO SEGUNDO ACTO.

ACTO TERCEIRO E ULTIMO

A scena representa o interior do palacio de Sua Magestade—D. Direito Zero. Salão sumptuosamente ornado : columnas, tecto abobadado, com relevos de estuque representando Themis, codigos abertos, balanças, etc., etc. E sob um largo e rico docel—um duplo throno magnifico, mas vago ; ao fundo, praticado na parede á altura de um homem... alto—um nicho profundo, em fórma de ogiva, para o qual se sóbe por tres degraus; dentro d'elle distingue-se uma especie de estatua. Toda a mobilia é formada por grossos rolos de papel. Reposteiros, bambinellas, tapetes—tudo de teias de aranha. Ao lado do throno, sobre uma linda banquetta—uma rica almofada que se destina a receber a corôa e o sceptro imperiaes. Sentinellas immoveis dormem recostadas ás portas. Silencio e moscas. Meio dia.

SANCHO (*entrando com Vademeicum*)

Ninguem. (*Mirando em volta*) Bravos ! Que opulencia ! que *chic* ! Ora, faça-me o favor de me explicar todas estas cousas.

VADEMECUM (*cochilando*)

Com muito somno ; quero dizer :— com muito gosto. Este salão é o grande salão de honra do palacio. Chama-se a « Sala das Ficções. »

SANCHO

Por que—das ficções ?

VADEMECUM

Porque tudo quanto aqui vê são meras ficções. Olhe, está vendo estas bellas columnas de marmore de Paros ? Pois são de pergaminho. Pura ficção ! E as poltronas ? parecem-lhe bellissimo acajú : pois são de papel de linho.

SANCHO (*erguendo um reposteiro*)

Mas estes reposteiros, estas bambinellas...
Precioso damasco ! Soberbo réps !

VADEMECUM

Diga antes, se quer acertar : — Incomparaveis
teias...de aranha. Simples ficções !

SANCHO

E' singular ! E aquelles magnificos granadeiros
que alli estão de espada em punho ? Tambem ficções ?

VADEMECUM

Aquelles são os guardas da lei...em chromo.
Não imagina como estamos adiantados em artes
decorativas e em *malas-artes* ! Vou agora ter a honra
de lhe apresentar a Ficção das ficções, a Ficção
essencialmente ficticia. Venha cá. (*Levando-o em face
do nicho*). Queira apresentar as suas respeitosas
homenagens á D. Justiça, Serenissima irmã de S. M.
D. Direito Zero (*Corteja gravemente*).

SANCHO (*varrendo o chão com os cabellos*)

Senhora ! (*A' parte*). E' exquisito. Parece uma
estatua. Que diabo de idéia a de viver assim mettida
em um buraco ! Ha cada cousa ! Sempre vou pergun-
tar isto ao Vademecum. (*A Vademecum, voz baixa*).

Oh, seu mestre, diga-me cá : porque é que Sua
Alteza vive assim emburacada e tesa, á laia de santa
de egreja ?

VADEMECUM

Manias ! E' uma senhora muito exquisita ; não
imagina ! Pois não lhe deu na veneta, ultimamente,
que devia ser de borracha ? (*Gesto espantado em San-
cho*). Quer vêr ? Pois espere um pouco. (*Sobe os de-
grãos, arranca a Justiça do nicho e atira-a em baixo,
ao soalho*).

SANCHO (*recuando horrorizado*)

Oh! que fez?...Pobre senhora! (*Corre a soccorrel-a*).

VADEMECUM

Não se incommode, meu caro. O *caoutchouc* é a mais commoda das carnes : Sua Alteza continúa a passar sem novidade em sua importante saude. Apenas precisa agora de se estender um pouquinho. Quer o meu illustre amigo auxiliar-me a prestar-lhe este insignificante serviço ?

SANCHO

Com todo o prazer. Sua Alteza é do Pará, ou veio dos Estados-Unidos ?

VADEMECUM

Sua Alteza é industria nacional. (*agarra-a pela cabeça*). Queira puxar os serenissimos pés de Sua Alteza. (*Sancho agarra nos pés da Justiça, que se vai progressivamente esticando, á medida que os dous se afastam um do outro*).

SANCHO

Estou pasmo! Paiz sobrenatural! Justiça de borracha!

VADEMECUM

Certamente. A nossa divisa é:— *Justiça para todos*. Quer você um pedaço ?

SANCHO

Homem, não seria máo. Corte-me um pouco; vou mandar fazer d'elle um par de galochas. Devem provar bem uns sapatos de... justiça impermeavel.

VADEMECUM

Ouço passos. Reconduzamos Sua Alteza ao seu respectivo buraco. (*Faz o que diz. Ouve-se tocar ao*

longe uma charanga, acompanhada de «vivas» a Sua Magestade). E' o Imperador. Vem dar audiencia. Afastemo-nos.

(Entrada triumphal. A' frente, uma guarda de honra de capangas, fardados phantasmagoricamente, e precedida por meia duzia de musicos impossiveis. Depois D. Direito Zero. Vem montado de banda sobre um kagado monstruoso, que elle dirige pela brida. Traz uma rica *borla* sobre a cabeça e empunha uma longa vara de marmello. Seguem-se-lhe ministros, sobraçando enormes pastas, juizes, legistas e quasi todos os personagens d'este notabilissimo drama historico, com que pretendo me abrir as portas do Instituto *idem*. Depois que todo este povo toma posição em scena, entram algumas dançarinas, bastante tortas, e executam um vistoso e bem combinado bailado. A um aceno da vara imperial, faz-se silencio e tudo se aquieta).

DEVER SAGRADO (*com enthusiasmo*)

Viva D. Direito Zero!

TODOS (*menos Sancho e Vademecum*)

Vivah!...

DEVER SAGRADO

Viva o Imperio da lei!

TODOS

Vivah!

(*D. Direito descavalga o kagado e vem á frente da scena, agradecendo e coxeando.*)

SANCHO (*A Vademecum*)

Este typão é que é S. Magestade? Pois olhe:— o meu avô-torto era mais direito do que elle. Este é completo; benza-o Deus! Torto dos olhos, torto da bocca, torto das pernas! E' uma tortuosidade completa:— parece a rua Direita lá da minha terra.

VADEMECUM

Silencio! Sua Magestade vai cantar.

D. DIREITO. (*canta com o melhor dos falsetes imperiaes*)

El-rei Direito,
Mais que perfeito,
Com graça e geito,
Sou eu! Sou eu!
Fujo a corrilhos,
Temo codilhos,
Sou pai dos filhos
De Zebedeu.

Ah! Ah!

El-rei Di... Di...

.... reito aqui está!

Aqui!

Rei tão direito,
Nem tão perfeito
Certo não ha!

Ah! Ah!

(*O coro repete: Ah! Ah! El-rei Di... Di... etc...*)

Uso luneta,
Surdo e pernetta
Sou;— não é peta,—
Gago tambem;
Rei tão chibante,
Sabio e galante,
Furifurante,
Como eu—ninguem!

Ah! Ah!

El-rei Di... Di... etc., etc.

(*Terminado o coro, Sua Magestade é posto sobre o throno*)

D. DIREITO

Abram a audiencia.

24 PORTEIROS (*A um tempo, com voz trovejante*)
Está aberta a imperial audiencia. Compareça quem tem a supplicar.

E. R. M. (Vem acompanhado por uma carroça. Chegado á frente do throno de D. Direito, inclina-se profundamente, dizendo :)

Salve, tortissimo Imperador! (*e depois, em face do throno vasio :*)

Salve, ficticissima e virtuosissima Imperatriz—
Dona Lei, e senhora nossa.

Senhor! Trago-vos um ligeiro memorial da pequena questão que ha cincoenta annos movo em todos osjuizos d'este imperio. Deponho-o aos pés de Vossa Tortuosidade. (*Descarrega a carroça, fazendo rolar aos pés do throno um monstruoso rolo de papel.*) E Espero Receber Mercê.

D. DIREITO

Que supplica?

E. R. M.

Justiça, senhor!

D. DIREITO

A' secção respectiva para informar. Venha outro.

SANCHO (*Apresentando-se, muito mesureiro*)
Senhor!

D. DIREITO (*Começando a dormir*)

Desembuche. (*Á parte*) Não conheço este idiota deve ser estrangeiro.

SANCHO

Imperial Senhor! Aos vossos pés deponho a minha profunda admiração. Estrangeiro, apenas aqui

aportado ha oito dias, confesso que me sinto verdadeiramente pasmo e confuso diante da magnificencia, da riqueza, do...

D. DIREITO (*interrompendo-o*)

Mande-me o seu memorial... Farei justiça.

VADEMECUM (*A Sancho*)

Estás perdendo o teu tempo: é surdo como tres portas. Mas eu te valho. (*A D. Direito, berrando-lhe junto ao ouvido*). Este senhor é um peregrino illustre, que, havendo visitado o nosso opulento imperio, tem agora a honra de vos apresentar as suas homenagens... Por isso...

D. DIREITO (*descendo do throno, com muita dificuldade e contentamento*)

Forasteiro egregio, sêde bem vindo. Como vos chamais?

SANCHO (*gritando*)

Sancho Paulo Martinho N. N. Ignotus Nemo da Carócha e Silva.

D. DIREITO

Oh! Conhecia-vos muito de nome, e folgo immenso em poder ligar agora o nome á pessoa. Quero vos dar a honra de vos apresentar ás principaes personagens do meu reino. Dai-me a vossa mão. (*Toma-lhe a mão e leva-o coxeando, diante dellas.*) Aqui está o meu venerando mestre o Dr. Corpus Juris, o maior jurisconsulto do Imperio.

SANCHO (*Affavel*)

Muito prazer em conhecê-lo. Becco dos Afflictos, n. 4... Quando não precisar de mim...

CORPUS JURIS (*Velho gordissimo: pansa monumental;*

está espapaçado em uma larguissima poltrona de rodas, na qual é conduzido para toda parte).

Um seu criado; quanto tiver insomnias, appareça.

D. DIREITO

Apresento-lhe agora o Sr. conselheiro Contencioso, meu *fac-totum*, meu confidente, meu *alter-ego*, meu mordomo, meu...

SANCHO

Infinito prazer em conhecê-lo... de longe...

CONTENCIOSO (*Voz stentorica*)

Saúde! (*volta-lhe as costas.*)

SANCHO (*á parte*)

Este amigo é naturalmente o autor do código da civilidade. Talvez seja o inventor do doce de côco: que doçura!

D. DIREITO

Approxima-te, Gracioso. (*Gracioso adianta-se, aos saltinhos, muito amavel, muito risonho*). Este rapaz é o meu querido afilhado—Gracioso. (*Ao ouvido de Sancho*) E' fructo de uma rapaziada do conselheiro Contencioso:—seu filho natural.

SANCHO (*á parte*)

Pois não sahe ao pai. Que bello moço! Ora venha de lá um abraço, amiguinho. (*Abraçam-se*) Pois, seu Gracioso, você é muito sympathico. Eu não presto para nada; mas quando precisar de mim, lá está o meu casebre.

GRACIOSO (*Muito graciosamente*)

Obrigado, mil vezes obrigado. Não imagina o prazer, o jubillo, a satisfação, o contentamento que

tenho em conhecel-o. Sempre ás suas ordens. Disponha de mim francamente, como cousa sua. Faça o favor de me dar as suas ordens. V. S. manda e não pede. Qualquer negocio que tenha, procure-me... Não imagina o prazer, o jubilo...

SANCHO

Muitissimo agradecido. (*A' parte*) E' o sujeito mais amavel desta maldicta terra. Chega até a ser *cacete*, á força de tão cortez...

D. DIREITO (*Apontando a Sancho os decretos, avisos, rescriptos, leis, etc...*)

Meus filhos e minhas filhas. Agora vou-lhe apresentar minha mulher. (*Leva-o diante do throno vasio*.) A ficticissima D. Lei, minha augusta consorte.

SANCHO (*mesura profunda*)

Senhora, a honra de vos não vêr, o jubilo de vos não conhecer, são tão grandes que...que... (*A' parte*). Estas ficções *encaroçam-me* que é uma lastima.

D. DIREITO

Compreendo. Queira fazer agora os seus compromimentos á D. Justiça, minha irmã por hypothese.

SANCHO

E' uma senhora muito *expansiva*. Tenho aqui no bolso uma prova da extensão do seu affecto.

UM CRIADO DE GALÃO BRANCO

O vatapá está na mesa.

D. DIREITO

Ao vatapá, peregrino illustre! (*Sahe, acompanhado pelo cortejo, da mesma fórma por que havia entrado. Côro geral:— Ah! Ah! El-Rei Di...Di... etc...etc.*)

SANCHO (*deixando-se ficar*)

Eu vou, sim; mas é d'aqui para fóra. Pernas para que te qué...

VADEMECUM (*detendo-o*)

Pas encore. Pague-me primeiro os meus serviços de cicerone. Aqui está a conta: —Um conto e quinhentos.

SANCHO

Ein! O que!? Mas eu não tenho vintem! Não pago nada (*procura fugir*).

VADEMECUM

Espera que eu te ensino. (*A um signal seu apparecem nuvens de officiaes de justiça. Vademecum apresenta-lhes um papel, e, á vista delle, despem violentamente Sancho, deixando-o em toilette paradisiaca.*) *Legem habemus*, meu rico. Cuidava que me havia de pregar callo! Pois não! Boa noite! (*Safa-se, levando tudo quanto foi tirado a Sancho.*)

SANCHO

Estou fresco! E agora? Vou protestar perante os poderes publicos. (*A um juiz que passa*) Sr. Juiz, acabo de soffrer o mais inaudito dos attentados...

JUIZ

Venha pelos canaes competentes. (*Sahe.*)

SANCHO

Diabos levem os canaes e os juizes e mais quem os inventou.

A POLICIA (*prendendo Sancho*)

Está preso por offender a moral publica. Não é permittido andar vestido de Adão—neste Imperio. Marche.

SANCHO

A Deus me entrego; e adeus, leitores. Vou para o xadrez. Bem bom para quem não tem calças, nem dinheiro.

Ha apenas oito dias que aqui cheguei:—já perdi vinte demandas, estou respondendo a cinquenta processos, e já me arrancaram a camisa do corpo. Agora que nada tenho a perder,—já posso ficar no imperio da Lei. Não parto mais.

Já que aqui *esfolar* é a lei dos homens, vou ser tambem homem da Lei.

Até ás uvas. (*Desapparece, empolgado pela Policia, consternado e nú.*)

FIM

AGENCIA DE SOVAS

A ALFREDO DE SOUZA

Admiravel cousa é o talento !

Elle vale todas as riquezas e todas as forças, porque as crêa, multiplica e substitue.

Quem tem uma idéa está habilitado a ter um pão ; mesmo que seja a de furta-lo. E se o individuo reune ao talento de « ter idéas » o talento pratico de executal-as, isso então é ouro sobre azul, está com a fortuna feita.

O Xavier, por exemplo.

Conhecem por ventura sujeito mais feio, mais fraco, mais exquisito do que o Xavier ? . . .

E' tão pequeno que parece uma criança de doze annos caracterisada theatralmente para representar . . . cincoenta.

Cara enrugada e livida, olhos miudos, vividos, muito negros, nariz afilado, bocca enorme, constantemente torcida por um riso mecanico, machinalmente ironico ; barba escassa, falha, grisalhante, dessas que « nunca viram navalha ».

Agil, nervoso, trefego ; falando muito para si proprio e quasi nada, apenas o indispensavel, para os outros.

Era a verdadeira originalidade do Xavier — o seu duplo modo de falar.

Um, para uso e proveito proprios : — uma loquella inintelligivel, abstrusa, enygmatica; em que as palavras saltavam umas por sobre as outras, como as crianças no jogo do *saut de mouton*; espirrando interjectivas grotescas, repicando, a espaços, um *tá, tá, tá, tá*, *tá, tá, tá, tá* caracteristico, famoso!

O interessante é que nunca dava á lingua por esse primeiro systema, quando estava sósinho: mas sómente em presença de amigos ou clientes, como se com elles conversasse naquella algaravia unica. Ninguém lh'a entendia; mas era justamente para não ser entendida.

O Xavier usava della por manha, para pensar em voz alta, fingindo conversar, sem ser entendido.

Quem assim o ouvia a perlengar, julgava que elle não podia falar de outra fórma, que era aquillo um defeito natural. Engano. Quando o esportissimo velhote queria dirigir-se a algum amigo, empregado ou cliente, para cousa importante, abandonava a sua *meia-lingua* habitual e falava então precisamente, nitidamente, em phrases laconicas e clarissimas.

Apontei o Xavier como exemplo do muito que póde o talento de ter idéas, quando acompanhado pelo de executal-as.

Sem este, aquelle nada vale.

Pollulam por toda parte possuidores daquelle talento.

Não ha quem não acredite ter « a sua ideia ».

São innumeraveis os descobridores do motu continuo. Até hoje, entretanto, não appareceu ainda celeberrima descoberta.

Mas a habilidade de aproveitar praticamente a ideia, o talento de ageital-a ás condições da vida material, ajustando-a, modificando-a, mettendo-a pacientemente dentro da realidade, — esse é o que raros possuem e que era notavel no Xavier.

A principio, algumas das suas maravilhosas concepções perdeu-as elle, porque lh'as furtaram antes que pudesse pôl-as em pratica. E' que o bom homem, desde que havia engenhado alguma cousa extraordinaria, não se podia conter, não resistia ao prurido de contal-a a todo o mundo, e tanto batia a lingua, que, afinal, um bello dia, esbarrava com a sua ideia victoriosamente realisada... por outro.

Foi o que lhe aconteceu com o commercio de café ás chicaras pelo preço de tres vintens cada uma. Creação d'elle, que o teria enriquecido se houvesse sabido guardal-a em segredo até poder pôl-a em acção.

Mas, não. Tanto deu com a lingua nos dentes, que um dia, quando se dignou de afastar os olhos da sua ideia do café barato, para fital-os nas cousas proximas e praticas,—encontrou nada menos de sete botequins enriquecendo com a sua invenção: vendendo café a 60 rs. a chicara.

E, como estes, quantos modernos progressos não andam por ahi em mãos de outros, enchendo-os de dinheiro e que foram ideados pelo Xavier? Quantos?!

Os theatros de canto sem cantores; a estrada de ferro para o Corcovado; as machinas de costura sem costureiras; o jornal imparcial, neutro em politica, mas posto sempre em defesa do governo; um certo bife de cebolada com pimenta e raspas de côco; o elevador do morro de Paula Mattos; o pó da Persia... em summa: — um punhado de espantosas invenções, que têm vindo em abono da sabedoria daquelle velho proverbio que diz: — « O bocado não é para quem o faz, é para quem o come. »

Foi depois de tantas decepções que o Xavier, reconhecendo na sua excessiva indiscrição a verdadeira causa de tão frequentes *fiascos*, inventou o mais

util talvez de todos os seus inventos :—o seu duplo modo de falar sem se comprometter.

Com este systema não deixava elle de contar a toda a gente as suas novas ideias, obedecendo assim á inilludível exigencia do seu temperamento expansivo, mas de modo que ninguem o entendia, e ninguem lh'as furtava, portanto. Dous proveitos em um sacco; facto excepcional, quasi unico.

Foi graças a elle que conseguiu realisar a mais espantosa das suas invenções : — uma agencia de sovas.

Invenção que o vai enriquecendo de hoje para amanhã, com uma rapidez... loterica.

Digamos della um pouco. Mas o melhor é irmos logo directamente aos factos.

Accenda, pois, o leitor o seu cigarro ou charuto, dê-me o seu braço e venha commigo á « agencia de sovas » do Xavier.

E' ali naquella casa terrea, de tres portas : uma larga, aberta de par em par, entre duas estreitas, divididas horizontalmente em portinholas, das quaes estão fechadas as inferiores.

Uma grande taboleta, primorosamente pintada, estende-se por cima das tres portas :

Tem esta legenda entre dous XX formados de cacetes :

« Grande agencia de sovas, auctorizada pela policia. »

Dentro, tres mesas : uma, alta, ao fundo, em fórma de banca de guarda-livros, e duas aos lados, pequenas.

Naquella trabalha o Xavier, encarapitado em alto tamborete.

Lá está a sua cabecinha de cobra, surgindo, de

espaço a espaço, por sobre uma pilha de livros e papeladas.

Nas mesas dos lados sentam-se dous sujeitos graves, bem penteados, edosos.

O da direita entrega-se attentamente á escripta, com o nariz perpendicular ao papel e os cotovelos salientes.

O da esquerda, um sujeito de cara amarella e oculos pretos, refestela-se na cadeira, espichando as longas pernas por baixo da mesa, e, com as mãos nos bolsos e um cigarro fumegante ao canto da bocca, espera a clientella.

Pelas paredes varios papelões com avisos impressos :

« Todas as encommenda pagam-se adiantadamente. »

« Preço fixo e á vista. »

« Sovas garantidas, — de todos os generos e por todos os preços. »

« Pedir o regulamento. »

Por uma porta aberta, vê-se ao fundo parte de uma vasta sala em cujas paredes divisa-se uma longa fila de bengalas de varios tamanhos e feitios, desde a *badine* ao cacete, penduradas por alças de couro ; e sobre cada bengala um numero pintado na cal da parede.

Abaixo dos cacetes, uma fila de chicotes variadissimos.

E entre estes e aquelles, por toda parte—mantos escuros, chapéus desabados, barbas postiças.

Atenção. Entrou alguém.

— Eu desejava contractar uma sova; disse o recém-chegado, dirigindo-se ao escrevente da direita.

— Fale ali com aquelle senhor; respondeu este, apontando para o Xavier.

— Pois não, meu caro senhor; disse o Xavier ao freguez, amabilizando o sorriso e estendendo o pescoço. Mas que especie de sova deseja? De primeira, segunda ou terceira classe?

— Não comprehendo.

— Eu lhe explico. A sova de primeira classe é a mais cara. E' a cacete; e póde ser administrada por dous modos: com um instrumento contundente ou sob a fórmula de leitura amena. Para esse fim, temos contractados latagões athlecticos e massantes de primeira qualidade. Vai vêr; concluiu o Xavier, comprimindo um dos botões da bateria electrica collocada sobre a secretária.

Minutos depois entraram dous sujeitos.

Um alto, robusto, espadaúdo, feições grosseiras, olhar sinistro.

— E' o chefe dos caceteiros; explicou o Xavier, apontando-o ao freguez, que instinctivamente havia recuado tres passos. Não imagina como trabalha este homem! Uma limpeza! uma destreza! uma presteza!... As sovas de primeira classe são dadas por este amigo, ou por algum de seus discipulos, ou então ali por aquelle outro senhor. Approxime-se, amigo Madeira.

O amigo Madeira deu alguns passos á frente. Era um velhinho magro, pallido, olhos de boi, esbugalhados por traz de uns oculos enormes, nariz adunco, queixo saliente, enorme, a Polichinello.

Trazia uma longa penna de pato enfiada por sobre a orelha direita, e sob o braço esquerdo—um formidavel rôlo de papel.

— Mestre Chico Madeira, chefe dos meus dramaturgos; accrescentou o Xavier, em tom de apresentação.

O visitante abriu um olhar espantado, e mais

ainda se lhe accentuou no rosto a expressão palerma, — o que aliás não parecia possível.

— Eu lhe explicarei tudo;olveu com pachorra o grande inventor. Como já lhe disse, as sovas de primeira classe administram-se de dous modos:—E vem a ser: ou por meio do cacete de *seu Juca Bembem*—e apontou o latagão—ou por meio dos dramas de mestre Chico Madeira. Olhe, deixem vêr os instrumentos.

O chefe dos caceteiros collocou sobre a secretaria, com força, depois de tres ou quatro volteios graciosos, um tremebundo cacete, com uma alça de couro em uma das pontas.

Quanto ao chefe dos dramaturgos, este desdobrou o rolo que trazia sob o braço e, sustentando-o a custo nas mãos abertas, leu: « *A independencia do Brazil, ou o triumpho do patriotismo do patriarcha José Bonifacio de Andrada e Silva e d'aquelles que...* »

— Basta, basta, mestre Madeira; gemeu o da encomenda, meio tropego.

— Drama em cinco actos, dous prologos, vinte quadros, um epilogo e uma apothese; concluiu imperturbavelmente o dramaturgo.

— Bem;olveu o Xavier. Como acaba de vêr, é tudo de primeira qualidade. Nestas sovas de primeira classe tem o senhor direito á fractura de um osso, a um olho furado, ou a um bocado de couro e cabello do destinatario da sóva: como escolher.

Nas de segunda classe estão incluidas as sovas com bengalas de ns. 2 a 8, dramas de 1 a 3 actos, e dão direito a ferimentos leves. As de terceira comprehendem as que são dadas com bengalas de ns. 9 a 12 e algumas scenas de dramas reconhecidamente contundentes; não dão direito a ferimento nenhum. São as chamadas «sóvas para moer». Temos tambem *sustos* de varios generos. Quer vêr?

—Obrigado, obrigado...tartamudeou o infeliz, lançando um olhar horrorisado ao Chico Madeira e ao seu instrumento.

—Mas ainda não conhece dos outros: replicou o Xavier; e dirigindo-se ao chefe dos caceteiros:

—Um susto n. 5 aqui para este senhor.

E' indescrível o que então se passou, tão rapido foi.

Juca Bemem cresceu de repente sobre o freguez que diminuiu logo proporcionalmente; o cacete fuzilou-lhe ameaçador, formidavel, em fantastico rodopio, sobre a cabeça arrellada de medo; ouviu-se um *ui!*.. angustiosissimo, e, meio minuto depois, quando o *Juca Bemem* se perfilou de novo, tranquillamente, com as mãos sobre o cacete fincado no chão, o desgraçado achava-se de cócoras, quasi deitado, livido, tremulo e... alagado.

—Este é dos mais fracos. Custa-lhe dez mil réis. E' barato, como acaba de vêr; disse o Xavier muito naturalmente; e, volvendo-se para os dous homens:

—Podem retirar-se.

Nesse momento estava a sala repleta de clientes.

Uns reclamavam contra o desleixo do estabelecimento:

—Que diabo! encommendei uma sova de primeira classe ha oito dias e até agora nada! O safardana anda por ahi muito fresco. E eu que já paguei a sova adiantado!

—Então, seu Xavier, aquelle susto com o *Homem da mascara negra*? Olhe que já ha tres dias. Não me demore o petisco. Hei de moel-o com o *Homem da mascara negra*! Irra! E' para pagar-me o desaforo!

—Tome nota, seu Chichorro:—Uma sóva de terceira classe com bengala n. 10 no Sr. Belizario Regadas, dentista, morador na rua da Saúde n. 11 A.

—Seu Chichorro, tome nota : — um susto com *petropolis* n. 2 no Sr. Edmundo Teixeira, poeta pratico, morador no becco do Apollo, n. 9, nos fundos...

O immenso barulho foi cortado repentinamente pela chegada de um sujeito que se apeou de um tilbury, cambaleando, enlameado, com grandes compressas de arnica sobre a cara, que lhe tapavam um dos olhos. Entrou gemendo e chorando por aquelle valle de... sóvas, e exclamou entre soluços :

—Então ! que bandalheira é esta ? Eu encomendei hontem uma sóva de primeira classe no Cincinato e fui eu quem apanhou ? ! Que patifaria ! Então eu pago para apanhar ?... Isto não tem geito nenhum. Quero pr'aqui o meu dinheiro. E hão de pagar-me a botica.

—Desculpe, meu amigo, desculpe. Foi engano. Foi este burro d'este Chichorro que trocou as bolas.

—Equivoquei-me, equivoquei-me; desculpava-se o Chichorro, com a sua voz de canna rachada. Eu pensei que o outro é que tinha feito a encomenda e que a sova era para este senhor.

—Ai ! Ai ! Ai !... gemia o miserando. Agora hão de dar a sova no Cincinato—de graça. Eu pagar duas vezes, não pago. Já paguei com o corpo e muito bem pago !...

—Pois sim, meu bom amigo, pois sim; dizia o trefego Xavier azafamado, muito conciliativo.

Nesse momento, abriu-se uma das portas do fundo, e ouviu-se a voz arrastada e tabaquenta do Chico Madeira, declamando em tom de melopéa :
« *A independencia do Brazil ou o Triumpho do patriotismo do patriarcha José Bonifacio de Andrada e Silva e daquelles que...* »

O PAIZ DO CAFÉ

Tragedia comica em doze tiras de almoço

SCENARIO

O theatro representa um paiz essencialmente agricola. A' direita do espectador, prodigiosos caféeiros viçando de sobre as costas da Escravidão. A' esquerda, vastos campos plantados de guarda nacional—nova herva, isto é, herva antiga, renovada pelo adubo liberal; uma especie de chá, derramado sobre o paiz por todos os bules do ministerio da Justiça, auxiliados pelas presidencias. Coroneis, tenentes-coroneis, majores e capitães brotam, damnhinhos e gloriosos, ondeando os pennachos, sacudindo as dragonas, espigando os chanfalhos: cousa muito para se vêr. Chavenas patrioticas voejam, trefegas, nas bambolinas, batendo as azas e *propagando* o precioso licor — aos pingos—sobre as guelas estrangeiras. Muitos bancos de dois e tres pés e muitos banqueiros de quatro—quebrados todos. Ao erguer o panno, a Divida Publica fluctúa, o Cambio desce, o Descredito sobe, o *Deficit* engorda, inveteram-se os habitos... da Rosa, toca-se a polka *Zizinha* e as Instituições continuam a nos réger... felizmente.

PERSONAGENS

Além de muitos outros, os seguintes: «Alguem», o Café, o Abysmo, o Dedo da Providencia, os Publicos Negocios, a Febre Amarella, o Povo, Dr. Forte, a Preta dos pasteis, o «Calembourg», um sino, o Momento Solemne, capoeiras, ministros, guardas, chavenas, cães mortos e por morrer, etc., etc...

Epoca—Actualidade.

SCENA UNICA

O CAFÉ

L'État c'est moi!

«ALGUEM» (*tirando-se do telescopio*)

E eu então, meu amigo? Se você é o Estado, o que fico eu sendo?

O CAFÉ (*rescendendo com respeito*).

V. Magestade é o rei do Café; pois que dizer—Café, equivale a dizer—Brazil; eu sou o Café do rei, quer dizer—o humilde e fiel subdito de V. Magestade. Portanto...

ALGUEM

Já sei; já sei... Venha de lá um gole. (*Uma das chavenas desce ligeira das bambolinas e derrama algumas gottas na bocca de «Alguem».*) Deliciosa bebida! Faz vêr estrellas ao meio-dia! (*Regruda-se ao telescópio*)

A PHYSIOLOGIA EXPERIMENTAL (*mostrando alguns cães moribundos, sacudidos por crises nervosas.*)

Enganais-vos, Magestade. Desde muito que provo que o Café é um toxico terrivel! Examinai estes infelizes: succumbem a algumas chavenas. (*As chavenas protestam nas bambolinas.*) Parecem tocados por enormes pilhas electricas! O Café é para o organismo um elemento de despeza e não de poupança. (*O Cafe baixa, envergonhado*).

O MINISTRO DA FAZENDA

Devéras? Vou introduzil-o no orçamento.

UM ABOLICIONISTA (*tragico*)

Além disso, o Café é o negro. (*O accusado continúa a baixar*).

O TROCADILHO (*saltando*)

E negro é o Café.

DOUTOR FORTE (*suando café por todos os poros da sciencia que traz vestida*)

Calai-vos, ignorantes! O café é o hydromel dos deuses—tomado com prudencia e assucar. Tres vezes

ao dia, tonifica, revigora os musculos, illumina a capital dos nervos, estimula, facilita a digestão. (*O Cafe vai se levantando, receioso.*) Sendo, porém, tomado com excesso, ás tigellas, aos kilos, enfraquece, irrita, desequilibra...

UM DOS CÃES (*voz de além-tumulo*)
...e mata! (*Morre.*)

DOUTOR FORTE (*trop fort*)

Mas o cão não é gente! (*Protestos dos cães que ainda não morreram; o Café põe-se de cócoras.*) Do que trago expendido o que se deve concluir?

O CALEMBOURG (*dando-lhe um piparote no nariz*)
Que faz mal o café, Forte.

A LAVOURA (*Mulher sem braços, coberta de dividas e de discursos*)

Um braçosinho, pelo amor de Deus. (*Estende o pé á caridade publica.*)

A IMMIGRAÇÃO (*De longe, em caminho dos Estados-Unidos e das republicas do Pacifico*)

Deus a favoreça, irmã.

A LAVOURA (*choramigando*)

Seja tudo pelo amor de Deus! E um capitalzinho a juros baratos e a longo prazo? Ninguem me faz esta esmolinha?

OS CAPITAES (*retrahindo-se*)

E um bilhetinho para ir vêr o *Boccacio*, tambem não quer?... Sem cerimonia!

A LAVOURA (*tom de ameaça*)

Olhem que eu definho!

OS CAPITAES (*colera explosiva*)

Pois definhe, com todos os diabos! (*A Lavoura definha, com os diabos que o contra-regra puder arranjar.*)

A OPPOSIÇÃO (*subindo a uma tribuna que trouxe ás costas*)

E a quem, meus senhores, cabe a responsabilidade de tantos e tão graves males? Qual a causa deste descalabro? Ao Governo! O Governo! Abaixo o Governo! Fóra o Governo! (*O Governo desce do Olympo e distribue pelos afilhados e sobrinhos da Opposição promotorias, juizados, commissões.*)

OS AMIGOS DO GOVERNO

Traição! Infamia! Engordam-se os inimigos, deixam-se á fome os amigos! Oh! é de mais! Passamos p'ra Opposição. (*O Governo dá-lhes as fatias restantes; a Opposição oppõe-se... o Governo inventa novas sinecuras para acalmal-a... Os amigos gritam, ameaçam... Este jogo deve continuar até o fim da tragedia e dos seculos.*)

UM MINISTRO (*deixando cahir a pasta do braço e amargo pranto dos olhos*)

Ih! Ih! Ih! (*Chora*). Fui derrotado!

O GOVERNO (*amimando-o*)

Pobre collega! pobre amiguinho! Não chores! Aqui tens um lenço: assôa nelle a tua magua. (*Dá-lhe um lugar de director de academia, uma presidencia de provincia, uma sinecura gorda e qualquer. Rugidos na opposição; surdina nos governistas e nos rabcões.*)

A FEBRE AMARELLA (*toilette de viagem, da mesma*

côr da senhora, com guarnições pretas ; mala de mão, binoculo a tira-colo e pince-nez).

Excellentissimo ! Venho receber as suas ordens...

O GOVERNO (*muito amavel, offerecendo-lhe uma cadeira*).

Então que é isto... ? Deixa-nos já ? Por que não fica para o Lyrico ? O Ferrari chegou hontem. E que *troupe* !!

A FEBRE AMARELLA

Sinto immenso, meu bom amigo ; mas não posso demorar-me por mais tempo. E' que ahi vem o meu inimigo — o Inverno... E' forçoso partir...

O GOVERNO

Mas voltará em breve ; não é assim ? Vou preparar tudo para recebê-la no anno vindouro com toda a pompa e um pouco mais cedo do que este anno...

A FEBRE AMARELLA

Obrigada, meu bom amigo. V. Ex. é incansavel em me obsequiar. E' verdade que este anno descuidou-se um pouquinho...

O GOVERNO (*vexado*)

Que quer ? o diabo das eleições... e depois o gabinete era mal visto ; era preciso fazer alguma cousa. Destruí uns cortiçositos, mandei irrigar as ruas, cair, limpar as casas, fundar hospitaes... Emfim, descuidei-me, descuidei-me... Mas lhe garanto que para o anno não me descuidarei... Ha de vir mais cedo ; asseguro-lhe. Vou crear outra Junta de Hygiene...

A FEBRE AMARELLA (*erguendo-se*)

Obrigada, obrigadissima. Para corresponder a

tanta amabilidade, ahi lhe deixo umas primas — a *Typhoide*, a *Biliosa*, a *Algida* e a minha respeitavel mestra e amiga — a *Tuberculose*. Não ficará sósinho, Excellentissimo. E adeus, até á volta... (*sai*).

UM REPUBLICANO (*Muito vermelhão nas faces e nas opiniões.*)

Estamos no reinado da corrupção! A tyrannia com pés de lã! Tiberio com assucar! A's armas, cidadãos! Abaixo o despota!

O DESPOTA (*vindo da lua*)

Ah! Já sei, já sei. (*Chamando para dentro do systema representativo.*) Olá, Velloso amigo! Seu Velloso, despache-me este flautista... (*Volta á astronomia. O ministro despacha o revolucionario, que sahe com a fatia em um bolso e a indignação no outro.*)

CHEFE DE POLICIA (*Approximando-se de Alguem, ceremonioso e humilde*)

Magestade...

ALGUEM

Ein? Ah! Já sei... Encontrou o larapio da medalha camoneana!...

CHEFE (*tremendo como varas verdes*)

Perdão!... Mages... tade. Não sei se deva ousar...

ALGUEM (*magnanimo*)

Por hoje dou licença. Tenha a bondade de ousar.

CHEFE (*ousando com timidex*)

Então, com sua licença. (*Agatanha um sujeito que dormia sob o throno*). Cá está o gatuno!

ALGUEM

Ora, ora, ora, *seu* Chefe! Sou um seu criado! Isso não é gatuno: — é gato. O senhor, quanto a faculdades inventivas, não é lá essas cousas. Arrange um gatuno interino; vá. Mande a sua gente procurar...

CHEFE (*desolado*)

Impossível, Senhor!

ALGUEM

Como impossível? Então no meu imperio já não ha quem queira ser gatuno... interinamente? Não me desmoralise o povo, *seu* Chefe.

CHEFE

Queira V. Magestade dar-me a honra de voltar o augusto olho para esta banda (*Aponta: — Uma grande companhia de capoeiras traz presa a policia, que se debate.*) Vê V. Magestade? Toda a minha gente está occupada agora. Aonde diabo hei de eu ir inventar um gatuno?

A POLICIA (*recalcitrando*)

Me deixe, *seu* Bijú! Me largue, *seu* Russinho! Ui, *seu* Benjamim! Não faça cocegas... Isto não são brincadeiras!

ALGUEM

Uhm ... Já sei... Antes o cometa. (*Vai a elle*).

A IMPRENSA (*Sugeitinha implicante, que sabe tudo, que tudo vê*)

Que descalabro! O paiz caminha para o abysmo a passos largos!

O ABYSMO (*cavando-se com furor*)

Isso é *blague* para vender a folha.

A IMPRENSA (*fingindo não ouvir*)

Os partidos estão gastos, estão desmoralizados. A politica já não tem principios :—só tem sobrinhos e compadres. O povo desgosta-se, perde a fé dos homens e das instituições! O Sr. ministro da guerra empilha arbitrariedades como o Cailtau empilha *sandwichs*.

UM LEITOR (*que ainda não jantou*)

Ai! quem me dera uma *arbitrariedade...* do Cailtau!

A IMPRENSA (*com muitos argumentos e erros de revisão*)

Quem foi o agraciado com a direcção da Academia de Direito? Quem foi o brindado com a direcção da Escola Agricola? Dous illustres cidadãos, que entendem tanto de Cujaccio e de rubiaceas como o director da academia de Bellas-Artes entende de paizagem... Desgraçada situação! Misero paiz!

OS PROFLIGADOS (*passando ao fundo, montados nas fatias e nos abusos*)

Adeusinho, pateta! Berra pr'ahi.

A PRETA DOS PASTEIS (*encontrando a Imprensa*)

Eh! eh! que papé de bom! (*embrulha os pasteis na Imprensa.*)

A LITTERATURA (*Rapariga anemica, pobretona, com papeladas debaixo do braço e um candieiro acceso*)

Iribus! Ha cincoenta annos que procuro um leitor. (*Aos espectadores, entreabrindo a papelada*). Os senhores não me podem informar onde se encontrará um leitor? Eu pago bem. (*Os espectadores fogem espavoridos, como se o theatro ardesse*). Fatalidade!

Verdadeiramente eu já não faço questão de leitor:—mas um editor! Se eu encontrasse um editor?!... Isto assim manuscripto causa-me tanto mal á vista! (*Senta-se o põe-se a lêr atentamente. De quando em quando exclama:*)—Bravo! Bonito! Que talento! (*Coroa-se de louros*).

O PÔOOOVO (*Entra desesperado, rubro, furioso; em toda a omnipotencia de sua magestade oceanica, de que fallam V. Hugo e Michelet*).

Revolução! Revolução! Abaixo a tyrannia! (*Sacode o guarda-chuva, terrivel*) A's barricadas! Viva a Liberdade! (*A revolução rebenta, medonha*).

UM SINO (*com ironia*)

Dlon, dlon, dlon, dlon! (*Ao mesmo tempo apparece um batalhão de baioneta, calada mas eloquente*.)

O Pôooovo (*suspendendo a revolta*)

Oh! diabo! Quatro horas! A sopa esfria. E estes maldictos callos... Ai, meus chinellos, meus queridos chinellos! (*Adia a revolução e vai jantar*).

OS PUBLICOS NEGOCIOS (*coxeando*)

Ai de nós, ai de nós! (*Vão de mal a peor*).

O MOMENTO SOLEMNE (*casaca, gravata branca, sapatos de verniz. Bate no hombro do PAIZ, que dormia, e diz-lhe:*)

Aqui estou eu. Caminha!

O PAIZ (*caminhando para o Abysmo*)

Que Deus receba a minh'alma!

O ABYSMO (*attitude de Lusbel nos «Milagres de Santo Antonio»*)

Victoria! E's meu, finalmente!

O DEDO DA PROVIDENCIA (*descendo das alturas... da caixa*)

Ainda não, maldicto! (*Interpõe-se entre a bocca do ABYSMO e o PAIZ, que se agarra ao DEDO com unhas e dentes*). Ainda não! (*para a orchestra*): Tóque o hymno!

(Estruge o hymno. Chuva de commendas, de trópos e de papel dourado. O patriotismo e a bengala accendem fógos nas almas e nos bastidores. Tudo se mexe, até o Parlamento. Rasga-se o fundo e vê-se o DEDO DA PROVIDENCIA subindo ao céu, coberto de benções e de anneis. Luz electrica. Flôres de rhetorica. Constipação nos clarinetes. *Tableau*.)

Cahe a penna.

VIAGENS MARAVILHOSAS

ATRAVEZ DO «JORNAL DO COMMERCIO»

ROMANCE

POR

Julio Verne

EM 12 CAPITULOS

ALGUMAS PALAVRAS DO TRADUCTOR

Trasladando á lingua vernacula este novissimo romance do fecundo, erudito e famoso autor da *Viagem á lua*, *Aventuras do capitão Hatteras*, *Cinco mil leguas submarinas* e tantissimas outras obras de subido merito, julguei fazer jus á gratidão dos seus innumerados apreciadores.

E' esta obra a segunda das que o autor resolveu escrever sobre o Brazil, e, sob qualquer ponto de vista, em nada inferior á *Fangada*.

Quando não houvesse, para captivar e prender a attenção dos leitores, o poderoso incentivo do nome do autor, bastaria, por certo, o facto de fazer objecto deste seu recentissimo trabalho o *Jornal do Commercio*, essa região fantastica e curiosissima que tanto honra e engrandece a nossa querida patria, chamando sobre ella a attenção de todos os povos cultos.

VIAGENS MARAVILHOSAS

Atravez do « Jornal do Commercio »

CAPITULO I

O doutor Uff

Seis horas da manhã. Conhece-se isto, não pelo velho chronometro da sala das refeições, nem tão pouco pelo rouxinolar da passarinhada nas suas lindas gaiolas de arame.

O relógio pôde ter-se atrazado alguns minutos, porque, emfim, não ha quem não descarrilhe, quem não peque uma vez ou outra. Os sabiás, os canarios, as patativas e todo o resto da companhia lyrica emplumada pôde tambem ter dormido um pouco além do habitual e começado a conhecida, mas sempre admirada opera—«*Louvores ao Creador*»—um quarto depois das seis.

O signal infallivel, verdadeiramente chronometrico, de que são seis horas da manhã é o seguinte : o Dr. Uff toma o seu chocolate.

Ali está elle, mergulhado até ao pescoço no estofamento de velludo Utrecht da sua colossal poltrona de trabalho ; poltrona, que se parece bastante com as que os dentistas usam, com a differença principal de que ao lado, sobre uma haste movel, fixa sobre um dos braços da poltrona, não ha a assustadora cuspidreira de metal branco, mas uma estantesinha, sobre

a qual se escancara um volumoso e amarelento alfarabio.

O velho sabio ergue á altura da bocca, nas mãos lividas e esqueleticas, a larga chavena de fumegante e aromoso cacáu, e, com as interminaveis pernas estendidas sobre uma pelle magnifica de leopardo, vai proseguindo attentamente na sua leitura, atravez dos oculos de ouro. E' uma especie de mumia expressamente desenterrada para servir á sciencia.

Nelle só ha de vivo os olhos — dous grandes olhos de gato, fulvidos e inquietos.

Sob o nariz adunco, em bico de aguia, alvos e longos bigodes estremecem ao sopro regular da respiração, como um capucho de algodão branco que se desfaz ao vento.

Apresenta um curioso e agradavel contraste com esses bigodes de neve a cabelleira negra que se lhe desenovela sobre os hombros.

O gabinete do sabio naturalista e famigerado viajante lembra uma cella de frade beneditino, desses benemeritos e pacientissimos pensadores que consagravam a vida inteira á exploração e ao aprofundamento de uma descoberta, á reconstrucção e ao resuscitamento dos seculos mortos.

As tres grandes paredes estão inteiramente forradas de livros, de alto a baixo.

Velhissimos in-folios esbeiçados e empardecidos pelo tempo, picados da traça e do caruncho, tombam uns sobre outros á direita e á esquerda, como se houvessem adormecido, fraternalmente encostados aos hombros dos companheiros.

Sobre a gigantesca secretária alteiam-se, immoveis e pensativas, as estatuetas em bronze de Buffon, de Darwin e de Levingsthon.

Pelas duas vastas janellas avarandadas, inteiramente abertas, entra o dia, gloriosamente alegre, gorgoeado, fresco, atravessado de sol.

Esgotada a chavena, fez o Dr. Uff tinir um tympano e immediatamente entrou no gabinete um criado lépido, ruivo, quasi anão. Ao primeiro aspecto parece um menino, mas as escrupulosas soiças que lhe emmolduram a cara sanguinea e já um pouco enghelhada nos cantos dos olhos e da bocca, revelam claramente que aquelle homemzinho já ultrapassou o seu quadragésimo anno.

O doutor estendeu-lhe authomaticamente a chávena e recebeu de Petitpois, — pois assim se chama o criado—um cachimbo de pipo de porcellana e tubo de caoutchouc, acceso e fumegante, e em seguida collocou o bocal ao canto da bocca, sem que por um só instante houvesse levantado os olhos do alfarrabio que está lendo.

E nessa immobilidade abstracta e recolhida continuaria seguramente, se alguém lhe não batesse uma pancadinha familiar sobre o hombro e uma voz não exclamasse, quebrando o silencio subitamente:

— Bom dia, papai Uff!

Era Nestor, sobrinho, afilhado e protegido do doutor.

CAPITULO II

A idéia de Nestor

— O' phenomenal maroto, vieste perturbar-me no melhor da minha festa scientifica. Eu estava a conversar com os nossos respeitaveis avoengos.

— Ora, papai *Uff*, Vmcê, o sabio mais profundo, mais sisudo, mais positivo que o Brazil tem a honra de possuir actualmente, Vmcê, que tem na cabeça mais mathematicas do que todos os institutos polytechnicos do mundo, Vmcê a patinhar nas hypotheses do Darwinismo.

— Atrevido! Hypothetico—o Darwinismo!... regougou o sabio, saltando do fundo da poltrona, instantaneamente, como um mafarrico de «sorpresa», e perfilou em toda a sua altura o porte esgalgado e longo.

E os extensos bigodes brancos espannejavam-se-lhe no ar, aos bufidos da colera represada.

— Acalme-se, papai. Não mexerei nos seus queridos macacões. Veneração aos primatas!

— Hyp... hyp... urra ainda o doutor, tartamudeando, gago de indignação.

— Ora vamos, papai *Uff*. Já fiz *amande honorable*. Desenfureça-se e estute-me:—tenho uma ideia.

— E's um rapaz cheio de illusões. E o velho sabio deixou-se cahir na poltrona, apaziguando-se com aquella pilheria.

Nestor afundou as mãos nos bolsos das calças e, postando-se diante do tio, com as pernas em A e um sorriso petulante sob o bigodinho negro:

— Pois é verdade, embora pareça incrivel:—tenho uma idéa.

— Emfim, ha tanta cousa extraordinaria por este mundo que não ponho duvida em engulir mais esta. E qual é a tua ideia?

— Oh! famosa!

— Descobriste talvez o motu-continuo...

— Ora! por favor, papai Uff, conceda-me um pouco mais de originalidade, de espirito inventivo. O motu-continuo foi descoberto com a apparição do primeiro homem sobre o planeta:—é a propria machina humana; é o coração, é o cerebro.

— Eh! Eh! pequeno!... Isto não é uma ideia:—é uma utopia, ou antes—uma hypothese.

— Admitto, com uma só restricção: uma hypothese um pouco menos hypothetica que a da origem das especies...

— Oh, marióla, paparrêta, parvalhão de uma figa! trovejou o Dr. Uff, novamente ferido no seu ponto fraco. E Lamarck? E Darwin? E Broca? E Cuvier? E Quatrefages? E Geoffroy? E Godron? E Vogt? E Owon? E Zaborowski...? E Huxley? E Wirou...

— Uff, papai!—interrompeu Nestor, tombando em uma cadeira, aniquilado.

— Hypothese! Hypothese! quando o proprio Littré...

— Perdão, papai Uff!... Se continúa, não lhe digo qual é a minha ideia.

— Pois se cumpres o que dizes, continúa...

Nestor ergueu-se, accendeu nervosamente um charuto e exclamou, dispondo-se a sahir:

— Muito bem; farei sósinho a viagem...

Ao ouvir esta palavra, o velho corredor de terras e mares transfigurou-se. O seu olhar ameigou-se, humedecido de prazer; a bocca sorriu, cupida e satisfeita, o cachimbo tremeu-lhe na concha da mão

esquerda e com a direita empolgou Nestor pelo casaco.

— Uma viagem? exclamou elle por fim. Oh! como me faria bem viajar agora! Remoçar-me-ia dez annos.

— Pois então:—partamos, papai Uff.

—Ah, não, não viajarei mais, volveu o sabio. Viajar para que, se já corri todas as partes do mundo? Nenhuma commoção nova me espera. Conheço á pollegada toda a Europa — de Norte a Sul, de Léste a Oeste. Escrevi dez livros sobre a Asia; fui com o capitão Hatteras ao polo arctico; fiz com o capitão Nemo vinte mil leguas submarinas; sou primo e discipulo do Dr. Ox.; consegui dar a volta ao mundo com o meu bravo Petitpois — em 79 dias — um dia menos que Phileas Fogg; sei mais da Russia do que Strogoff; percorri a Groenlandia, a Laponia, o Sudão, a Parvonía, a Bohemia, o Perú, a China, o Yvetot, a Siberia, o Turkestão, o reino de Lilliput e antes de Gulliver, o Imperio da Lei; Patagonia, Macacú, Carapetonia, Traz-os-Montes, Meia Pataca, Extremadura, California, Chapéu d'Uvas; toda a Oceania e todo o Xingú, Séca e Cebolas, Méca e Macáu; fui ao centro da Africa e fui ao extremo da America, ao alto do Monte Branco e ao fundo do Mar de Hespanha; subi ao Kilimandjaro e ao Morro do Nhéco, ao Everest e ao monte... do Soccorro, ao Illampú e ao morro da Viuva, ao Corcovado e ao Kassoumbo; naveguei o Mississipi e o Guandú; o Yang-tse-kiang e o Rio-Doce, o Maracanan e o Pactolo; o Amazonas e o Mangue, o Scamandra e o Bengala. Tudo vi, tudo conheço, de tudo sei. Nenhum paiz maravilhoso ou desconhecido, phantastico ou fabuloso, me resta percorrer. Todos os lagos, todos os mares, todos os rios, todas as

montanhas, todos os volcões, todas as cidades, todas as maravilhas do mundo conheço e vi. Para que, portanto, viajar ainda? Que novidade poderei vêr? Que de extraordinario encontrarei? E o viajadissimo Dr. Uff cahia desanimado sobre a sua poltrona de estudo.

Nestor teve então um sorriso de triumpho e, inclinando-se ao ouvido do tio, murmurou com accento satanicamente tentador :

— Ha um paiz que não conhece e que é mais maravilhoso que todos :— o *Fornal do Commercio*.

A estas ultimas palavras o velho sabio saltou dos braços da poltrona aos do sobrinho, soluçando de jubilo :

— Sim! sim! O *Fornal do Commercio*!... a sexta parte do mundo! A caminho, Nestor!...

— E as malas e os apetrechos e os instrumentos, papai Uff?

— Sim, tens razão; e pulando sobre o tympano, fel-o resoar fortemente.

— A's ordens; gritou Petitpois, apparecendo á porta.

— Petitpois, meu velho, meu excellente amigo Petitpois, partimos amanhã de manhã:—Eu, Nestor e tu. Vamos viajar.

E como na physionomia do criado se lesse claramente o espanto, a interrogação muda :— Aonde mais poderemos ir? Nestor lhe disse simplesmente, com toda a segurança e naturalidade :

— Ao Inferno!

Petitpois inclinou-se profundamente e respondeu :

— Tudo ficará prompto esta noite.

CAPITULO III

Partida e chegada

A's cinco horas da manhã do dia seguinte, estavam o Dr. Uff e o sobrinho escrupulosamente vestidos, como *touristes hors ligne*, que se prezavam de ser, e inteiramente preparados para o que dêsse e viesse.

De pé, junto á sua enorme secretária, o Dr. Uff acaba de encher a sua bolsa de tiracollo de: —escovas, pentes, tesouras, canivetes, lentes, pequenos vidros com saes, pinças, bisturis, espelinhos, lapis, compassos, alicates, navalhas, sabonetes, emfim: — uma infinidade de objectos de que sempre se utilizam os viajantes, e cuja falta os desespera. Nestor, trajando um fato escuro e justo ao corpo, com o seu *bonet* de pelles á cabeça, o binoculo e a frásqueira á bandolina, a faca no cinturão, accende nm charuto quando Petitpois lhes annuncia:

- O balão está prompto.
- Nada falta? pergunta o doutor.
- Creio que não, senhor.
- As espingardas? Os microscopios? Os oculos?
- Tudo está.
- E as provisões?
- Arrumadas.
- Bem, a caminho, então.
- A caminho, papai Uff.

O balão era magnifico.

Fôra producto da profunda meditação e sabedoria do doutor, que o inventára após dilatados annos de estudos e innumeras experiencias.

Accommodados nelle os tres viajantes, foi cortada a amarra, e num instante subiu o balão no espaço, a grande altura.

A viagem foi longa e penosa. A primeira difficuldade a vencer foi a falta de um roteiro exacto ; havia carencia de mappas daquella região, e os que o illustre sabio consultava eram obscuros e deficientes.

Além d'isso, por mais que os procurasse, não encontrou livros, sequer simples apontamentos, sobre ella. Dahi uma grande incerteza na direcção do aerostato : norteavam-se por supposições mais ou menos razoaveis. Mais de uma vez lhes succedeu, depois de muitas milhas andadas, retrocederem, por se haverem enganado. Depois, o vento nem sempre lhes era de feição, e de uma feita, com tal furia soprou, que a pobre machina, batida e acossada pelo furacão, desconcertou-se e cahiu exhausta no canal do Mangue, onde encalhou.

Não foi este, comtudo, o seu mais grave revez. Uma noite tenebrosa e humida, o Dr. Uff, acreditando estar o balão a pino sobre o campo da Acclamação, fez descel-o ; qual não foi, porém, o seu espanto, quando, depois de algum tempo, reconheceu que, em vez de descer, estava a machina immovel, estacionada no espaço !

Sómente pela manhã puderam verificar a causa de tão estranho phenomeno : o balão estava preso por uma parte da cordagem superior á flexa de uma torre de igreja.

Finalmente, depois de um mez de viagem, reconheceu o doutor as montanhas do fantastico paiz a que se destinavam ; fez baixar o balão, e pôde, emfim, distinguir o grande rio, tão celebre pelas suas riquezas e pela estranha raça que o navega, e que suas margens povôa :—a rua do Ouvidor.

Eil-os, emfim, chegados. A machina aerea é rapidamente desmontada, e, num abrir e fechar de olhos, transforma-se em um soberbo carro mecanico, mo vido á electricidade.

—Cá estamos finalmente, papai Uff; vou emfim satisfazer a minha maior aspiração!

—Ah! como me sinto bem! mais vigoroso e mais moço do que tu, Nestor. Era este o unico pedaço do mundo que meu pé não havia calcado ainda: eis-me n'elle. De volta d'esta viagem, poderei morrer, porque para mim a vida já não terá mais novidades, nem mais segredos.

E o Dr. Uff retesava o busto altivamente, batendo o pé nervoso sobre aquella terra encantada, como sobre um paiz de conquista.

Petitpois nada dizia, mas conhecia-se em seu rosto sizudo e frio, que se achava contente com a alegria de seu amo.

Aberta na muralha immensa que cercava o reino maravilhoso, havia uma porta enorme, de ferro e pedra. A' sua entrada, um gigante encanecido e versudo deteve os viajantes: era o porteiro. Declarou-lhes que a visita ao paiz custava cem réis por cabeça sendo de um dia a estada, e oito mil réis sendo de tres mezes.

O Dr. Uff, conhecendo ser insufficiente um só dia para uma visita rigorosa e completa, comprou bilhete de admissão por tres mezes. Em seguida procurou um guia, um roteiro de viagem. Não havia.

Nada sabendo d'aquellas regiões semifabulosas, era-lhes bem difficil atravessal-as.

Felizmente appareceu-lhes um indigena que conhecia e fallava a lingua dos visitantes, e que se lhes offereceu para cicerone. Foi acceito com alegria.

Era um homem ainda moço e extremamente

trefego e intelligente:—talhe flexivel e robusto, tez morena, maneiras nervosas e soltas. De resto—jovialissimo. Declarou chamar-se Nitoco e conhecer o seu paiz tão perfeitamente como as palmas de suas mãos.

Depois annunciou aos viajantes que, para penetrarem no interior do reino, era preciso transpôr a grande montanha que estavam vendo,—coisa que demandava um ou dous dias.

Explicou que aquelle cordão de montes servia a um tempo de limite e de fortificação ao paiz.

Chamavam-lhe os naturaes:— *Artigo de fundo*, nome que na sua lingua quer dizer — *Monte Branco*.

Depois subio ao carro, onde sentou-se entre o doutor e o sobrinho, indo Petitpois no compartimento da machina locomotora, dirigindo-a.

Um assobio estridulante scindio os ares calmos, e o carro partio veloz.

CAPITULO IV

O Monte Branco

A principio o declive era suave e pouco sensível, em razão de subir a estrada pela fralda da montanha, contornando-a. O vehiculo corria sem difficuldade, porque o terreno era de um *estyllo* liso e firme.

A atmospheria estava bastante fresca, e um ventosinho picante açoutava a ramagem das *phrases* sobre a grimpá dos *periodos*.

Havia um grande silencio, apenas cortado de quando em quando pelo surdo rumor da *argumentação*, que se ouvia abaixo dos pés como um mar subterraneo.

Porém, depois de uma hora de marcha, começou a estrada a tornar-se difficil, muito accidentada. O *estyllo* cavava-se em varios pontos, abrindo temerosos buracos, que ameaçavam engolir o carro. E houve um ponto em que foi absolutamente impossivel a sua passagem, tão alcandorada e estreita se apresentava a estrada. Apearam-se os viajantes, e depois de desarmado o vehiculo, ficando cada um delles encarregado de transportar as peças que o formavam e que, como por encanto, haviam diminuido extremamente — tão engenhosas e aperfeiçoadas eram — puzeram-se a caminhar a pé, armados de longos cróques.

A ascensão tornava-se cada vez mais penosa ; para fazel-a grimpavam pelos *periodos* esgarçados, arranhavam-se nas *phrases* erriçadas, cabritavam de *verbo* em *verbo*, de *adjectivo* em *adjectivo*. Por fim, acharam-se em uma grande altura, sobre um pequeno *plateau*, donde se descortinava largo espaço.

Estavam certamente no cume da montanha, conhecida pelo nome de *Argumento-mór*. De repente, um rugido assustador e proximo sobresaltou os viajantes, os quaes engatilharam logo as espingardas, crendo que iam receber a visita de algum tigre ou chacal. Mas Nitôco tranquillizou-os logo :

— Não se assustem. E' o « *Ha sido* ». Venham commigo.

E foi os encaminhando.

Poucos metros adiante, estava sentado sobre o pico de uma *oração complementar* um velho verbo composto, a physionomia austera e carregada, os olhos fuzilantes, e o dedo indicador da dextra apontando solemnemente uma *ponderação*, que mais adiante se levantava. E ao vêr approximarem-se os estrangeiros — os quaes naquelle paiz são conhecidos pelo nome de *leitores* — o monstro murmurou com cavernosa voz :

— *Ha sido ! Ha sido !*

— E' o Dr. *Ha sido*, escriptor classico, explicou então o cicerone. Sómente apparece nesta montanha e nas occasiões solemnes e graves ; fóra disso, ninguém o vê.

Começou então a descida.

Daquella altura immensa via-se lá em baixo, bem no fundo, o valle verdejante.

— Cuidado, meus senhores, cuidado ! exclamou Nitôco.

Mas foi tardia a recommendação: Nestor, Petitpois e o Dr. Uff acabavam de despencar pela montanha abaixo, degradingolando, até virem cahir de cabeça nas aguas verdes de um profundo canal.

Immediatamente Petitpois tirou da mala um bote portatil de caoutchouc, e, depois de armai-o, deitou-o n'agua.

Todos embarcaram, inclusive Nitôco, que acabava de chegar.

CAPITULO V

Para a Gazetilha

Sobre a face das aguas mornas, estagnadas e tristes, boiavam largas vegetações redondas e esverdinhadas, que, segundo informou Nitôco, eram conhecidas na botanica da terra pelos nomes de *Deferidos*, *Indeferidos*, *Complete o sello*, e de outras plantas aquaticas. «Expediente da Provincia» chamava-se o canal.

Pouco depois, desembarcaram, tomando pé em uma clareira arida e solitaria, toda plantada de postes telegraphicos, cujos fios se emmaranhavam como uma enorme teia de aranha.

— Eis o *Valle dos Telegrammas*, annuncia Nitôco.

— E d'aqui para onde vamos ? inqueriu Nestor.

— Para a *Gazetilha*.

— *Gazetilha* ? que diabo quer dizer isto ?

— *Gazetilha* quer dizer «cidade das noticias.» E' a capital do reino.

E como havemos de ir lá ? perguntou o doutor.

— Verá. A Agencia Havas se encarrega de nos transportar.

Comprados os respectivos bilhetes no escriptorio da agencia, subiram os quatro excursionistas a um dos fios telegraphicos com armas e bagagens; ouviu-se um trilintintar de campanhias electricas, e dentro de um segundo, emquanto o Dr. Uff coçava um dos olhos em que um argueiro havia cahido, encontraram-se no chão, diante de uma grande porta aberta.

— Entremos ; disse Nitôco.

CAPITULO VI

Cidade das Noticias

Entraram.

E ficaram perplexos, atordoados pelo rumor, perdidos no meio da extraordinaria confusão e do movimento que enchiam as ruas.

Mas Nitôco alli estava para oriental-os.

— Façamos as cousas em ordem, meus amigos. Começemos pelo principio : vamos á CÔRTE.

E introduziu-os logo em um vasto palacio, emudecido e velho.

— Que palacio é este ? perguntou Nestor.

— É' a *Quinta da Vista Bella*.

— E o que vem a ser a *Quinta da Vista Bella*? inquiriu por seu turno o doutor.

— É' o palacio real. Silencio, e vejam.

Pelo extenso corredor que ia desembocar em um vasto e pomposo salão, desfilavam gravemente, a um de fundo, algumas duzias de individuos encaçados, ceremoniosos, cobertos de crachás e douraduras. Cada um delles logo que chegava em face do monarcha, que se entrevia ao longe, no fundo do corredor, dobrava-se solememente pela cintura, a cabeça baixa, os braços pendentes e o *claque* ou o chapéo de bicos posto sobre o braço ou seguro na mão esquerda, finamente enluvada. Depois, desdobravam-se lentamente e saham por uma outra porta, cedendo o lugar aos outros.

— Que faz esta gente ? indagou Nestor.

— Estão comprimentando Suas Magestades.

— Ah ! percebo.

— Olhem ; vou-lhes apontar algumas das notabilidades da terra : ali vai o conselheiro Qualquer Cousa, homem de Estado; o Conde de Sambaguixaba, o barão de Pariquéra-Assú, o Dr. Rasteira e Queda, vereador ; o principe Obá II. . .

— Qual ? perguntou Nestor. E' aquelle de chapéo de plumas e dragonas douradas ?

— Não ; aquelle é o Fabricio Bermudes, coronel da guarda nacional. O principe é aquelle outro, côr de chapeu preto, lunetas azues e luvas amarellas.

E continuou :

— O commendador Bemvindo Reis, o general Roum, o barão de Cayapó, a commissão da Sociedade Familiar Dramatica Musical Flôr do Sacco do Alferes, o conselheiro Pitada e sua senhora, o major Morin, o desembargador Capiberibe, sua senhora e quarenta e dous filhos ; o chefe de policia, o mandarim Tchín-Tchan-Fô, o visconde de Itapanhoacan . . .

— Basta, meu caro ! interrompeu o doutor, puxando Nitoco por um braço e arrastando-o para fóra da Côrte. Safa ! Estou empanturrado de nobreza !

Ao chegar á rua, Petitpois ia sendo victima de um desastre : dous grandes carros, tirados a mulas por sobre trilhos, cruzavam-se na occasião em que o pobre rapaz atravessava a rua, sem que, felizmente, nada lhe houvesse esmagado, a não ser o chapéu, nem rasgado, além das calças.

— POR UM TRIZ ! exclamou Nitoco.

— Ui ! bradou de repente o Dr. Uff, e cahiu logo ao chão.

— Que é isso ? acudiu Nestor.

— CAPOEIRAS !

E enquanto erguiam o pobre sabio, que apertava a barriga com as mãos, o cicerone explicou que *capoeira* na lingua da terra queria dizer navalhista, e que o doutor podia-se dar por muito feliz em ter apenas chuchado uma ligeira incisão no abdomen, porque em geral, quando acontece ser a gente aflagada pelos capoeiras, fica com as tripas ao léo.

— E não se prendem esses malvados? Berrou Petitpois, furioso, querendo correr-lhes no encalço.

Mas foi em vão:—a banda de musica, á frente da qual marchavam os capoeiras, já ia muito longe e a policia brilhava pela ausencia.

O Dr. Uff não erahomem que succumbisse a uma navalhada. Entrou na *pharmacia proxima*, e, depois de convenientemente medicado pelo doutor Acode Logo, pôz-se de novo a caminho com os companheiros.

— Ora bem; disse-lhe amavelmente o seu guia; isso não foi nada. Para distrahir-o um pouco, vou leval-o a um logar magnifico. Introduzio-o em um pavimento terreo de um velho palacio urbano. Aquillo tinha um aspecto de sessão solemne:—sentados em velhas cadeiras, varios cidadãos, não menos velhos, dormiam beatificamente em presença do monarcha, realmente adormecido tambem; apenas não dormia um unico, porque estava lendo fanhosamente em um monstruoso calhamaço.

— Que é isto?

— É o INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO, informou Nitoco; —um dos estabelecimentos scientificos mais antigos e mais uteis do paiz.

— Oh! muito util; tartamudeou o doutor, adormecendo tambem, resolução em que foi apoiado francamente por todos os companheiros.

Ao fim de duas ou tres horas de *sessão*, sahiram de novo á rua.

Mas decididamente a sorte não lhes corria propicia. A cada passo esbarravam com DESORDENS, FERIMENTOS, PRISÕES, NAVALHADAS, APITQS DE SOCCORRO, INCENDIOS, DESMORONAMENTOS, TERMOS DE BEM VIVER; o diabo!

Um dos episodios mais interessantes d'essa excursão aventureira foi o da *vermelhinha*. Um jogador d'ella, achando os estrangeiros com caras d'isso mesmo, tratou logo de os explorar. Para conseguil-o, convidou-os a entrarem com elle em um supposto museu artistico, onde os illustres viajantes muito teriam que admirar. Por caiporismo d'elles, Nitoco tinha-os abandonado, havia instantes, para ir dar uma vista de olhos aos BAILES CARNAVALESCOS, que estrugiam em varios salões; e os pobres visitantes, ignorando a esparrella em que os queriam apanhar, foram visitar o tal museu.

Coitados! Dentro de um quarto de hora estavam correctamente *limpos*: a *vermelhinha* havia-lhes lambido todo o dinheiro que tinham. Aquillo era uma ladroeira!

Nestor queria estripar os audazes gatunos, e Petitpois já se offerecia para lhes tirar as pelles, que o doutor levaria para o seu paiz, como recordação daquelle que estavam visitando, quando em meio do chinfrim appareceu subitamente um magote de *urbanos* (nome com que os naturaes designam os agentes de policia). Então é que foi bonito; houve pranchada, murro e cabeçada a valer. No fim da festa, foi tudo de cambulhada para o xadrez: furtadores e furtados. Petitpois perdêra na refrega a orelha esquerda, que um dos taes *urbanos* lhe cortára com um golpe de refle, e o illustre sabio, ainda mal curado da navalhada de ha pouco, passou pelo dis-sabor de perder os olhos.

Quanto a Nestor, esse havia arrancado um chanfalho das mãos de um dos policiaes, e, graças a uma distribuição geral, equitativa e cega, de bordoadas velha á direita e á esquerda, havia conseguido escapolar dos gatazios da autoridade, e déra ás de Villa Diogo. Depois de umas tres horas de reclusão no chilindró da estação policial a que haviam sido recolhidos, á espera que chegasse o respectivo commandante, foram os nossos heróes postos emfim no olho da rua.

Mas, em que estado, Santo Deus?! Um sem uma orelha, o outro sem os oculos, ambos sem dinheiro nos bolsos e com muita pancada nas costas.

E, de mais a mais—Nestor havia desaparecido e Nitôco não reaparecia!

Como enconral-os no meio da balburdia immensa daquella cidade diabolica? Ninguem os entendia e elles não entendiam ninguem. Não conheciam as ruas, as praças e os estabelecimentos; não tinham dinheiro para andar de carruagem, nem tão pouco tinham pernas para marchar a pé, porque os desgraçados estavam litteralmente moidos, escangalhados de fadiga.

— Estamos perdidos, meu amo! choramigou Petitpois.

— Parece; respondeu fleugmaticamente o doutor, accendendo o cachimbo.

CAPITULO VII

Perdidos na « Gazetilha »

O velho naturalista, antes que deliberasse sobre qualquer negocio, tinha por costume reflexionar maduramente. Assim, pois, tratou de procurar um banco, onde a seu commodo pudesse meditar sobre a estranha situação em que se encontrava. Não foi difficil: a poucos passos estava o BANCO DO BRAZIL. Sentou-se nelle, e, enquanto Petitpois sahia em pequena viagem de exploração, entrou a parafusar.

Onde estariam? Antes de tudo, era o que convinha indagar.

Mas de que modo, se não entendiam a lingua da terra?

Seria talvez conveniente empregar a mimica; era uma *lingua* universal.

— Está dito. Experimentemos.

Passava nesse momento um sujeito de grandes barbas encanecidas, oculos de ouro e a sobrecasaca abotoada.

— Meu caro senhor. . .

O desconhecido continuou caminhando imperturbavelmente, sem fazer caso do Dr. Uff.

— Meu caro senhor! volveu este de novo, acompanhando o individuo; poderia fazer o obsequio de me informar qual o meio de eu me safar d'aqui?

— CONSTA-NOS; respondeu o outro muito serio, caminhando sempre.

— *Consta-nos?* que diabo quer dizer *consta-nos?* mentalisava o pobre sabio, muito intrigado.

Mas Petitpois acabava de chegar, e, cahindo

sobre o banco, murmurou, com a voz trahida por profundas angustias :

— Ah ! meu amo, estamos decididamente perdidos ! Quiz vêr se encontrava o seu sobrinho, ou o encantado Nitôco, e puz-me a andar ás tontas para um lado e outro. Esbarrei com um hospital. Fugi assustado. Entrei num bello estabelecimento ; um doutor de bigode e cavaignac louro agarrou-me e queria vaccinar-me á força com um liquido a que elle chamava na sua lingua atravessada— *cultura do microbio*. Custei a me safar !

— E vaccinou-te ?

— Bôas ! Dei tal safanão, que atirei pelos ares, microbios, doutor e tudo. Não imagina que supplicio: ora encontrava um *capoeira* que me mettia a cabeça pelos queixos, ora um *ratoneiro* que me enfiava as mãos pelos bolsos. Depois era uma MORTE SUBITA : — um typo, que morria de repente, fulminado de apoplexia, cahindo-me nos braços como um tram-bolho. Mas adiante era uma *philarmonica* que me ensurdecia, um *trem de ferro* que me ameaçava as pernas, uma *subscrição* que se me agarrava ás abas do casaco. . . um inferno ! Um inferno, meu amo ! Um inferno !

— Não desanimes, meu rapaz ! volveu-lhe o doutor ; dá-me o teu braço e caminhemos ao acaso ; pois aqui não ha que pensar.

E lá se foram os dous tristemente, furando a multidão, dobrando esquinas, atravessando praças.

CAPITULO VIII

Onde estava Nestor

Nesse momento bem estranha e penosa era tambem a situação do sobrinho do illustre sabio. Igualmente perdido naquella babylonia, andou, como Petitpois, batendo atarantado com a cabeça por toda parte. Subiu ao IMPERIAL OBSERVATORIO ASTRONOMICO, foi ao PASSEIO PUBLICO, á ALFANDEGA, ao THESOURO NACIONAL, aos *ministerios*, ás *secretarias*, ao NECROTERIO, á CITY IMPROVEMENTS, ao RESERVATORIO DO PEDREGULHO, á EMPREZA GARY... Por fim, fatigadissimo, foi dar com os ossos no *Hospicio da Praia Vermelha*.

Lembrou-se então de se fingir maluco, para vêr se lhe dariam cama e mesa de graça. Mas nem assim: exigiram-lhe attestados que provassem que elle era realmente doudo.

— E, demais, concluiu o director (que estava habituado a se fazer entender por mimica), não ha um só logar desoccupado, temos aqui *pancadas* a deitar fóra.

Não houve remedio senão correr de novo a coxia.

Pobre Nestor! Desgrenhado, livido, cansado, sem vintem, sem amigos e sem chapéu, que fazer?

Recomeçou a caminhar febrilmente, ao acaso... De repente, deu de cara com o portão de uma especie de jardim ou cemiterio. No alto da arcada lia-se em lettras gothicas esta palavra, unica e pavorosa, mas para elle inintelligivel :

Obituario

Entrou.

Immediatamente, o portão fechou-se sobre elle; invisíveis mãos agarraram-no. Gritou: a solidão abafou-lhe a voz. Quiz correr: as pernas eram de chumbo.

— Eu sou a *Tuberculose Pulmonar*! murmurou-lhe uma voz ao ouvido. E's meu!

— Eu sou a *Febre Amarella*, disse outra voz. Acompanha-me.

— Eu sou a *Perniciosa*.

— E eu o *Typho*.

— E eu a *Hepatite*.

— E eu a *Variola*.

O infeliz pôz-se a tremer e a chorar; por fim fez um esforço sobrehumano, e, conseguindo desentorpecer as pernas, largou a correr em direcção á porta; mas atrás de si ouviu passos precipitados e vozes horriveis que bradavam:

— Vem cá! Vem cá!

O portão estava fechado. A *Febre Amarella* ia empolgal-o com sua mão esqueletica, quando uma voz conhecida bradou do lado de fóra:

— Nestor! Nestor! Estás ahi?...

Era o Dr. Uff. Estava salvo!

CAPITULO IX

Em que Nitoco apparece para de novo desaparecer

— Nestor !

— Papai Uff! Exclamaram o sobrinho e o tio, abraçando-se por fim, fóra do *Obituario*.

Petitpois, a um lado, enxugava commovidamente uma lagrima.

— Por onde andaste ?

— Por onde andou? perguntaram-se a um tempo.

O que acontecêra a Nestor já o sabem os leitores; escusado é, portanto, acompanhá-lo pela narração que dessas estranhas aventuras fez ao tio.

Este por sua vez contou-lhe rapidamente os episodios, ora tristes, ora bizarros, mas imprevistos todos, em que se vira envolvido, e que já conhecemos até o ponto em que, desorientados, inteiramente perdidos nos meandros da *Gazetilha*, se resolvêra, dando o braço ao seu fiel *fac-totum*, a entregar-se aos caprichos do acaso. Depois de muito andar e desandar, anoiteceu-lhes em uma praça arborizada e rumorosa, atravancada de carruagens e continuamente atravessada de passeiantes.

A fome batia-lhes ás portas do estomago como Catilina ás de Roma.

Nada mais possuíam além das pobres roupas que traziam vestidas. A' medida que se entranhavam naquelle exquisitissimo paiz, foram-se desfazendo da bagagem, quer para com o producto da venda dos objectos acudir a necessidades inilludiveis, como porque muitos delles se lhes tornaram verdadeiros trambolhos.

Estavam positivamente na *onça*. E que *onça*!

Nem um nikel para biscoutos !

O doutor chegou a lembrar-se — e uma tal imaginação bem descreve o pobre estado do seu espirito — de ensinar mathematicas, astronomia ou botanica, alli mesmo, na praça publica, ao primeiro transeunte que topasse — a troco de alguns vintens, o bastante para accudir aos reclamos impertinentes da fome.

Por sua parte, Petitpois não se conservava inactivo. Encontrando um taboleiro de gulodices, posto sobre dous cavalletes e aparentemente abandonado, achegou-se-lhe subtilmente, com fome, e, portanto, sem consciencia, e empalmou alguns pés de moleque e bolinhos, dos chamados *mãï benta*.

Mal retirado ia-lhe ainda o braço, quando se lhe aferrou, rigidamente um gatazio adunco, obrigando-o a despegar das petisqueiras, emquanto um bem lançado sopapo lhe rapava o chapéo da cabeça e afocinhava longe o esfomeado Petitpois, sobre o seio indifferente de incauta e gordalhaça matrona.

Sarapantados, deram lepidamente aos calcanhares, amaldiçoando aquelle paiz e fantasiando pães frescos.

Subitamente lembrou-se o velho naturalista de que lhe restava ainda, em um dedo, — o seu rico anel de diamantes e rubis.

Elle adorava-o, ao seu rico anel ; mas a fome, a negra e apertada fome, é inimiga do amor ás bijou-terias, como de todos os amores.

Entrou em uma loja de ourives e apresentou-lh'o — o seu bello e precioso anel.

O joalheiro mal lhe passou os olhos, passou a examinar desconfiadamente o estrangeiro que tal prenda lhe offercia.

Achou-o certamente em demasia farrapão para poder ser o legitimo proprietario de tão linda joia, e como afinal elle, joalheiro, era um homem de principios

sãos e tinha a propria consciencia menos falsificada que as pedrarias que impingia aos freguezes, — mandou chamar pelo caixeiro, disfarçadamente, a policia.

Mas Petitpois, que estava á porta, de olho vivo, farejou longe o chanfalho da Segurança Publica e inopinadamente, sem dizer palavra, arrebatou o anel das mãos do ourives e arrastou o estupefacto doutor para fóra da loja a reboque.

Dahi por um nada, grillavam apitos e gritava-se de todas as partes : — Pega ladrão ! atraz dos passos dos infelizes. Mas era tarde !

E eil-os de novo sem esperanza de matar a fome.

Mas Petitpois, que é sem duvida um genio, confiava seguramente nos inesgotaveis recursos do seu cerebro.

De facto, ao passarem por um grande kiosque illuminado, todo florido de bandeirolas, em cujo interior se divisavam bellos renques de appetitosos pães e longos rosarios de tentadoras roscas, uma subita idéa salvadora atravessou relampadejante o cerebello de Petitpois. E, despindo rapidamente o paletot, soprou com voz tremula ao ouvido do amo estas palavras :

— Vendamos os casacos !

O doutor comprehendeu e obedeceu-lhe.

O kiosqueiro abençoou os deuses que tão propicio negocio lhe mandavam, e dentro em cinco minutos, em troca de alguns pães, de algumas roscas, e duas canecas de pessimo café, augmentava a sua rouparia com os paletots dos miseros peregrinos, que ainda estavam em muito bom uso, — os paletots, bem entendido.

Foi uma orgia, uma famosa orgia de café com pão. Mas lá diz o vulgo : barriga cheia, pé dormente. Quer isto dizer que dahi por um quarto de hora dormiam os nossos amigos a bom dormir sobre uns bancos da praça.

Quando acordaram, estavam nas mãos de alguns *urbanos*, que nada o pareciam, em verdade.

De um banco de praça para uma estação policial não ha mais que um passo : elles que o digam, os desgraçados *touristes*.

Ou porque a estação já estivesse repleta, ou porque elles mais parecessem mendigos do que vagabundos perversos, o que é certo é que foram dar comsigo em um asylo de mendicidade.

Ahi estariam certamente ainda agora, se, por um acaso verdadeiramente providencial, não houvessem encontrado em uma das salas, a conversar com o director do estabelecimento...

Ora imaginem quem!

Nitôco! O impagavel e desaparecido Nitôco!

Estavam salvos!

D'ahi partiram os tres em procura de Nestor, com escala pelo *Pobre Jacques*, onde, a expensas do generoso Nitôco, Petitpois e o doutor se encasacaram de novo.

O perspicaz cicerone atinou sem demora com o paradeiro do pobre rapaz :

— Está com certeza, no *Obituario* ; exclamou. Em geral, os estrangeiros apenas chegam aqui, vão logo dar com os ossos no *Obituario*. Corramos lá.

E não se havia enganado o excellente Nitôco...

Mas—estranho caso!—no momento mesmo em que Nestor apparecia, atirando-se nos braços do tio, desapareceu o cicerone, subitamente, como um satan de opereta.

— E' um paiz das Arabias e uma gente dos diabos! considerou preoccupadamente o naturalista, dando pela ausencia do guia.

— Fugamos! concluiu Petitpois.

— Fugamos! apoiou Nestor.

CAPITULO X

Novos transes

Vinha rompendo a manhã. O Dr. Uff, tomado de nostalgia scientifica, aproveitou o ensejo do amanhecer para empurrar ao sobrinho e ao criado uma erudita e longa dissertação explicativa da posição e das funcções da terra no systema planetario.

Ia porém sahindo cara ao illustre sabio essa imprudencia. Foi o caso que, passando na occasião por alli um natural do paiz, ouviu aquelle desconhecido falar em — perihelio, gravitação terrestre, rotação, translação, Kepler, Newton, Herschell e quejandos palavrões suspeitos.

Como houvesse imaginado que aquelle sujeito estava falando do que não entendia, foi logo direito a elle, e intimou-o a que o acompanhasse.

— Mas para onde? indagou, assustadissimo, o Dr. Uff.

— Por ora vai para o Instituto Historico. D'alli ha de ir mais tarde para a Immortalidade.

Calculem o susto do outro!

Foi um aperto dos diabos!

Para que finalmente pudesse escapulir da entaladella e evitar o Instituto foi preciso que o grande sabio demonstrasse com exuberancia ao seu inopinado recrutador—que entendia devéras da materia sobre que estava discorrendo. Apenas se convenceu disso, deu o outro ás de Villa Diogo.

— Irra! Que paiz damnado! Prendem a gente por tudo e por cousa nenhuma! Olhem que nem um pouco de astronomia se póde fazer á vontade! Assim nem na Cafraria! Ponhamo-nos ao fresco!

— Ao fresco!—repetiram os outros em côro.

E puzeram-se logo a andar, anciosissimos por se pilharem fóra daquelle paiz maldito.

De repente, como procurassem orientar-se do caminho que levavam, repararam que já não estavam em meio do ruído e da confusão da grande cidade, mas sim em um estreito e prolongadissimo becco.

De um e outro lado havia esguios e altissimos predios, de uma janella ou duas no maximo, e em cada janella homens debruçados, berrando para a rua umas cousas inintelligiveis e naturalmente muito importantes

— Onde estamos nós? perguntou Petitpois.

— No *Becco dos Avisos*; respondeu Nestor, lendo em uma placa de esquina.

— Ha de ser alguma rua de doidos; ponderou o naturalista.

— Ouçamos o que elles gritam :

— O *Dr. Salsaparrilha ! medico*, dizia um, *consultorio, becco dos Afflictos n. 39 ; residencia, morro do Nheco.*

— *Conselheiro Perde-Ganha, advogado*; bradava outro.

— *Companhia Thelephonica !* barregava um terceiro.

— *Camisaria sem rival !* businava outro.

— *Grande liquidação !*

— *Patarata & C., commissarios.*

— *Fockey-Club !* Grandes corridas.

— *Estrada de ferro da Parvonía ao Chopotó.*

Era um berreiro atordoador. Os tres viajantes corriam desesperadamente, fugindo daquelle becco infernal.

Dahi por pouco estavam em uma especie de *Forum*; em uma larga placa sobre a vasta portaria, em lettras de bronze, lia-se : PARTE JURIDICA. Aquillo era solemne e massador.

Meirinhos corriam; porteiros apregoavam; juizes, togados e somnolentos, liam sentenças, meneando varas; escrivães lengalengavam fanhosos; campainhas retintintavam; advogados arrazoavam, desarrazoando; homens e mulheres iam, vinham, supplicavam, appellavam, gemiam; petições, recursos, embargos, revistas, precatorias, execuções atropellavam-se, atropellando os transeuntes.

— Arre! gritou o naturalista, esbarrando em um desembargador.

— Irra! regougou Petit-pois, a quem um agravo havia aggravado um callo.

— Urra! urrou Nestor, escorregando em um edital e cahindo de ventas sobre uma grande pedra, sob a qual dormia um inquerito.

Afinal safaram-se, felizmente, sãos e salvos, com camisa e pelle; o que lhes pareceu, embora não conhecessem os usos do paiz, cousa bem extraordinaria!...

— Ahi temos outra! gritou logo depois Petit-pois.

— Que diabo é isto agora?

— Ora, que ha de ser?... E' um novo *rolo*, suspirou o naturalista, que, de todas as palavras que ouvira naquella terra, apenas tinha aprendido a que designava desordem, pancadaria. — Vai ser bonito!

— Oh! senhor! Pois então nunca mais sahiremos daqui? Havemos de levar todo o nosso tempo a curtir fome e a apanhar pancada?...

E lagrimas, como punhos, corriam pelas crestadas faces do *fac-totum*.

— Coragem, Petit-pois, meu rapaz!... Rompamos a balburdia!

Em verdade a cousa estava feia.

Do *Forum* haviam os viajantes passado insensivelmente para um salão enorme, sumptuoso, em cujo centro, sobre alto e larguissimo estrado, havia

uma grande mesa, em ferradura, circumdada por vinte e uma cadeiras.

Em cada cadeira havia um sujeito, e em cada sujeito um quitandeiro.

Discutiam, quer dizer: descompunham-se entusiasticamente, entresanhando a argumentação de cabeçadas convictas e de pontapés irrespondíveis.

Todos elles diziam frequentemente:

— Sr. presidente! e *zás*: bordoadá á direita e á esquerda.

O tal « Sr. presidente » estava sentado ao alto da mesa, e fazia, de segundo em segundo, trilentintar um carrilhão electrico.

— Vá á fava! dizia um.

— Vá plantar batatas! respondia-lhe outro.

Ha de ser a praça do Mercado, opinou sensatamente o doutor, e, acompanhado pelos companheiros, penetrou de arremettida no troço dos *argumentadores*, abrindo brecha na floresta de bengalas e navalhas que o illustre auditorio fazia no ar.

— Coragem, rapazes! bradava o sabio, apanhando como um boi ladrão, mas rompendo sempre em demanda de uma sahida, honrosa ou não. Isso pouco lhe importava, o que elle queria é que fôsse sahida.

Nestor e Petitpois curvaram as cabeças e furaram tambem resolutamente pelo *rolo* a dentro.

Mas ah! ainda hoje as suas miseras costas sentem o *peso da argumentação* daquelles illustrissimos!

Mas... lá ao longe, descortinaram uma porta aberta e, no rectangulo luminoso, um vulto escuro, que lhes acenava vivamente, chamando-os.

Ah! Era por alli o caminho da salvação.

Mas quem seria aquelle bom anjo que para elle os convidava?...

CAPITULO XI

A toque de caixa

Dentro em pouco estavam reunidos ao seu generoso salvador.

Era Nitôco, o admiravel e pindarico cicerone, que, tão despropositadamente, sabia desaparecer, mas que, em compensação, sabia igualmente reaparecer a proposito.

Trocadas as primeiras expressões de reconhecimento, de pasmo, de indignação, e reparados os estragos feitos nas roupas e nos *vultos* dos illustres e desesperados viajantes, Nestor declarou terminantemente: — Primeiro: que estavam mortos de fome e exigiam immediata, embora ligeira, collação; segundo: que, sem perda de tempo, além do indispensavel á refeição, queriam voltar ao seu paiz, abandonar, tão depressa quanto possivel, aquelle em que se achavam e em que tão máu cabello tinham criado.

Nitôco, a quem, como representante do tal « Reino da Carocha », — como dizia o doutor — eram dirigidos esses pedidos intimatorios, sorriu bondoso, e, compadecido do misero estado daquelles homens, assim falou-lhes:

— Meus amigos. Um pouco mais de paciencia e de calma. Vejo, e lastimo-o, que têm sido caiporas nesta viagem de recreio...

— De recreio?... rouquejou Petitpois, acocado sobre um monte de pedras: — dos diabos! E' o que é...

— Caluda, Petitpois, meu rapaz! advertiu-lhe delicadamente o amo. Ouçamos o nosso illustre bemfeitor, o sabio doutor Nitôco...

— Perdão ; interrompeu este. Não sou doutor, doutor.

— Que diz?... Pois o doutor não é doutor?... E' o primeiro homem que em taes condições encontro neste paiz. E' verdadeiramente pasmoso ; palavra!

— Pois é verdade ; já me lembrei até de me pôr em exposição publica, a tostão por cabeça, visto que sou phenomenal!... Permitta, porém, que eu continue. Dizia eu que via com desgosto haverem os meus amigos sido caiporas nesta viagem dos diabos, como diz o nosso interessante Petitpois : e para lhes manifestar francamente o meu juizo a respeito, dir-lhes-ei que sou de opinião que se retirem o mais depressa que possivel fôr. A lingua, o clima, os costumes lhes são estranhos e evidentemente adversos : — ponham-se ao fresco : é melhor. Havendo sido eu quem os introduzio nesta grande patria, desejo que me concedam egualmente o prazer de os pôr fóra della.

— O prazer, hein ? E' muito amavel este indigena ! aparteou despeitosamente Nestor.

— Prazer?! Pois eu disse — prazer de pôl-os fóra?!... exclamou, com grandes mostras de pasmo, o cicerone. Oh! meus bons amigos, perdoem-me — enganei-me. A honra, a honra de pôl-os fóra era o que eu queria dizer. Oh! este maldito costume de encontrar prazer em tudo ! Mas eu prosigo. Vou satisfazer-lhes, pois, os justos desejos. Quanto ao primeiro, á comezaina, tenho o desgosto de lhes participar que não poderá ser immediatamente satisfeito...

— Mas porque?... inquiriram os tres esfomeadamente.

— Por ser impossivel: — Não ha aqui, onde estamos, nem um hotel, nem casa de pasto, nem

fregemoscas... Não ha um rabo de sardinha frita, ao menos, a lhes offerecer. Para que possam tomar algum alimento é preciso ir aos grandes boulevards exteriores chamados *Campo dos annuncios*.

— Mas onde vamos agora?...

— A' praça dos *A pedido*.

— E não ha que comer, ahi?

— Não; ahi só se come fel e terra; o mais que se póde alcançar é um pouco de mel pelos beiços. Ora muito bem; depois de satisfeitas as exigencias dos seus impertinentes estomagos, leval-os-ei e os seus respectivos proprietarios—até ás barreiras, de onde poderão tomar o caminho de sua terra...

— Perfeitamente; declararam o doutor e o sobrinho, estreitando Nitôco ao coração. A caminho!

E recommçaram a dolorosa via-sacra.

CAPITULO XII

Uma praça, um campo e um deserto

Pouco depois, achavam-se em plena «Praça dos A Pedidos.»

Detiveram-se atordoados, interdictos, entontecidos de luz, de ruido, de movimento...

A principio nada podiam distinguir claramente.

A luz era intensa, vivida, punctoria, e quasi os cegava.

— Irra! que sol! exclamou o doutor, encavalgando no nariz umas lunetas enfumadas.

— Não se assustem; é a *luz da publicidade*. Breve estarão acostumados a ella... Venham por aqui.

E os viajantes foram acompanhando Nitôco, em bicha, agarrados uns aos casacos dos outros, zigzagando por entre o povo.

Pouco a pouco foram distinguindo o que os cercava.

Homens de todas as classes, de todas as idades, de todas as côres, de todos os feitios, uns embuçados e mascarados, outros de meia mascara, alguns de rostos nús, conversavam em grupos de dous e tres, descompunham-se, esmurravam-se, comprimentavam-se amavelmente; uns choravam, riam-se outros, alguns escabujavam na lama, suinamente.

— Olá! Que é isto?... As lupercaes romanas ou o theatro grego? Que mascarados são esses que alli se degladiam com estranhas armas?... exclamou, pasmo, o doutor, detendo-se.

— São os *Anonymos*, illustres publicistas do Incognito; aquellas armas são vassouras.

— Conhece esses desconhecidos ?

— Perfeitamente. Um é *Justus*, o outro é *Tres estrellas*. Estão mascarados para que se não saiba quem realmente são.

— Como assim ? Pois já não disse que um é *Justus* e outro é *Tres...*

— Tá, tá, tá, meu caro doutor. O senhor da missa nem o *introibo* sabe. Esses nomes são os das suas mascaras, dos seus embuços ; mas os legitimos, os verdadeiros—são outros. Quer vêr ?

E assim dizendo, Nitôco aproximou-se dos duellistas e de improviso arrancou-lhes as mascaras e as capas.—Appareceram então, rapidamente descobertos, dous figurões luzidos, com fardamentos broslados de ouro, e commendas ao peito.

— Vê ? disse Nitôco, apontando os dous desmascarados, que fugiam assustados, cobrindo os rostos e abandonando as vassouras. Vê ? Um conselheiro de Estado e um director de repartição publica.

Nesse instante uma sombra mortuaria, horrifica e subtil, passava ao lado de Petitpois, que se benzeu apressadamente... Arrastava um longo mantarêu negro de infamias ; depois, com a mão esqueletica esticada á frente, parou diante de um sizudo e abdomenoso burguez, que atarefado passava, e desandou-lhe uma tremenda descompostura, muito enfeitada de villanias.

Como as physionomias dos forasteiros se volvessem para Nitôco, cobertas de interrogações silenciosas, elle explicou então :

— E' *A alma do finado*. Uma alma perdida, que vive a descompor os vivos em nome dos mortos. Atendam que isto vai ser bonito.

— « Então, bojudo e desfaçado commendador, —dizia a *Alma*—que é feito d'aquella celeberrima

liquidação?... Hein? Não me darás também notícias da *orphã desamparada*, tartufo? Lovelace de...»

Não pôde concluir. O burguez insultado, perdendo a calma, *chamou a Alma á responsabilidade*, isto é, metteu-lhe as mãos ao manto que a cobria da cabeça aos pés, e, immediatamente, aos olhos apavorados dos viajantes, appareceu, de sob o rôto envoltorio da *alma*, um zangarralhão maltrapilho, tendo uma especie de morrião á cabeça...

— Que diabo é aquillo? perguntou Nestor.

— É' um *testa de ferro*; respondeu Nitôco, batendo fortemente sobre a frente da ex-*alma do finado* uma forte pancada de *casse-tête*, que produziu uma repercussão metallica.

O commendador exclamou, então, apontando o homem da testa de ferro, que se lhe ajoelhou aos pés:

— «Bem vê o publico: o miseravel calumniador que me aggreodia tão torpemente, chamado por mim á responsabilidade, apresentou em seu logar um desgraçado *testa de ferro*. Abandono á sua triste sorte esse infeliz que, para viver, lança mão de tão vergonhosos meios. Quanto ao bandido que lhe encomendou e pagou as immundas verrinas que deu á luz contra mim; quanto a esse, entrego-o ao juizo das pessoas honestas e sensatas, que nos julgarão a ambos.»

E foi-se magestosamente por um lado, emquanto o *testa de ferro*, por outro, novamente vestido de *Alma de finado* ia offerecer os seus serviços a outros necessitados d'elles.

Os nossos amigos continuaram a caminhar difficulosamente por entre os grupos, esbarrando varias vezes com outros embuçados e *testas de ferro*.

Em certo ponto, que era o mais central e concurrido da praça, estava um grande vulto trepado em um socco de pedra e fallando ás massas.

Tinha sobre o rosto uma pequena meia mascara de velludo preto e á cabeça um chépeo de dous bicos, dourado ; a capa que o envolvia era curta, e por sob a fimbria della appareciam as pontas de umas abas de casaca bordada.

—Quem é este *anonymo* ? indagou o doutor, curiosamente.

—Ah! este é vinho de outra pipa. E' o illustre C, chefe do batalhão dos *Marios*, dos *Scevolas*, dos *Salisburys*, dos... Não lhe está vendo o chapéo armado, as abas da casaca bordada ?... E' um ministro ou compadre de ministro, esse *anonymo*. Fala por conta alheia, quer salvar a patria de encommenda e é pago pelas burras do Estado.

— Sim, senhor; está bonito.

E continuaram caminhando atravez da multidão. Aqui um sujeito, complimentando, *chapeau bas*, um illustre facultativo :

—«Cumpro um sagrado dever, declarando publicamente a minha gratidão eterna ao Illm. Sr. Dr. Sinapismo de Souza, que tão generosamente se prestou ao tratamento de minha senhora, que já estava desenganada por habeis e conhecidos facultativos, e ao qual abaixo de Deus, deve ella a vida e eu a felicidade de possuil-a...»

Mais adiante um outro, despedindo-se dos seus numerosos amigos *por este meio*, visto não ter tempo de se despedir pessoalmente de todos...

Ainda mais longe um *mosfineiro*, de gaitinha na bocca, seringando a paciencia de um pobre homem que passava pacatamente...

Uma balburdia interminavel.

Em certo momento fez Nitôco saber aos viajantes que estavam já muito perto do Campo dos Anuncios, e que para lá chegarem faltava apenas atravessar um pequeno deserto.

— Ainda um deserto ? interrogou tristissimamente Petitpois.

Quanto ao doutor, esse, nem palavra ; fumava no seu cachimbo, em silencio, para illudir a fome e o cansaço.

Nestor ia um pouco mais alegre, e chegou mesmo a dizer que talvez fôsse mais prudente pernoitar na praça dos *A pedido*, onde havia ainda muito que vêr.

E' que o rapaz, emquanto passava por ella, teve tempo de travar um ligeiro, mas esperançoso namoro com uma gentil menina mysteriosa, que assim lhe falou—a 120 rs. por linha : — « N. Tua e só tua. Cinco da tarde.—Não faltas. *Atalá* ».

Infelizmente era obrigado a acompanhar o tio e lá se foi o bello amor, tão bem principiado.

— Cá estamos no deserto ; disse o guia.

— E como se chama ? indagou o naturalista, prompto a registrar mais esse nome na sua carteira de viagem.

— *Musa do povo*. E' pequeno. Com quatro pernas atravessal-o-emos.

Assim foi de facto. Não havia signal de vegetação, nem gota d'agua naquella curta região. Mas o que deverás intrigou os *touristes*, foi a prodigiosa quantidade de pés quebrados que continuamente encontravam pelas areias, atrapalhando-lhes a marcha. A explicação que d'isso deu o cicerone foi que era aquelle deserto o lugar de preferencia procurado por uma horda de bandidos existentes no paiz e que alli vinham esperar os viajantes com destino ao Parnaso, para lhes quebrar os pés que depois arrancavam sem piedade, e que taes sicarios chamavam-se—poetas-tros.

Eil-os por fim no Campo dos Annuncios. E' inenarravel a balburdia que aqui vai. Milhares de

homens, de mulheres, de crianças apregoando mercadorias de toda sorte :—casas, roupas, perfumarias, bilhetes lotericos, hoteis, creados, drogas, livros, objectos de luxo, confecções artisticas, bijouterias, leques, dentistas, luvas, espectaculos theatraes, bugi-gangas, teteias, quinquilharias... tudo.

Um inferno grotesco, em que não se ouve ranger de dentes, —mas de taboletas.

Os viajantes, apenas viram, apontada por Nitóco, a casa de pasto em que deviam refazer as esfalfadas forças, largaram a correr na direcção della... Mas de repente ouviu-se um medonho estrondo, rapido e cavo, que a todos deixou enganidos de pavor... O Dr. Uff ergueu immediatamente a cabeça e viu uma immensa bota que servia de taboleta de annuncio a um sapateiro—vindo-lhe direita ao *côco*.

Deu um salto de tigre e com a voz entalada, a lhe tremer na garganta...

CONCLUSÃO

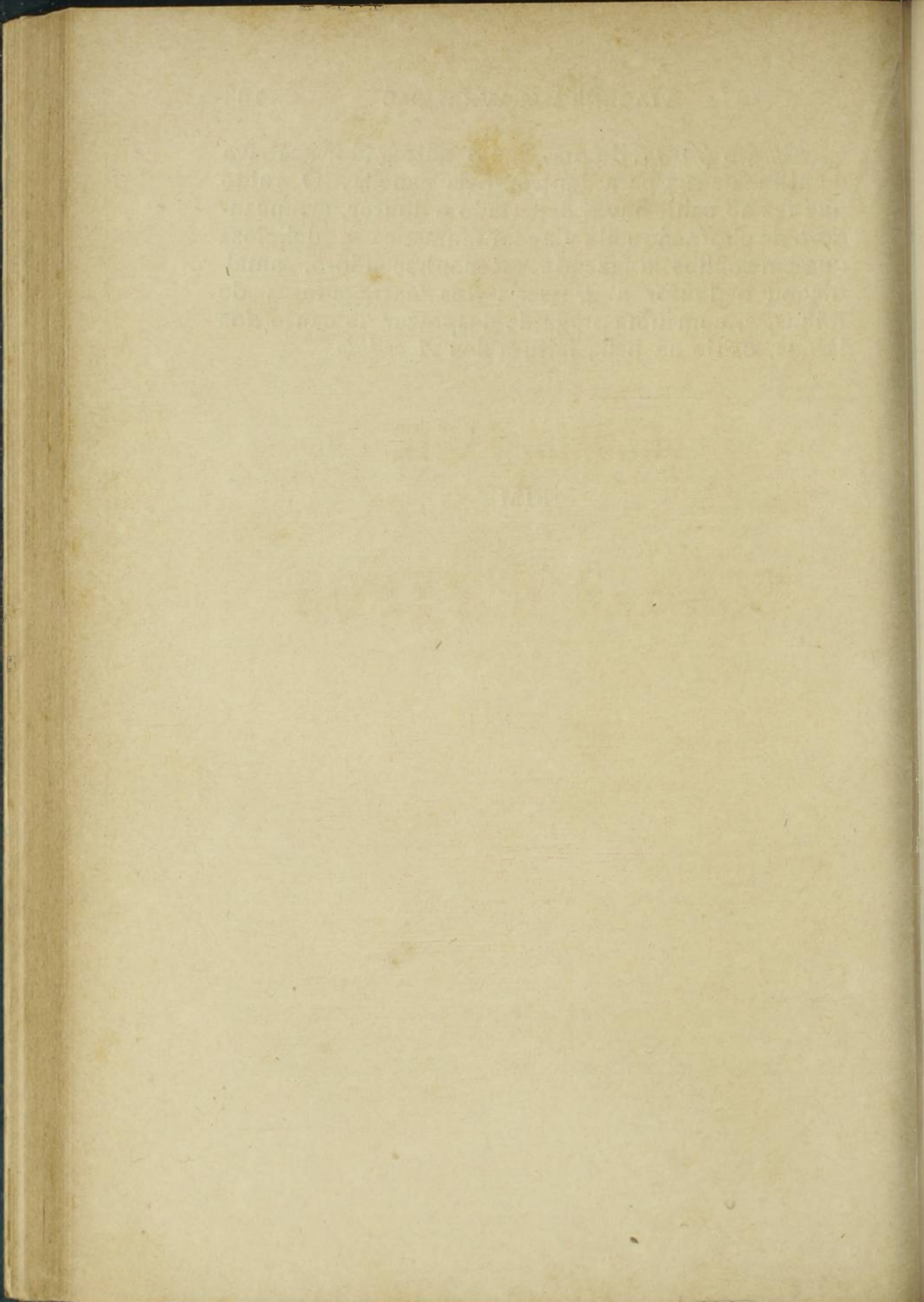
... levou as mãos aos olhos, em um arripio de estremunhamento e olhou em redor.

No seu gabinete nada havia mudado. Os passaros papeavam nas suas gaiolas e o chocolate esfriára inteiramente na chavena, pois que o naturalista adormecêra antes mesmo de principiar a tomal-o.

Fôra, pois, tudo—um sonho! Mas aquelle estrepito estranho e apavorante que o despertava—que tinha sido?... Olhou em direcção a uma janella e vio então sobre o soalho, junto d'ella — o *Fornal do Commercio*, dobrado e formando uma especie de grosso *in-folio*.

Era o *Fornal* do dia, que o entregador acabava de atirar da rua para dentro, pela janella. O ruido que fez ao cahir havia despertado o doutor, arrancando-o de chofre áquella viagem fantastica e deliciosa que em sonhos ia fazendo. Reconhecendo-o, amaldiçoou o doutor a grosseria dos entregadores de folhas, e, com uma prega de desprazer ao canto dos labios, cahio na bella leitura dos *A pedido*.

FIM



SEGUNDA PARTE

SCENAS E TYPOS

SECOND PART

THE HISTORY OF THE

so
ca
es
O
H
e
s

O DESENGANADO

— Que me diz? O Mondego?!

— O Mondego.

— Desenganado?

— Desenganado.

— E por que medico?

— Pelo Matta...

— Coitado! Está ali, está no Cajú. O Matta só se engana quando não desengana. Mas que tem elle?...

— Sei lá! Fraqueza pulmonar, congestão da espinha, nevrose cardiaca, hepatite por sympathia... O diabo! O Mondego tem o diabo!

— Pobre diabo, quero dizer:—Pobre Mondego! Ha dous mezes que o não vejo. A ultima vez que estivemos juntos foi no Congresso. Parecia vender saude... Gordo, forte, bem disposto...

— E vermelho; vermelho como um camarão torrado. Pois hojese o vires, não o conheces... Está na espi... Olha! ali vem elle... Falae no máu...

— Qual?! Aquelle de *cache-nez* côr de havana?!

— Sim.

— Safa! Já traz cara de defunto. Não o conheci. E adiantaram-se ao encontro do pobre homem.

— Então que é isto, Sr. Mondego? Que anda fazendo?

— Biscoitos, meu caro commendador; biscoitos para a viagem... respondeu-lhe o enfermo, apertando-lhe tristemente a mão.

— Qual biscoitos! homem, voltou-lhe o commendador. Está com uma cara de Paschoa! Coragem! Já o estou achando melhor; tem até uma bôa feição; não achas, Duarte?...

— Pois não! Uma feição magnifica; corroborou Duarte, que ainda ha pouco lhe achava cara de defunto.

— Bondade, meus amigos. A sua estima é que lhes faz parecer isso... Estou morto.

— Deixe-se d'isso, *seu* maricas. Ha de morrer de velho. Vamos beber alli ao Monteiro um copito do de 59. Ande dahi.

— Obrigado, commendador. É a hora da minha pilula.

— Mande ao diabo as pilulas...

— Mas o Dr. Matta...

— Mande-o fazer companhia ás pilulas... Você do que precisa é da bôa pinga, do bom caldo, do bifezinho de grélha, da geléa de mocotó.

— Sempre engraçado, sempre bondoso, commendador... Mas com licença, vou ali ao Silva Araujo vêr o meu emplastro de jurubéba...

E o pobre Mondego estendia a mão tremula, tão triste, tão desanimado, que parecia ir, na verdade, tomar o bondinho do Outro Mundo.

Mas o commendador não o largava. Ia o levando aos poucos ao Monteiro, encarecendo a excellencia de um celebre *Tres-cachos* que elle lá tinha: « Uma pinga que dá vida aos mortos, *seu* Mondego! » Que se deixasse de cataplasmas e pilulas! Comia elle? Tinha elle appetite?

— Lá muito, muito, isso não tenho. Mas sempre rôo a minha azasinha de frango. O doutor mandou que me alimentasse pouco... Cousas leves; nada de espirito...

— Historias, homem! Se tem appetite, é comer-lhe! Coma-lhe e beba-lhe do bom e do melhor! É somno? Dorme você bem?

— Durmo bem; durmo. Até desconfio que é da molestia tanto somno que tenho. Vou perguntal-o ao doutor...

— Acho melhor que você consulte o cozinheiro do «Globo». Vamos ao «Tres cachos» e mande á fava a medicina... Venha d'ahi...

Nos olhos amarellentos do desenganado fulgiu a chispa consoladora de um bom jantar, borrifado de alguns calices do fino. Despregou-se-lhe a bocca, arrepanhada no travor das tisanas, em um ligeiro sorriso de appetite...

E foi com os dous amigos á tal pinga famosa, esquecendo completamente as pilulas no bolso, dentro da sua boceta de papelão amarello.

Meia hora depois, o Duarte e o commendador ajudavam o Mondego a subir ao seu bond da rua da Alegria (da Alegria!) e o commendador repetia-lhe, pela centesima vez:

— *D'aquelle* é que você precisa. Mande ir uma caixa. E' a minha botica — o armazem do Monteiro. Experimente; experimente e verá...

Quando o carro corria pela rua dos Andradas, apinhado de passageiros, o pobre Mondego bateu de repente na testa, murmurando muito enfiado:

— E não me esqueci do emplastro!

Verdade, verdade, tinha de que assustar-se o Mondego.

Aquillo lá por dentro não ia muito bem...

Havia mezes que emmagrecia a olhos vistos; fugiam-lhe as côres, doia-lhe o corpo. Ora uma alfinetada traiçoeira entre as costellas, ora uma zoadá nos ouvidos, uma fraqueza, um amollecimento. E frios, tristezas, tosse, palpitações...

A familia começava a assustar-se e a pedir-lhe que consultasse, que consultasse...

Mas elle nada! Que aquillo eram humores... E demais, andava tão carregada a athmosphera...

E acirrava-se, para espaiecer, na sua faina commercial. Ia fóra, a bordo dos navios que vinham do sul, vêr os carregamentos, escolher a carne secca, saber dos preços, das novidades da praça.

Que o não tirassem da sua dobadoura; que então é que elle adoecia devéras. Mas o peor é que elle não ia melhor. Cançava, tinha pesadellos, digería muito mal; sentia affrontações, e costumava dizer, comprimindo com a mão espalmada o hypochondrio esquerdo:

— E' o figado, é o demonio do figado.

Dizia que tinha medo da medicina e dos medicos; elles é que matam a gente... Nada, nada de relaxar o estomago com xaropadas.

Intimos d'elle, porém, affirmavam que não era da medicina que o Mondego se arreceiava, mas das contas dos medicos e das boticas...

Sim, o Mondego não era propriamente aquillo que se póde chamar—um prodigo.

Os sapatos, só os despedia dos pés depois de bem convencido de que não havia mais tombas, nem remontes que lhes valessem. E guardava-se cuidadoso de falar em casa do que se dizia *lá por baixo* da nova

tropa do Ferrari (ella chamava-lhe *tropa*, á *troupe*) receioso de que o prurido da bôa musica tirasse pela familia para um camarote no Pedro II.

Nem Shylok nem Harpagon : poupadinho. Poupadinho é o que elle dizia ser.

Mas, afinal, metteu-se naquillo o compadre Mattos, a pedido da propria familia Mondego, e resolveu-o—Deus sabe com que trabalho!—a ir saber do Dr. Matta que diabo tinha elle...

Era a primeira vez que o pobre negociante subia a um consultorio medico—para si. Para outros já elle havia feito muitas vezes aquella ascensão, pouco recreativa, a falar francamente.

E' que ha uma enorme differença em ir a gente ao doutor - para si, e ir ao doutor—para os outros.

Sentem-se cousas muito distinctas, muito diversas. As emoções são outras inteiramente.

Com o Mondego, por exemplo. Quando elle ia ao Dr. Matta, para consultal-o sobre a enxaqueca de D. Anninha ou sobre o coqueluche de *Zé-zé*, elle subia lépidamente a escadaria escura, escarrada por mil tuberculosos, sem tocar no corrimão peganhento e sujo da humidade de milhares de mãos tremulas, cheirando a drogas, muitas das quaes condemnadas as pavoroso *shake-hands* do Sr. Tumulo.

Era com a physionomia expandida na bôa febre digestiva do almoço, que elle penetrava a sala de espera, repleta de pessoas descoradas e melancolicas.

Perguntava affavelmente ao pobre diabo sentado de esconso á porta do gabinete das consultas, espreitando pelo reposteiro, que elle conservava um pouco afastado :

— O doutor está ?

— Está ; mas muito occupado ; respondia-lhe o outro obliquamente, fechando o reposteiro, como

quem lhe queria dizer, sem mais ceremonias : Está, mas antes do senhor sou eu quem vai. Espere, se quizer.

E o Mondego esperava.

Mas esperava sem tédio, sem tristeza. Gostava de mostrar a toda aquella pobre gente, nos gestos, na phrase, nas maneiras, que não era por elle que ia alli.

O seu ventre, arredondado saudavelmente nas alvas dobras do collete; a bochecha nedia e rubra, estufada pelo *victus* do sorriso largo, satisfeito; a attitude pretenciosamente natural e indifferente; tudo dizia no Mondego áquelle triste povo achacado de mazellas e destemperos :

— Olhem-me cá para a figura. Isto é que é saúde !

E aprazia-lhe questionar os esperantes sobre as suas enfermidades; dava-lhes conselhos, indicações, coragem. E d'entre a sua ladainha não era raro ouvirem-se-lhe phrases como esta :

— Não que eu tenha soffrido *d'isso*, mas tive um compadre que...

Desta vez, porém, nada d'isso. Mondego subiu vagarosamente aquelles degrãos gastos e nodoados, e teve de sentir a frialdade visguenta e repulsiva do corrimão.

Tambem não foi elle quem, desta vez, perguntou ao tal sugeito, sentado de esconso á porta do gabinete de consultas, aguardando ferozmente a sua vez:— « O doutor está? » ; foi o compadre Mattos.

Elle deixou-se cahir no sofá lugubrememente e com tão pesado desanimo, que quasi sentou-se no cóllo de uma gentil doente do famoso clinico.

Um velhusco côr de cidra, de barbica, que de minuto a minuto quasi estourava, suffocado por

arrancos de tosse asthmatica, penetrou o pobre Mondego de um longo olhar compassivo, não isento de alguma alegria, um olhar que dizia claramente ao recém-chegado: «Eu estou ruim, mas tu ainda estás peor.»

Só então é que o Mondego reparou em como era triste, acabrunhante, estúpida, aquella espera na ante-sala de um medico.

Só então sentiu no ar aquelle cheiro maléfico, envenenante, exhalado por um demorado ajuntamento de muitas e diversas enfermidades. Só então viu senhoras, chorando a um canto, em silencio, tendo ao collo crianças pallidas, magrinhas, sem movimento—umas madornando, outras olhando tristemente as cousas com grandes olhos nevoentos, cheios de despedidas...

Só então notou que ninguem falava. Um ou outro individuo lia uma folha amarrotada, erguendo a vista de momento a momento para o reposteiro fatidico....

Aquillo tinha o aspecto de uma ante-sala de tribunal, em que indigitados e testemunhas esperam ser introduzidos á presença de um juiz sevéro.

Uma hora naquelle recinto deixava no espirito uma impressão, por toda a vida indelevel.

De dentro do consultorio vinham ter aos ouvidos de Mondego farrapos de dialogos a meia voz, phrases tremulas, indistinctas, termos technicos, sinistramente inintelligiveis.... «Quando lhe aperta a tosse?» «Dóe-lhe aqui?» «Muito, seu doutor, dóe-me muito.» «E' uma nephrite parenchimatosa bem caracterisada». «Vascoleje o vidro sempre que fôr tomar». «O seu estado é muito grave...» E, como estas, muitas outras cousas, aos bocados, mal distinctas, mas ás quaes todos os que ali estavam prestavam involuntariamente ouvido.

De quando em quando, sahia do gabinete um cliente, que era logo substituido por outro.

Nada, porém, mais triste, nem mais assustador, do que essa technologia professional, que, debaixo de mil differentes termos inintelligiveis, occulta sempre a mesma cousa terrivel e proxima, que todos, sem o confessarem, comprehendem perfeitamente.

Todas essas circumstancias molestavam e pun-giam tanto o pobre Mondego, que, quando elle entrou no gabinete, estava mais morto do que vivo.

O exame foi longo, minucioso, martyrisante.

O Dr. Matta havia chamado para o cubiculo dos exames e auscultações um illustre collega, que estava no gabinete a lêr preguiçosamente em uma brochura, e enquanto o pobre diabo se conservava deitado de papo para o ar e pernas encolhidas, desapertado, meio despido, os dois medicos discutiam pachorrentamente o interessantissimo caso.

Trocavam entre si phrases barbarescas, muito scientificas, olhares de intelligencia, sorrisos satisfeitos, apoiando de vez em quando os argumentos sobre o ventre, o estomago, e mais orgãos do infeliz Mondego.

— Veja o collega como está isto congesto ; e agora repare, apalpe aqui. Não acha um pouco de endemacia ? A diurése deve ser má. Talvez haja deposito de albumina... Demanda um exame demorado.

— A economia muito depauperada ; dizia o outro. Conjunctivas pallidas, glandulas numerosas, engorgitadas, dyspnéa..., palpitações... Talvez uma scehlerose incipiente... Porque, segundo explica Vulpian...

O Mondego nada entendia de tudo aquillo, mas desconfiou logo de tanto falatorio, de tanto *latim*. Demais, o compadre Mattos, que se havia deixado

ficar um momento a sós, em companhia dos illustres clinicos, não lhe pareceu muito satisfeito...

O doutor Matta, além de muitas pilulas, emplastros, xaropes, receitou-lhe com grande insistencia, como poderoso auxiliar da cura, uma viagem á Europa. « Que fôsse ao sul da Italia, a Portugal mesmo. Mas que fôsse, que não deixasse de ir á Europa... »

Andava o Mondego exactamente a ruminar essa maldicta viagem e a preparar-se para ella, quando teve aquelle encontro com o commendador Lopes e o Duarte; encontro de que resultou ir o desenganado provar do TRES CACHOS e de alguns solidos do armazem do Monteiro.

Que influencia exerceu sobre o desenganado essa visita, não o sei eu.

O que lhes posso, comtudo, affirmar é que o Mondego, em vez de ir para a Europa, ia todos os dias á rua Direita, á supra dita *pharmacia*, de que se tornou um freguez magnifico, um dos maiores consumidores.

Quatro ou cinco mezes depois da sua fatal consulta, encontrou-se o Mondego na rua com o Dr. Matta. Esbarraram-se em uma esquina :

— O' doutor!

— E' o Sr. Mondego ! Bravos ! Que bella apparencia ! Agora sim ; tem saude para dar e vender. Quando voltou ?

— Quando voltei ?

— Sim ; quando veiu da Europa ?

— Eu não fui á Europa, doutor.

— Não foi ? E' impossivel. Mas então onde ganhou essas côres, essa gordura ?

— O Sr. doutor me perdôa que lhe diga a verdade ?

— Não só lhe perdôo, como exijo-o que o faça...

— Pois então lá vai. Em vez de ir para a Europa, como eu sabia que estava desenganado, tratei de aproveitar o restinho da vida e atirei-me a comer e a beber regaladamente do bom e do melhor, sem dó da bolsa!... Felizmente...

— Ficou bom. Pois felicito-o e cá registro mais esta! disse-lhe em despedida o Dr. Matta, um pouco enfiado com a brincadeira.

Era a primeira vez que lhe acontecia haver-se enganado—desenganando um doente.

Physiologia do bond

(A CARLOS MORAES)

Pscio !...

E a gente, sobraçando com força os indefectíveis embrulhos, acenando com os dedos disponíveis, não enfeitados de pacotinhos appetitosos, dependurados por anneis de barbante, ao conductor, — dispara em direcção ao carro, que se detem, rangendo ao manivelar do cocheiro.

— Prompto ! exclama-se agarrado a uma volta de banco, inspeccionando-os todos com olhos cheios de um desejo ardente:—um logar vago.

As quatro pessoas accommodadas no banco a que se vai addicionado—á margem—voltam para o recém-trepado as cabeças placidas, que estremecem ao correr do bond ; e naquelles oito olhos indifferentes lê-se a supremacia tranquilla dos conquistadores.

Aquelle velho da ponta opposta do banco não nos é estranho.

— Que diabo ! Eu já vi aquella cara.

E a gente põe-se a remexer na gaveta da memoria, em procura de um sujeito com aquella physionomia chupada e triste, bigodes fulvos, espirrados na commissura dos beiços, nariz agudo, olhos de gato á cóca, por traz de uns oculos de ouro...E a quartola á banda soffrivelmente pellada ?

...E a gravata :—um trapo que teve côres, pendendo tristonha em um laço indigno, que parece haver sido feito ha dez annos e nunca mais desmanchado? E o palito, dormindo, ainda humido do trabalho do almoço, atraz da orelha, em uma cama de cabellos grisalhos, seccos? E aquelle rolo de papeis, embrulhado em uma capa de couro, sebosa e preta?...

Ah, sim ; é o *aquelle*, solicitador ! Um typo ! Massou-nos um dia durante todo o trajecto, provando, com mais perdigotos do que argumentos, que aquella questão de *obra nova*, do Carvalho—o Carvalho ! o dos vinhos ! que casou com a filha do barão de Xiririca ! — é uma enorme, uma phenomenal patifaria .

Nisto, o homem nos reconhece e nos estende amistosamente a sua mão ossuda, á D. Quixote, trazida na extremidade de um longo braço, que se estende por diante dos outros tres passageiros, desmoronando a Babel de embrulhos que um delles tinha sobre os joelhos, e fazendo retrahir-se, tremulo de medo, o abdomen de um outro ; e diz, erguendo com os beiços o mysterio que occultava uns dentes falhos, cavallares, ennegrecidos de fumo e roidos de carie :

— Olá ! não o tinha visto. Quer o meu logar ?...

A' pergunta, o seu vizinho immediato despega os olhos de uma folha que vai lendo, e encara-nos.

E' aquelle rapaz magro, de bigode, chapéo redondo, mãos pequenas, de longas unhas polidas— que póde ser visto todos os dias, todos, á porta do Café Brazil, olhando vagamente para quem passa, fingindo que traz alguma cousa na cabeça, além do chapéo.

Retirando o olhar de sobre nós, roça-o, na passagem, com ar de enfado, pela gorda cara vermelha e bondadosa da sua vizinha da direita : uma senhora sem chapéo, cabello em rodilha, tresandando a oleo de cravo, chale pintalgado, posto em X sobre o seio prodigo, anafado, arrecadas de ouro do Porto, mãos grosseiras, vermelhas e coriáceas das lavanderias, segurando entre os joelhos uma criança de pé, que chupa balas, olhando para toda parte, mexendo-se e remexendo-se.

O quarto passageiro, que está junto a nós, e, talvez por isso, só vimos por ultimo, é um sugeito que conhecemos perfeitamente ha muito tempo, mas cujo nome não ouvimos nunca, ou que ouvimos cem vezes, sem que de nenhuma o guardassemos.

Typo de molhadista da rua do Rosario :—quartola, olhos papudos, nariz rubro, cahindo de maduro, bigode rapado, bochechas salientes e picadas de cabellos espontantes, varridos á navalha e zombando d'ella ; queixo redondo, liso, cavado ao meio ; suissas pretas, bastas, á meia cara, mostrando no torcido das pontas as torturas de calculo a que se entrega o bom homem ; bocca immensa, sempre risonha :—um sorriso sem alegria, adquirido á força de habito, preso aos beiços como um bocado de isca á ponta de um anzol ; collete branco ; cadeia de ouro massiço, muitos berloques ; ventre vaidoso, beneditino, ventre que diz :— « Cincoenta apolices da divida publica ; vinte e cinco contos no armazem ; tresentos mil réis por mez do aluguel das casinhas, e alguns pózes... » ; dedos gorduchos, versudos, com uma *alliança* mergulhada na enxundia do *seu vizinho* da esquerda, quer dizer : no dedo annular da sinistra ; calças brancas curtas ; sapatos de panno,—muitos joanetes...

Vamos passar a induzir da figura d'esse commendador — pelo menos em perspectiva — para as figuras que lhe compoem a familia : a mulher, que deve ser uma excellente senhora, tão risonha como analphabeta, e as filhas — umas magritas, muito caiadas, muito faceiras. . . quando o excellente homem nos dirige a palavra, abrindo para nós o seu bello sorriso de patente, garantido, com corda para vinte e quatro horas :

— Olhe ; acolá na frente ha um logar, no terceiro banco. . .

— Agradecido.

— Não tem de que.

De facto, um passageiro saltára, sem que o percebessemos, e, graças ao commendador, eis-nos emfim aboletado em um banco, entre pessoas que não conhecemos, mas que nos entalam a valer no egoismo das suas commodidades.

— Como passou ? pergunta-nos, logo que nos sentamos, um sujeito que vai no banco da frente, interrompendo-se na conversa em que estava, para nos comprimentar.

— Bem, obrigado — respondemos, friamente cortez, perguntando com os nossos botões : « Quem diabo és tu ? »

E já não tiramos mais os olhos de cima d'elle.

E' assim um typo de empregado publico (se o bond é das tres e meia—não resta duvida) descontente com o ordenado e falando pelos cotovelos, como se os pudesse remendar—á lingua.

Está sentado de modo que não dá as costas a ninguem, e, de frente para o seu vizinho, vê tudo o que se passa no carro. Tem a perna esquerda traçada, ou melhor—entrançada na direita, e, de vez em quando, no entusiasmo da prosa, traz o pé

esquerdo á discussão, batendo sobre elle palmadas convictas. Leva entre os dedos um cigarro apagado, que chupa sem accender, e fala, fala, fala como um livro — em branco.

— O que pensa então o commendador? Que o governo não sabe a bisca com que está tratando? Boas! Isso sabe elle! Mas não lhe convém, por ora, dar demonstrações de nada. Depois; depois é que são ellas. Olhe, deixe realisar-se aquillo que lhe disse ha bocado (e segreda o que quer que seja ao ouvido do seu interlocutor), deixe arrebentar a bomba, e o meu amigo ha de vêr! O governo dá-lhe logo um ponta-pé no... (e diz onde é que o governo ha de dar o ponta-pé), que o ha de pôr a tinir. Tratante! Sabe o que elle fez na Bahia, ha tres ou quatro annos...? Não sabe? (O outro gesticula com a cabeça—que não sabe, mas de modo que parece dizer:—nem quero saber). Ah! não sabe? Ladrão! Pois eu lhe conto. Sáfa... Seu conselheiro! Como tem passado? A familia toda? Ora estimo.

E' um velhusco de aspecto bonacheirão, que acaba de subir ao carro, e que responde ao tagarella com affabilidade cortez.

O sujeito põe de novo o chapéo, deslocado um instante pelo apparecimentto do conselheiro, e diz ao outro, olhando para todos que lhe estão proximos, com voz murmurada, muito respeitosa:

— E' o conselheiro Fulano. Rijo character. Já foi ministro, não me lembro quando. Foi este que foi mandado a Pernambuco, em sessenta e tantos, para fazer a eleição do Proença. E venceu! Pintou o caneco, mas o Proença veio deputado! Olé!

E estufa os beiços, em bico—o bico do assombro —arregalando os olhos, meneiando a cabeça, e injectando-nos n'alma, á força de caretas e perdigotos,

um acatamento desmedido e subito pelo recém-chegado conselheiro, que nunca vimos mais gordo.

E continúa:

— O Imperador considera-o muito. Chi! Nem imagina! Já tem querido que elle organise ministerio mais de uma vez; mas elle tem recusado sempre. Hoje está velho, coitado! Olhe, é exactamente da idade do Nictheroy. Isso é que foi homem, tambem. Lembra-se em 71, quando o Rio Branco... Oh Milagres, como vai essa catholica?

D'esta vez quem chega é um padre gordo, gordissimo, com a cabeça atufada nos hombros, cobrindo o collarinho dobrado nas gorduras do pescoço, espapaçadas, suinas, e bufando como um combóio atrazado.

O reverendo estende ao conductor o nikel, regeitando o papelinho do recibo, com um geito de olhos, e a mão ao outro,— uma pequena mão com barrigas em todos os dedos, muito suada— resmoneando, a custo, esfandegado ainda pelo esforço da subida:

— Adeus, Lopes. Que calor! Uff! E' de matar passarinhos...

— Isso é volta de chuva; flauteia então uma voz ao nosso lado. Voltamo-nos.

E' um velhinho asseiado, de barbicas no queixo, as mãos cruzadas sobre o gancho do guarda chuva de alpaca, e voltando a cabecinha tremula, sem mexer com o tronco, para fóra do bond, em direcção ao horizonte, com um longo olhar meteorologico.

— *Din-din-diiin!*

E' uma familia que desce.

Primeiro, um rapazinho vestido no rigor da moda: punhos esticados, luzidios, gravata de fantasia com um alfinete de cabeça de cachorro, em

prata, botins pontudos, immensos, arrebitados, luvas no bolsinho do *veston* côr de lagarto, olho pisado, insomne, por traz do monoculo, ar imbecil.

Depois, a *mamã*, que elle ajuda a descer na ponta dos dedos finos, bem tratados—uma senhoraça que já vai para os sessenta, *asthmatica*, redonda, physionomia de quem está pensando nas suas chinellas de tapete.

Em seguida — um pequenote esgalgado, de chapéo enorme, á maruja, dedos no nariz, cara enlambuzada de doce; atraz d'este— a irmã mais velha— *Cocota*, naturalmente.

Inclina a cabeça para descer, e com ella um phenomenal chapéo, que dá logar de sobra em uma das abas a um grande passaro vermelho, de aza aberta; luvas escuras, muito enrugadas, *peau de Suède*, até aos cotovelos; *basquine* de velludo *grénat*. Como se inclina á frente, por uma lei physica, levanta atraz o zimborio da Candelaria... digo:— a anquinha, que hoje é lindissimo trazerem as senhoras, e que lhes dá, vistas de costas, o aspecto de poltronas de assento fofo, muito estofado

— Olha o leque, *Zizinha!* grita para a irmã, que vem descendo depois.

Zizinha não é feia; mas o que traz de mais bonito é uma bella pastinha monstruosa que lhe cobre inteiramente a testa e vem morrer nas sobrançelhas acompanhando-lhe o contorno em recorte, e realçando o brilho negro dos olhos. Traja igualmente á irmã; apenas com a differença de trazer sobre o zimborio uma fivella de nikel, prendendo ou fingindo prender os *puffs*, a qual, convenientemente applicada a um jogo de loros, seria sufficiente para ter presos— os cavallos de Phebo, privando-nos assim da luz do dia. Apeada toda essa familia de

tratamento, dá o bond cinco ou seis pinotes sobre os trilhos e recomeça a desfilhar em demanda, como eu agora—do *ponto* final.

E' o momento propicio para o Sr. Boaventura descompôr a companhia de S. Christovão; o momento querido ha tanto tempo, e com tanto ardor esperado.

Porque o Sr. Boaventura só não descompõe no bond a companhia na ida—de casa para a alfandega, ou na vinda—da alfandega para a casa...quando não sahe de casa.

Mas assim mesmo não perde o seu gostinho:—descompõe-a da sua janella, vendo passar os bonds.

— Irra! — começa o Sr. Boaventura. Nunca se vio companhia tão relaxada! E' de mais. E então, nós, os pobres moradores de Catumby, é que soffremos mais. Tudo quanto é ruim botam p'ra nós. E' conductor novo; é carro velho; é burro magro... Tudo! Tambem a imprensa, que sabe disto, não diz nada, não reclama...

Infelizmente não podemos continuar a ouvir as justas queixas do digno Sr. Boaventura contra a companhia de S. Christovão e contra a imprensa que não vê isto.

Chegámos á tira n. 16 e...

-- Faça o favor de mandar parar!



Mademoiselle Ouvidor

(A FILINTO DA SILVA)

I

NOS DIAS UTEIS

Cinco da tarde. Eu estava em um botequim da rua do Ouvidor, tomando placidamente a minha chavena de chá preto.

Fóra, ao lado da mesa em que me sentára, rolava o povo em ondas confusas e ruidosas.

E puz-me a pensar na—rua do Ouvidor.

O povo que então passava já não era o mesmo que lá estivera do meio-dia ás duas : —o povo que se mostra, que se expõe, namora, flana, vagabundêa, intriga, boceja e suicida-se pelos cafés e pelas confeitarias.

Não ; o povo era outro, era outra a rua, outras as casas, outro o proprio ar.

Não sei se já repararam no quanto varia e se modifica a physionomia dessa pobre rua, elevada do pé p'ra mão ao honroso posto de—grande arteria da civilisação do Brazil.

Ella em geral é triste como um beco. Apertada entre velhas casas deseguaes, exquisitas, atarracadas, mal recebe a luz, e não tem a alegria dos carros.

E além disso—tão suja !

De manhã, das seis para as sete horas, parece uma sala de hotel em que houve ceia alegre na vespera.

Por toda a sua extensão vêm-se apenas cozinheiros que vão ás compras, homens do ganho carregados de enormes cestos, carroças de lixo estacadas ás portas, de bocca aberta, á espera do esterquilinio da elegancia e da moda.

Uma ou outra vacca leiteira trazendo o bezerro açaimado e faminto a reboque, campainhando aos solavancos do seu andar moroso e tardo, dá á rua o tom ridiculo de viella de aldeia.

Os armazens de modas, os cabelleireiros, os alfaiates, as lojas de quinquilharias e de floristas, todas essas casas pretenciosas e caras, que tão cruelmente nos impoem o despotismo do *chic*, todos esses insaciaveis tentaculos da deliciosa *pieuvre* da moda, apresentam o aspecto banal e repulsivo das *cocottes au saut du lit*, antes de armadas para as conquistas do dia.

Os caixeiros, arremangados, estremunhando ainda, varrem as lojas e irrigam as calçadas, desempoeiram as mercadorias, arrumam as *vitrines*, esfregam e envernizam as armações.

A rua do Ouvidor, na liberdade ampla em que a deixa a ausencia do seu mundo—que a esta hora resona ainda, repousando ao fundo das camaras os corpos fatigados pelos divertimentos da vespera—a rua do Ouvidor espreguiça-se, esfrega os olhos, distende os braços e as pernas, e francamente, sem receio e sem pudor, aborrecida e nua, vai fazendo a sua *toilette*. Lava a cara, penteia-se, apara as unhas, quer dizer: aguça as garras,—pinta-se, arrebica-se, aperta-se.

A elegante, o *gommeux*, que por acaso uma vez a vir a tal hora, na repugnante exhibição dos seus mysterios, nem por isso deixará de amal-a e de lhe cahir de novo nos braços esmagadores e deliciosos: — mas nunca mais irá vel-a antes da hora do *rendez-vous*.

Momentos depois, ás nove ou dez horas, já tem outro aspecto.

Nem mais um cesto, atopetado de hortaliças e gallinaceos, corre pelo *mac-adam*, na cabeça de um ganhador, em demanda dos laboratorios cullinarios. Pela extensão das calçadas não branqueja nenhum *bonet* de cozinheiro, não se agita nenhuma ponta de avental de criada, não se ouve o minino ruido villão.

Desappareceram todos os baixos segredos do acordar.

Mademoiselle está vestida, e, armada dos pés á cabeça, de ponto em branco, espera, indolentemente recostada no seu luxo, a visita dos seus adoradores.

Por emquanto ainda nenhum apparece.

E' o mundo burguez que a occupa: — empregados publicos, atirando-se apressadamente ás suas repartições com o olhar pelos relógios dos armazens e o palito mascado entre dentes. Levam as sebaceas quartolas, postas em torre de Piza, e sacodem ao ar na carreira as abas fartas das *sobres* esverdinhas, ruças nos cotovelos; a gravata preta sobe pelos collarinhos tesos, em doce ascenção para o queixo, e os berloques de ouro das cadeias dansam, tilintando penduradas dos colletes, na agitação do andar.

Pela expressão gordurosa e enfiada dos olhos e pela serenidade de ruminante que levam nas physionomias, conhece-se que vão digerindo o seu jornal e o seu almoço, ambos comidos ás pressas.

E' por isso que os burocratas em geral são dyspepticos de estomago e de espirito. Engolem os bifés e as ideias sem a necessaria mastigação, ás carreiras, e depois, em vez de passearem o seu almoço e a sua leitura para lhes facilitar a digestão, pregam-se á escrevaninha official e mergulham-se, por espaço de quatro ou cinco horas, no oceano glacial dos officios e das portarias.

Ao fim de dez annos desse regimen atrophiante, a esses estomagos um bife parece um boi e uma local de gazeta — um tratado de philosophia allemã.

De envolta com esses forçados do *ponto*, vão os seus co-irmãos de soffrimento — os guarda-livros, os escripturarios, todo esse povo que suga o leite da vida nos bicos de uma penna.

Ha ainda os capitalistas: ventre apostolico, impando de petulancia e de apolices da divida publica; andar pausado como o de quem conta os passos á força de tudo contar; sorriso satisfeito e cruel; botinas *rinchadeiras*.

— Os negociantes, chefes de casas, que têm chacara, joanetes e filhas namoradeiras como o diabo. Destes ha muitas especies e typos. Por exemplo: — o molhadista: rubicundo, plethorico, barba á particular, ou suissa basta e curta; o carne secca: mais gravidade, mais musculo, menos sangue, ar meditativo, poucas palavras, gestos seccos; o commissario de generos: — palito, jornal dobrado, discutidor, cortez, ar de artigo de fundo. E etc., etc. . .

— Os estudantes. Não se confundem: mocidade, cigarro, petulancia e livros.

Das onze em diante vai *Mademoiselle* tomando outra feição.

A gente é outra.

Chegam os primeiros adoradores.

Os bonds começam a despejar por todas as esquinas, como regatos tributarios de um grande rio, a melhor agua dos arrabaldes fidalgos.

Vão chegando os *blasés*, os ricos, os ociosos, os celebres.

A onda negra dos casacos e dos chapéos de homem pintalga-se de *corsets* elegantes, enfeita-se de plumas de côres vivas, esmalta-se de curvas

opulentas, imperativas, que abrem em circulo na multidão claros respeitosos, comprimindo corações masculinos, que martellam desejos rubros e ignorados na bigorna dos peitos, que estremecem feridos sob a lousa de porcellana dos plastrões engommados.

Emergem subitamente *cocottes*, picando a onda serena e honesta da burguezia, que moureja e súa no trabalho, com a palpação aphrodisiaca dos seus *puffs epatants*, extasiando e entontecendo a imaginação pacata dos capitaes, que gyram com o affago felino e quente dos seus olhos agudos, dilatados a *nankin*, cheios de devassidões eruditas, de *cancans* e champagne, de bestialidades delirantes e de philtros negros de abysmo, e provocando a pituitaria dos matrimonios, embotada pelo cheiro honesto do *pot-bouille*, com a cocega fatidica do *opoponax*, da *veloutine*, do *ylanglang*...

Os armarinhos escancaram-se vorazmente sobre as familias abastadas que passam em renques de moças perfumadinhas e garrulas, appetitosas, postiças, palpitantes, innocentissimas, com um casal de velhos atraz e alguns pequeninos, muito *emboncados*, á frente.

E as familias, attrahidas, sugadas pelas boccas dos armarinhos, desapparecem nas guelas dos monstros, arrebatadas em ondas de sedas, de fitas, de leques, de flores, de laços, de rendas, de enfeites, de luvas, de bugigangas e de tetéias.

E entre o resoar harmonioso dessas ondas de perolas, abafado pelas vozes irresistiveis das sereias de bigodinho — tesoura no bolso, metro na mão e tolice na bocca,— não se ouve o gemer estrangulado das bolsas paternas e maritae, que choram sobre os balcões danaidescos seus derradeiros vintens!

E' uma hora.

Mlle. Ouvidor está no auge da orgia.

Despeitorada e louca, a perna á altura do nariz, cancania furiosa, em um turbilhão de moedas de ouro, entre nuvens de flores e de *bombons*, arruinando o imperio e espantando o sol, debruçado dos telhados para espiar a bacchanal.

O Brazil...que digo?—o mundo está neste becco!

O mundo por duas horas e de graça! Quem quer vê-lo? Vinde. E pedi, pedi o que desejais.

Um grande poeta? O maior poeta do mundo? Alli, naquella livraria.

O maior poetado Brazil? Acolá, naquella esquina.

O mais falcatruoso ou o mais honrado dos banqueiros?

A mais formosa ou a mais feia das adúlteras?

O mais elegante *petit-maitre*?

O mais boçal dos roceiros?

O mais infame dos *bilontras* ou o mais serio burguez?

A mais pura das virgens ou a mais desbragada *cocotte*?

O mais camello dos deputados?

O mais celebre dos artistas?

O mais venal ou o mais integro dos juizes?

Cesar ou João Fernandes?

E' pedir! E' pedir! E' estender a mão!

Mademoiselle Ouvidor dar-vos-á immediatamente o que desejardes.

Viva *Mademoiselle*!

Entretanto, áquella hora em que eu estava tomando o meu chá preto—5 da tarde—o aspecto do milagroso becco era outro, bem diverso dos que deixei esboçados.

O mundo burocratico, o mundo burguez, o mundo commercial haviam-se retirado já.

Do mundo elegante raros exemplares passavam ainda.

Lettras, artes e industrias iam já caminho do jantar.

Via-se apenas um ou outro actor a digerir em uma esquina o almoço, deglutido ha pouco, com os olhos ainda cheios da plateia que o applaudio na vespera.

O redactor chefe de uma poderosa folha subia vagarosamente para o largo de S. Francisco de Paula, a tomar o seu bondinho, e alguns dedos estendiam-se, apontando-o.

Uns napolitanos maltrapilhos estropiavam pedaços de operas que os burguezes engoliam nos botequins com o café e o cognac, e uma alluvião de pequenitos apregoava jornaes, zig-zagando de uns para outros transeuntes.

Mademoiselle fechava as palpebras em um quebranto amollentado de fadiga, estendida tristemente sobre os montes de notas ganhas no dia, emquanto o crepusculo, fumarento e deshorizontado, descia lento, lento, cobrindo *Mademoiselle* com a poeira do sol, como um dourado pó de arroz para a *toilette* da noite.

Encostados ás hobreiras das portas, fumavam os donos das lojas, em cabello, chalaceando uns com os outros, ou mergulhados na hypocondria silenciosa da digestão; emquanto os caixeiros, perfilados por traz dos mostradores, o olhar absorto, reviam no pensamento os lindos e meigos rostos das freguezas, e, relembrando as nudezas entrevistas, e os macios contactos furtivos e casuaes, enfebreciam

esterilmente, como tristes eunuchos, adormentados, ás portas de ouro e marfim dos serralhos, pelos ais plangentes e lascivos das bayaderas.

E longe, longe, no fim da rua, appareceu, tremendo no ar como um vagalume de ouro, a estrella do primeiro *propheta*.

Era a chegada do gaz.

Mademoiselle ia mudar de *toilette*.

II

AO DOMINGO

Não ha talvez cinco pessoas em cem, que não tenham feito ou ouvido, ao menos uma vez, a seguinte observação :

— O dia de hoje está parecendo domingo.

E' que realmente o domingo tem uma physionomia especial, differente da dos outros seis dias da semana.

E' o dia do descanso. A natureza inteira—homens e cousas—parece repousar das fadigas da semana, espreguiçando-se voluptuosamente, dilatando-se ao macio calor que o sol derrama pelo Universo em uma luz unctuosa e dourada, que escorre, como um oleo santo, pelos troncos, pelos telhados, pelas cabelleiras das arvores, levemente acariciadas pelos ventos que passam—frescos e perfumados, sonoros e travessos como raparigas em passeio... ao domingo.

Anda na atmospheria um como delicioso fluido de preguiça que narcotisa e amollenta os corpos : vibra no ar, no vôo sereno e curto das aves, no canto harmonioso dos passarinhos, no quérulo marulho das aguas trepidas; exhala-se, como um incenso, das flôres expansivas, emperoladas de orvalho, luzidias e multicores, como pintadas de fresco, durante a noite, por um bando de Rubens desconhecidos.

E' o *dolce farniente* universal.

O sol é limpido e morno ; o céu, azul e risonho ; os relvados, macios e verdes como lagos tranquilllos ao alvorar. A existencia parece leve e clemente, e

a Esperança, a enganadora bemdita, vai adormecendo as dôres nos corpos, cantando angelicamente umas canções mentirosas em todas as almas, canções que as embalam em sonhos e as tonificam, illuminam e retemperam para a eterna lucha implacavel da vida. Jehovah não descansou no setimo dia, como se lê na Biblia; no setimo dia elle creou a mais sublime de todas as suas creações: — a alegria das cousas, *letitia rerum*.

A impressão que experimento ao vel-as nesse dia — que tem o mesmo numero de horas dos outros e os mesmos phenomenos naturaes, mas que se não parece com elles de nenhum modo — é que todas ellas, todas as cousas que a minha vista alcança — estão *vestidas* de novo, como para uma festa. E' uma impressão *de vestes novas*.

Tudo me parece *endomingado*.

Universal tafularia!

O céo enverga o seu pomposo manto de vêr a Deus, de um velludo mais suave e azulino que o do manto dos outros dias, debruado de pellucia de nuvens, recamado de agulhetas de sol.

O sol não traz a luz de que andou *vestido* na semana: a luz do trabalho — que fecunda as grainhas das sementeiras, desabotôa as flôres, aquece os ninhos e amadura os fructos; a luz benefica e prôvida, que espalha prodigamente o calor, o movimento, o som, a côr, o aroma, a vida, emfim, por toda parte.

A luz do sol ao domingo é outra.

Não me venha observar o sabio mais proximo que o sol não consulta, nem possúe ao menos o *Almanach de Ayer*, e por isso não sabe quando é domingo; que brilha e refulge sempre com luz igual, e tanto *trabalha* aos domingos como ás segundas-feiras, ou quartas.

Não sabem nada — estes sabios!

E são, entretanto, tão presumpçozos e audazes que não consentem falem sobre o mundo os unicos homens que sabem do mundo alguma cousa: — os poetas.

E' outra, sim, a luz do sol ao domingo. E' uma luz em repouso, uma luz em férias.

Entra mais tarde na choupana do lavrador e não lhe diz asperamente, como nos dias uteis, ao bater-lhe nas palpebras, como janellas fechadas, para acordal-o:

— E' dia. Vem trabalhar. Toma da enxada; empunha a fouce; ao hombro o machado!

Murmura-lhe docemente ao ouvido, sobre o travesseiro, como suave e tentadora caricia, mas de manso, muito de manso, para não lhe acordar a companhia, adormecida ao seu lado:

— Não imaginas como está aquillo lá fóra! A natureza acordou hoje alegre e formosa como nunca! Que frescura! que perfumes! que musicas vão pelo ar! Olha, vem dahi, preguiçoso, vem dar um passeio...

Durante o dia, o sol — o grande malandro! — nem parece lembrar-se que tem deveres a cumprir. Quando não dorme, impudentemente deitado no seio das nuvens, fazendo sobre a terra uma penumbra discreta e maliciosa, que convida os homons ás preguiças do amor e ao amor da preguiça, atira-se doudamente á pandega. Uma bacchanal.

O Universo irradia, embriaga-se de esplendor, canta, gargalha, salta, extasia-se, — ama! E ao alto, sobre as sumptuosas riquezas do firmamento, entre cascatas de pedrarias allucinantes, em meio ás musicas sagradas e mysteriosas das invisiveis esferas, pompeia o sol, o deus sanhudo e piedoso, implacavel e folião, em todo o inenarravel esplendor da sua omnipotencia, como um thyrsgero Baccho empampanado,

risonho e bebado, rubro de vinho e de sangue, entornando sobre o mundo o cyatho inesgotavel e pleno do vinho santo, que fazia os heróes e os deuses!

— —

Entretanto, *Mlle. Ouvidor* ao domingo—coitada! — nem parece *Mlle. Ouvidor!*

A transformação por que passa nesses dias de ocio, é radical, é immensa.

Imaginae uma princeza pulenta e formosa, que, por um capricho de princeza e de criança, se apresentasse um dia á côrte, vestida á camponeza : — saíote redondo e curto, meias grossas, sapatões, braços arremangados e chapéo d'homem á cabeça.

Pois assim *Mlle. Ouvidor* ao domingo : — princeza, sempre princeza! — mas vestindo á saloia.

Ella, mais do que ninguem e mais do que tudo, experimenta a influencia desse dia inutil, sagrado á pasmaceira universal. Apenas com esta differença : — ao passo que todas as outras cousas e pessoas se alegam e se aformoseiam, *Mlle.* entristece-se, aburgueza-se, perde o *chic*, e por fim, á noite, desapparece, não ha mais quem a veja.

Ao domingo, *Mlle.* acorda mais tarde. Algumas casas não se abrem, outras abrem-se a meio, e das muitas que se abrem de todo, fecham-se quasi todas ao meio dia.

Muito curioso o estudo de *Mlle.* nesses dias consagrados a Deus e quasi sempre abocanhados pelo demonio.

De manhã, depois de retirados os homens da limpeza publica, com as suas carroças e vassouras, começa, como nos outros dias, o vai-vem dos cestos, das cestas, dos samburás. porém menos apressurados que nos dias uteis. A cesta do copeiro não passa

pelo samburá da cozinheira sem cumprimental-a, sem lhe perguntar como vai da tosse e de amores e nunca se separam sem haverem combinado um *rendez-vous* para a noite. Elles não têm pressa. Em geral os patrões almoçam na chacara e os caixeiros fazem sempre uma pequena prorrogação do somno.

Mas ao domingo, a essa hora matinal, encontram-se, além dos *bichos* de cozinha, outros não menos interessantes: as *baratas* de igreja. Devotas, corcomidas pela idade e pela contricção, embrulhadas em velhos chales e em surradas mantilhas, pouco *catholicas*, caminham gravemente para a missa, com o rosario e as *Horas Mariannas* nas mãos, e também quasi sempre com uma filha bonita ou uma interessante sobrinha—ao lado.

Trinta annos mais tarde, estas sobrinhas e estas filhas caminharão por seu turno para a missa, como suas mãis e suas tias: com as *Horas Mariannas* e as camandulas nas mãos e uma bonita filha ou uma interessante sobrinha—ao lado e, como aquellas, trinta annos antes, irão dizendo: « A minha santa mãe, que Deus haja... A minha defunta e querida tia... »

E é esta melancolica e chata monotonia que faz a variedade da vida!...

Passam depois as familias que vão « á praça, » ou que voltam della, acompanhadas de criados ou « ganhadores » carregados de enormes cestos pantagruelicos; e as familias que vão á missa das nove na igreja da Cruz dos Militares, das dez na Lapa dos Mercadores—cujo carrilhão desde as seis que repinica e bimbalha agudamente no ar a *Qu'e della as chaves?* ou o hymno nacional e outras musica não menos *dau-santes*—ou á missa das onze em S. José ou na Candelaria.

Toilettes elegantes, de côres graves nas matronas, de côres risonhas nas moças, luvas de retroz sem dedos naquella, de pellica e pelle de Suecia n'estas; em tolas ellas -- *frangipane* e o livro das rezas.

Magotes de marinheiros zig-zagueiam alegremente, passeiando a sua *touca*. Burguezes pançudos, donos de casas commerciaes, vão com as mulheres e as filhas visitar os confrades aos arrabaldes. E *Mademoiselle* vai pouco a pouco, a mais e mais, entristecendo-se, entristecendo-se...

Das oito da noite em diante é lugubre. Illuminam-a apenas os lampeões publicos e o gaz de uma ou outra casa aberta: botequins, confeitarias, casas de fumo.

De vez em quando ouvem-se correrias, algazarradas; são caixeiros que se divertem, aproveitando os ultimos momentos do seu dia; ou estridulam apitos, resôa o *prac-prac* de povo a correr — são marinheiros que se esmurram.

A's vezes, na penumbra de uma esquina, ouve-se um ciciar de vozes suspeito: — são os copeiros e as cozinheiras que conversam sobre... ora... sobre o preço dos ovos e dos repolhos.

Onze da noite. Silencio e trevas — relativas.

Ao fundo dos botequins desencadeiam-se orgias tiberianas... de chá com torradas.

E junto á porta, sentado a uma mesa, em frente a um copo de cerveja Petropolis — inesgotavel — está um mancebo solitario e cheiroso, mostrando, expondo, publicando, ha tres horas! — as suas luvas pretas!

Quando elle as recolher á casa —terá acabado de se divertir o ultimo caixeiro; os dous ultimos marujos terão sido recolhidos ao xadrez —no appetitoso estado de bifes; — e o ultimo casal de cozinhheiros terá concluido a sua palestra sobre o preço dos ovos e dos repolhos.

E então *Mlle. Ouvidor* adormecerá, fatigada, morta de tédio e de melancolia.

III

A' NOITE

Em toda parte o crepusculo é triste; mas na rua do Ouvidor é tristissimo.

E' um crepusculo sem sol, sem horizontes, sem verduras, sem passaros, sem alma.

Em certo momento o *flaneur*, plantado á porta do botequim, a digerir o seu jantar de mil réis, limitado como um favor, ou á espera que elle passe, o seu problematico jantar, na pessoa de algum amigo ideal; o commerciante, com a physionomia enganadora de quem digere,—enganadora porque parece a de quem pensa—; o *vagazzino*, que esfrega cansadamente uma aria de Verdi na gemebunda rabeca, postos no ar, vagamente, como os de um cégo, os seus grandes olhos, humidos ainda da visão do Adriatico, acompanhando o triste canto desafinado do instrumento com a sua voz magra e desconfortada de faminto; todos, emfim, quantos estão parados na rua, desobrigados do afan quotidiano, entregues a si mesmos, e pensando em nada, todos esses, em certo momento, sentem a subitanea e morna tristeza insinuante do crepusculo, e, olhando para os telhados e as paredes fronteiras, vêem que

« Como uma informe nódoa, avulta e cresce
A sombra, á proporção que a luz recúa. »

Mas não podem assistir ás despedidas do sol, que, lentamente, pouco a pouco, vai-se atufando no seu alçapão de chammás ; não podem contemplar, na abobada, silenciosa e mystica, esse mysterioso conubio da luz e da sombra : da luz que se turva e ensombrece, da sombra que se illumina.

« *Rien n'est dans le grand jour et rien n'est dans la nuit.* »

Mademoiselle Ouvidor é funebre nesse instante.

A noite desce, sem que se saiba donde vem, como vem ; a rua enche-se della aos poucos, como um longo esquite se enche de terra.

Parece que a eterna poeira, impura e suffocante, que fluctúa no ar, vai-se espessando lentamente e ennegrecendo, ennegrecendo...

Os olhos que conhecem o crepusculo no mar e no campo, ao sentirem o grande espectáculo que vai pelo céo, e ao se verem roubados delle, entre as paredes desse corredor pretencioso e triste, em que se acotovelam as nações e galopa o dinheiro— sentem impetos allucinados de arrasar essas casarias, como picaretas doudas, de perfurar esses muros venaes e sem alma, e, abrindo nelles um tunel, voar para o largo azul, para a amplidão infinita e curva, em que dos amores do Sol e da Terra está nascendo a Noite— a grande amiga, a doce consoladora.

Mas *Mademoiselle*—coitada !— não lhe póde dar outro crepusculo ; a não ser em algum quadro esquecido na sombra e na poeira de algum pobre *atelier*...

E se os olhos desvairados, famintos, tentam ao menos colher um dos adeuses do dia nos labios de uma flôr, nos braços de uma arvore, no canto de um passaro, no collo de uma vaga, e procuram levar ao espirito essa incompleta e mesquinha impressão do crepusculo, encontram apenas—e nelles esbarram

e batem como borboletas nas vidraças de uma sala, que as prende—as pifias *quartolas* dos burguezes que passam, esquecidos na ferocidade do seu egoismo; os collos das *cocottes*, patentes e reclamistas como as *vitruines*, gastos como as moedas; as ignobeis flôres de panno dos chapéos das costureiras que sahem das officinas, e das burguezas que correm aos bonds, açodadas, pungidas pelo remorso do muito que se demoraram nos armarinhos...

E, por ultimo, em vez do « bôa noite », dos passaros, sobre a borda dos ninhos fôfos em que se vão deitar; em vez desse canto saudoso e longo como um adeus, repassado do harmonioso claro-escuro do anoutecer, profundo como o horizonte que se vae com o sol, e tremulo como a lua que ascende vagamente, pallida e doce, por traz da enrediaça das galhadas verdes—adormecidas no ar, sem um beijo de aragem, como no fundo de uma aquarella;—em vez do canto dos passaros—a voz do rapazito napolitano, desalentada e nostalgica, arrastada e tropega como um condemnado, voz de quem canta para comer e não come... E longe, *dentro*, como por traz de bastidores invisiveis, o soluçar nervoso e gargalhado da rabeça...

Mas isso durou um instante, apenas o tempo gasto pelo primeiro *propheta* apparecido em chegar o *fiat lux* da sua vara luminosa ao lampeão da primeira esquina.

Fez-se a luz—a luz febril e amarellenta do gaz, que é como o olhar de um *icterico*—e antes mesmo de accender-se no céo a primeira estrella, ou de surgir a lua sob o *abat-jour* de um telhado em A, *Mademoiselle* apparece em sua nova *toilette*, recamada de topazios pallidos e perolas baças.

Os serventes das lojas trazem e collocam accesos os grandes e claros illuminadores das *montres*.

Nos botequins, os caixeiros trepam ás cadeiras e accendem os lustres e as arandellas, que despejam uma onda subita de claridade sobre as cabeças dos freguezes, raros ainda, curvadas sobre as chavenas, ou sobre a leitura dos jornaes do dia, amarrotados por muitos olhos e muitas mãos, e cobertos de manchas amarelladas, cheirando a café.

Vão se povoando os *bilhares*, que se illuminam á proporção que a freguezia afflue.

Pouco a pouco vai-se animando a rua com a chegada desse numeroso mundo *interlope*, que vive á noite e só á noite apparece, sahindo não se sabe de que cafurnas ignoradas:—*bilontras, cabulas* (empreguemos os termos com que os designa a *geringonça* da capital) capoeiras, capadocios, *castens*, cambistas, *secretas, bate-carteiras*; um povo estranho de *viveurs* e de mysteriosos noctivagos, com physionomias especiaes, embora vestidos mais ou menos vulgarmente, como os outros.

A' medida que se approxima a hora dos espectaculos, accentúa-se e cresce o movimento.

Nos escriptorios dos jornaes, flammejantes e ruidosos, entram e sahem homens e mulheres apresadamente; vultos estacionados ás portas conversam gesticulando, discutem-se as cousas do dia, ri-se, apontam-se as celebridades de rua, de palco ou de gabinete, que vão passando, na multidão obscura e borbo-rinhante, por frente das portas illuminadas das lojas.

Nas salas de redacção, janellas escancaradas aos ventos callidos da noite, sob a luz tórrida do gaz aberto, flammejando em desespero, preparam-se as folhas do dia seguinte; homens silenciosos, acurvados sobre mesas cobertas de papelada, escrevem

febrilmente, uns ; outros, de vagar, fumando, atirando a fumaça e as pernas para cima das mesas, ruminando idéias, architectando artigos. *Reporters* chegam, nem sempre acompanhando noticias, recebem ordens, sahem de novo ; informantes graciosos, reclamantes, escriptores de *a pedidos*, annunciantes entram e sahem, azafamados, complimentando, rindo, guardando e sacando papeis.

A rua escôa-se — mas sem differença sensivel, sempre renovada por ondas novas — afflue para os theatros.

Passam familias com vestidos de espectaculo : as senhoras com o ar especial de faceirice com que vão ás exhibições publicas ; os homens, correctos, muito asseitados, com os braços cobertos e carregados de sobretudos, mantas, capas e *cache-nez*.

Para o fim da rua, nas travessas mais proximas do largo de S. Francisco, homens vendendo flores e *bouquets*, arrumados em mostradores portateis :

— Olha as violetas frescas ! Vai um *bouquet-zinho* ?

— Um tostão, meu amo. Veja que rosa ! E' de graça.

— Cá está *principe Alberto*. Vae esta ?

— Dez tostões por uma camelia ! Está doudo, homem ?

— Não é caro, *seu freguez*. Olhe que são as ultimas. Não ha mais camelias na Côrte.

Os *gommeux* escolhem, pagam as flores, enca-sam-as nas lapellas, ou offerecem-as ás senhoras com que vão.

Nas portas dos charuteiros, grupos fumando, rindo, palestrando.

Nas esquinas em que ha pontos de bonds, massas confusas, pessoas á espera dos carros,

estacionarios constantes, chalaceando com as *equivocas* que passam.

Um ou outro policial, ave rara, apparece á esquina, vagaroso, olhar dormente, mãos nas costas : apparece, olha, boceja... e deslisa como um espectro.

Os cafés regorgitam, estrepitando na luz crua e baforante do gaz, atirando á rua lufadas de vozes confusas, gargalhadas, gritos, embates de louças, campainhadas, retilintar de *crystaes*, *fiorituras* de harpas e violinos...

Mademoiselle está no auge do seu immenso fastigio :—fulge, esplende, canta, ri-se, deslumbra!

Evohé!

Meia noite.

Reposa finalmente no vasto silencio nocturno o portentoso alambique da intelligencia, do vicio e do dinheiro :—constantemente a distillar *espírito*, litterario e alcoolico—nos jornaes e nos livros, nos *restaurants* e nos cafés; incessantemente a pingar devassidões e loucuras no labyrintho do goso, escandalos nos lares, e calumnias nas honras; e, de momento a momento, a canalisar contos de réis para os bancos.

Mlle. Ouvidor descansa, emfim, algumas horas, retemperando as forças para o *cancan* commercial do dia seguinte.

Todas as portas e janellas—fechadas, á excepção das dos jornaes, dos hoteis e dos botequins, em que vão entrando os que voltam dos theatros, a pedir ao bife e ao chocolate novo alento para as energias da alma, depauperadas pelo drama de capa e espada e mais ainda pelo *maillet* da opereta.

Os lampeões da iluminação publica, unicos accesos, toscanejam cansadamente, como vigias insomnes, fartos de vêr.

Silencio e sombra.

Uma soturnidade hostile pesa no espaço, onde bailam, em nuvens de poeira, perdidas na treva, todas as complicadas e terriveis emanações da rua.

E a esta hora breve de hypocrita serenidade, de insidioso recolhimento, apagada, emmudecida, abandonada inteiramente ás indiscreções monstruosas do somno, *Mlle. Ouvidor* não é menos feia nem menos estúpida, nem menos triste do que o mais reles dos beccos.

Resona, impudentemente estendida no seio da noite, á beira das sargetas immundas, e o seu halito nauseia.

Cochicham-se cousas crapulosas pelas sombras; pragueja um bebado e cantaróla cambaleando; um gatuno, levipede e escorregadio como um gato, apalpa uma porta, experimenta uma gazúa... em quanto um guarda, encostado á esquina proxima, cabeceia, dormindo, embrulhado no capote, fazendo mexer-se fantasticamente sobre as pedras, á luz do lampeão, a sua sombra informe, angulosa e immensa como a de um pachiderme.

Momentos depois apparecem os homens da limpeza publica, e no largo silencio, empoeirado, interrompido apenas pelo raspar das pás e pelo rodar solavancado das carroças, vão recolhendo o lixo exterior de *Mademoiselle*.

Lenço ao nariz, e...

Bôa noite, princeza!

O pesadelo do coronel Batalha

(OFFERECIDO AO EXM. SR. MINISTRO DA JUSTIÇA)

Aquella demora não deixava de preoccupar o espirito altamente impressionavel do Chico Batalha.

De oito dias áquella parte notava-se-lhe na larga frente descabellada uma préga de desusada cogitação.

Os clientes da sua velha botica, estimavel e unica em um raio de sete leguas, começavam a queixar-se da consciencia pharmaceutica dos seus preparados; casos appareceram em que drasticos produziam vomitos abundantes, e falou-se mesmo de uma certa dóse de sal de azedas, aviada por sal amargo.

Este caso grave, que pudera ter produzido mais lamentaveis consequencias se o referido sal não houvesse sido administrado a um cavallo, porém ao dono, por exemplo, este famoso caso passou-se pela seguinte fórma:

Eram cinco da tarde. Nos largos campos agricultados descia sobre os queimores do mormaço a frescura nevoenta e balsamica do crepusculo; as arvores farfalhavam manso, abrindo e aconchegando

as ramagens sobre os ninhos em que faziam os passaros, papeiando tréfgos, as suas *toilettes* nocturnas.

Batalha, sentado á porta da botica, em calças de enfiar e suspensorios térsos, passava beatamente os dedos das mãos por entre os dedos dos pés—signal certo, naquelle grande homem—de profuudo philosophar...

Os amigos e os clientes achegavam-se respeitosos e calados, quando o vinham encontrar naquella attitude nobre, que, por inexplicavel esquecimento, não foi aproveitada ainda para estatuas de pensadores.

Naquelle momento, o cerebro enorme do Batalha remoia com spasmos de goso aquella phrase famosa, inolvidavel, com que o Dr. Fidelis, o chefe do partido liberal do municipio, o recommendára uma vez ao presidente da provincia, propondo-o para subdelegado: «... *influencia politica de verdadeiro prestigio, á cuja dedicação e muito saber deve o nosso heroico partido não pequenos serviços.*...»

Os seus olhos bovinos humedeciam-se na volupia da gloria, arregalando-se, pasmados, sobre as orelhas de um muar meditabundo, amarrado pela redea ao portal da taverna fronteira.

E os seus grossos dedos pelludos, amaciados na manipulação das pilulas, passavam e repassavam pelo pé esquerdo, com caricias finas, avelludadas...

«... *influencia politica de verdadeiro presti...*»

— Deus lhe dê bôa tarde, seu Bataia.

— Ah! E's tu, Gregorio?... Que queres?

— Uma purga de sal amargo...

Batalha ergueu-se aborrido, abandonando o seu pé e as orelhas da mula, mas não a celebre phrase deliciosa do Dr. Fidelis: «... *prestigio, e a cuja dedicação e muito saber...*»

— Olá, coronel! bradou-lhe alguém da porta, com voz estalada e fresca, pontuada de agudo remoque.

Era o Nogueira, professor. Um *casculo* imperterritito, terrível, de que o boticario se temia como do proprio demo.

Aquelle « *coronel!* » entrou-lhe pelo ouvido e foi rebentar-lhe bem no centro do encephalo, como uma bicha da China, e á pituitaria do coitado chegou-lhe o cheiro quente e apimentado de mostarda ingleza.

Aquelle « *coronel!* » era a ironia mais crúa, a mais envenenada indirecta, que naquelle momento lhe podia lançar o Nogueira...

Nem elle lá fôra por outro fim, senão atirar-lhe ás ventas aquelle maldicto: « *Olá, coronel!* »

O Batalha pallejou tremulo; e, em vez de servir ao freguez o sal amargo, despejou-lhe um pouco do de azedas na balança.

« *Burro, bebado, caixa d'ossos* », regougava mentalmente o Batalha, e por tal modo offendido estava com a palavra do Nogueira, que, como se fôra ella um insulto, teve ganas de lhe replicar na cara, bem no meio da cara, sobre o nariz: — *Coronel é elle, seu patife!* »

Sinceramente: o caso não era para menos.

Havia trinta dias bem puxados que pelo directorio fôra enviada ao governo a relação dos nomes propostos para officiaes da guarda nacional.

Fôra Batalha, elle proprio, quem tudo escreveu e mandára ao governo, pois que aos cargos de subdelegado de policia, imperador do Divino Espirito Santo, inspector da instrucção do districto, accumulava tambem o de secretario do directorio do partido liberal no municipio.

Entre os nomes propostos figurava o d'elle — Francisco Diniz Batalha — para coronel do 10º batalhão de infantaria.

A noticia d'essa honrosa indicação expandira-se rapida por fazendas e vendolas, levada nas cem buzinas da Fama, das quaes a mais formidavel era embocada pelo proprio heróe.

Da Côrte já lhe tinha vindo o papel carimbado que encommendara: ao alto da folha, encravada no angulo esquerdo, lia-se, graciosamente encurvada sobre um symbolo de pharmacia « Coronel Francisco Diniz Batalha » e abaixo da taça em que bebem duas serpentes enroscadas — « Chimico-pharmaceutico ».

Mais de uma vez se lhe dirigiram clientes por esta fórma:

— Dous vintens de seroto, seu côronel.

— Seu coronel, um grão de tártaro.

— Ah! seu coronel, tenho tido umas colicas...

E elle andava radioso, rubicundo, leve, folgazão como um collegial em ferias...

E entretanto, até aquella data, nada havia de verdadeiramente positivo sobre a sua festejada e suspiradissima coronelisação.

Vãmente percorria os longos jactos de nomeações entornados pelo ministro da justiça sobre os povos, do alto das columnas do *Diario Official*.

Majores, coroneis, tenentes, alferes, capitães, tenentes-coroneis, aos dez, aos vinte, aos cem...

E nada de Batalha!

Seus companheiros de lista já haviam sido todos nomeados...

Todos! E d'elle—nem sombra!

O Dr. Fidelis tirava e punha, punha e tirava a luneta, torcia e destorcia as barbas... mas... que

diabo!.. não podia entender aquillo! O major Vicente coçava a orelha, coçava o queixo, coçava a perna, tudo coçava... mas... que espiga!.. não atinava com aquillo. Em summa: o directorio em peso estava consternado com aquella inexplicavel omissão.

E o Batalha a enfiar, a enfiar...

Engavetou o seu papel timbrado, que já havia feito o pasmo dos amigos e dos clientes; mudou-se discretamente para detraz do seu monstruoso frasco de alcool verde, e era, picado de raiva, purpureado de fiasco, que respondia a alguem que, por pilheria ou não, lhe desfechava o posto á queima-roupa.

Digam-me agora os senhores se não tinha razão o boticario para encafifar de véras com o comprimento do Nogueira:

— Olá, *coronel!*

Mas a Providencia Divina nunca abandona os afflictos, os puros de coração. Dias depois, Batalha acabava de elevar até Ella as supplicas do seu, entre duas garrafas de « Salsa e Caroba », e debaixo do sorriso sardonico do Nogueira, quando chegou o Zé Bonito, sacudindo um jornal:

— Parabens, seu coronel. Parabens!

Batalha atirou se soffrego, rubro, besuntado de oleo de ricino:—Victoria! Lá estava emfim o seu nome! Não se pôde conter. Tomou da folha benedicta, bateu com a mão aberta sobre o ponto que lhe dizia respeito, e veio depois victorioso, teso, agigantado, com passos largos e severos para sobre o nariz do Nogueira... Chegou-lhe implacavelmente a folha, como um tyranno de tragedia o punhal de

zincos dos epilogos, e murmurou, emfim, com um orgulho de voz inenarravel :

— Então, seu Nogueira? Leia, leia isto, seu Nogueira!... Aqui, logo no começo, logo no começo: « Para o septimo de cavallaria... » De cavallaria, ouviu? Agora sou da cavallaria! E' muito mais elevado, muito mais honroso do que a infantaria. Finezas do governo! « Para o septimo de cavallaria... etc., etc. » Aqui: « coronel, o cidadão Francisco Diniz Batalha. » Ouvio?

A commoção escarrapachou-o sobre um tamborete. O Nogueira sumira-se, com o *cavaignac* tremulo de confusão...

A' noite é que foram ellas!

Ao jantar, como fôsse ainda cedo para carregar sobre o inimigo, carregara o coronel, com bravura e muito appetite, sobre a orelha de porco com feijão branco. E deitára-se enfartado, glorioso, satisfeitissimo.

Naquelle dia extraordinario, o mais extraordinario dia de sua vida, esqueceram-lhe as prescripções hygienicas e dietéticas com que a acautelava, de longa data.

Esquecêra-lhe mesmo—ó poder sobre-humano das dragonas!—esquecêra-lhe a acaturrada e estreita *mediocritas* do seu *menage* de celibatario antigo, menos amante da bôa cozinha do que das gordas cozinheiras: —mandou buscar á venda uma lata de goiabada e um martello de vinho branco, para festejar dignamente, de parceria com *sinhá Rita*, a sua nova honraria.

E, estendido de ventre ao ar, com o adorado jornal dobrado á cabeceira — adormecêra, emfim, cheio de gloria e de feijão branco. Duas cousas terribes e respeitaveis, capaz cada uma d'ellas de

estourar um ventre, e que, consorciadas no somno, produziram no coronel Batalha o mais tremebundo e flatulento dos pesadelos.

Vamos narral-o como o ouvimos da propria bocca do paciente.

Mal adormecera, chegou-lhe um officio timbrado com as armas imperiaes. S. M. o Imperador, por intermedio do Exm. Sr. Ministro da Guerra, communicava-lhe que, havendo sido declarada a guerra com a Republica Argentina,urgia preparar batalhões com toda a presteza e que os corpos da denodada guarda nacional se puzessem todos de promptidão, para seguir sem tardança. E que, portanto elle, Batalha, coronel do 7º, se puzesse sem demora á frente do seu corpo de cavallaria, armado, fardado, prompto para seguir... »

Batalha desmaiou. Reacordado, o seu primeiro pensamento foi a botica. Que! justos céos! Pois elle havia de abandonar a botica? E as tisanas, as pilulas, os emplastos? Quem os havia de preparar? Aquillo era impossivel. Era a sua ruina e a fortuna do seu rival, o Chico Fernandes, que de tal estopada estava livre; pois, por ser conservador, não recebêra posto nenhum... Quiz pedir a sua demissão:—O Dr. Fidelis rio-lhe da asneira, na cara. A sua reforma então. O que? Estaria elle doudo? Nomeado ha 3 dias, pedir a reforma?... Quiz fugir, dar-se de doente, fingir loucura; mas o Nogueira, o mephistophelico Nogueira, não se lhe despegava das orelhas, garganteando-lhe:

— Coronel Cataplasma!

— Coronel Cataplasma!

Irra! Não tinha sangue de barata! Havia de mostrar ao Nogueira que não tinha sangue de barata! Desengavetou as suas economias, com tanta

angustia accumuladas, e voou para a Côrte. Comprou todo o fardamento e espada em um belchior da rua da Carioca e foi receber pessoalmente as ordens do seu ministro.

S. Ex. disfarçou a hilaridade que lhe provocou a figura pantafaçada e molieresca do boticario, batingo-lhe affavelmente no hombro endragonado :

— Bravos, coronel ! A patria confia no seu valor. Em breve hei de vel-o general.

Batalha voltou á sua freguezia contentissimo. Aquellas palavras do ministro eclipsaram de todo, no seu cerebro febreiro, a famosa phrase do Dr. Fidelis.

A sua figura mavorcia e sanhopansina accendeu desbragadamente a hilaridade dos seus conterraneos. Elle fingio não perceber nada, e pôz mãos á obra :— organizar o corpo. Mas esbarrou diante de uma difficuldade :— não havia soldados. O recrutamento ! Era o meio de fazel-os. Ordenou, portanto, como subdelegado e coronel, um recrutamento feroz, furioso, canibalesco. A primeira caçada foi de vinte e cinco. Elle mandou alinhá-os e foi-lhes passar revista. Os recrutados receberam-o á gargalhada e á descompostura.

Que não fôsse tolo. E então ? Não faltava mais nada.

Recrutar para soldado a elle Nogueira, professor vitalicio, cavalleiro da Rosa !

— E a mim, 1º tenente

— E a mim, 2º tenente !

— E a mim, major !

— E a mim, capitão pagador !

— E a mim, tenente-coronel reformado !

— E a mim, alferes do 10º de infantaria ! . . .

Batalha, desesperado, corrido, fulo, mandou-os todos embora. Ordenou nova caçada... Vieram trinta, desta vez: quinze tenentes, sete capitães e oito majores...

Iribus! Terceira caçada:—quarenta e dous sujeitos; dos quaes doze alferes, vinte capitães, sete majóres...

— Com tresentos mil sinapismos! esbravejou o coronel! De que diabo hei de eu formar o meu batalhão?

E officiou sem demora ao ministro nestes laconicos termos: — « Os cavalloos estão promptos, dos quaes oitenta são burros; os armamentos tambem. Só faltam soldados. Rogo a V. Ex se sirva nomeal-os, remettendo-m'os sem demora. Deus guarde a V. Ex., etc. »

E cahio exhaisto, sitibundo, banhado em suor, com barretina e espada sobre o chão da botica... Então teve logar uma cousa atroz: Os frascos dos saes, as garrafarias de drogas, os pótes das banhas e das essencias, os vidros de xaropes, desceram das prateleiras e arregimentaram-se militarmente, comandados todos pelo Nogueira, o fatidico e abominavel Nogueira... Depois, a uma ordem de *marche*, ao clangor dos funis, aos rufos das bocetas de pilulas, ao estourar dos gazosos, sob uma atmosphaera turbida, carregada de ammoniaco, o truculento exercito precipitou-se sobre o coronel Batalha.

As pilulas cruzavam-se inflammadas, as capsulas de copahyba explodiam mortiferas, o iodo corria de mil feridas invisiveis... E no meio da estupenda carnificina troava a voz estalada e fresca do Nogueira:

— Morra o coronel Cataplasma!

— Morra! repercutiam as frasqueiras dos alcalis, disparando-lhe rolhas!

— Uff!...

O gallo da casa soltava a sua tyroleza matutina.

O sol entrava de esguelha pela janella, cortando ao meio com uma extensa lamina brilhante o corpo do coronel.

E á cabeceira, com o seu sorriso apimentado e quente de bahiana, *sinhá Rita* apresentava-lhe uma chicara de café cheiroso, passando-lhe meigamente a mão polpuda e macia pela fronte banhada em suor...

Batalha abriu definitivamente os olhos espantados, e murmurou com um profundo suspiro de allivio :

— Uff! Felizmente era sonho!

TERCEIRA PARTE

CONTOS ACADEMICOS

Est. Sausse's Lux

As aventuras do Souza

(RECORDAÇÕES DO BOM TEMPO)

I

Hoje elle é juiz municipal e de orphãos, do commercio e do crime, da provedoria e dos ausentes, em não me lembro que logar de provincia. Soube tambem que havia casado, e provavelmente é pae.

Bom foi isso.

Seria uma verdadeira desgraça não se reproduzir no mundo tão extraordinario sujeito.

Esses *Souzinhas* que ahi estão, em um reconcavo de provincia, a perturbar com guinchos e cabriolas o sagrado socego da judicatura do *papai*, hão de proximamente—ou a tal physiologica lei da hereditariedade é uma burla—*pintar o caneco* na academia, enchendo-lhe os austeros recessos com o fogueteio das suas gargalhadas e o estardalhaço das suas travessuras.

Casado—o Souza !

O Souza—juiz !

D'aqui a dias temol-o avô e temol-o desembargador—aquelle pandego que ainda me parece estar vendo naquella *republica do Chá*, em que se escrevia a *Republica*, dirigida por esse irradiante e vigoroso talento que se chama—Lucio de Mendonça, e que a

esta hora arrazôa alguns autos na sua obscura banca, obscura mas rendosa, de advogado da roça.

Ainda me parece estar vendo o Souza na republica da *Republica*.

Era elle então calouro, e, como fôsse o unico da casa, chamavam-lhe os companheiros — « o nosso calouro. »

E que companheiros, esses !

Um delles é morto — aquelle poeta baudelaireano e orador elegantissimo que se chamou na vida — Carvalho junior, e de cujo talento fala bem alto o seu livro posthumo — *Parisina*.

Outro era Pitta de Castro, illustração litteraria profunda e variadissima, orador entusiastico, jornalista academico dos mais distinctos.

Não sei delle ha muito tempo.

Não o esqueço, entretanto, porque lhe devo o inolvidavel obsequio de me haver ensinado as regras do *alexandrino*, ha sete annos, de uma vez que a seu pedido fiz um pessimo soneto para a festa commemorativa do dia 11 de Agosto.

Outro era o actual representante da nação Dr. Affonso Celso Junior, áquelle tempo — o Affonsinho, republicano e poeta, o Affonsinho dos *Devaneios*; o menino prodigio, cujo nome por toda parte echoava em fremitos de admiração e de sympathia, cujos versos cantavam por todos os jornaes e por todas as revistas, — como um disperso bando de canarios de ouro.

Era o idolo da academia de então, e não creio que antes delle, nem depois, algum joven poeta tenha tido ou tenha aurea tamanha, tão ruidosa e brilhante, e tão rapidamente alcançada.

Amanhã será ministro e conselheiro de Estado, senador mais tarde. . .

A's letras nada mais pedirá que o adorno elegante, como o enfeite de uma joia fina, que vai bem com as *toilettes* custosas das *soirées* politicas e dos banquetes eleitoraes.

Faço-lhe, entretanto, a justiça de crer que, em meio das pompas esplendorosas do seu fastigio, lhe hão de vir saudades d'aquelle bello tempo da mocidade, que é unico, como disse o cantor de *Musette*—do tempo em que o Affonsinho cantava, em sonetos fagulhentos, amantes que não tinha, e mandava aos astros e aos santos que viessem render humildes preitos ás suas graças infernaes; enquanto o Pitta recitava *Os saltimbancos*, do Guilherme de Azevedo; o Magalhães Castro—o Castellar academico—declamava em *robe de chambre* uma tirada incendiaria, com que devia arrazar as instituições no dia seguinte, á noite, na sessão solemne do *Club dos estudantes catholicos*; e o Souza, o calouro impagavel, com a purpura real de um cobertor ás costas e o cigarro ao canto da bocca, tamborilava a *Marselheza* em velha lata de kerozene. Abelheira de poetas e de oradores, de jornalistas e de revolucionarios, que os ventos rigidos e frios da vida pratica e da morte disseminaram por longe, arremessando ao esquecimento os favos de ouro das illusões e dos projectos eldoradinos...

Resta a memoria apenas.

Se eu tivera editor e tempo, faria ainda um livro e magnifico—não pelo trabalho do auctor: pela riqueza do assumpto—com as reminiscencias e recordações d'esse lustro delicioso da minha vida—com esses cinco annos de academia de S. Paulo, que não trepido em declarar os mais bellos e mais fecundos de toda a existencia d'esse vetusto estabelecimento.

Nelles fulguraram Lucio de Mendonça, Manhães de Campos, Leão Bourroul, Pitta de Castro, Pedro Paulo, Carvalho junior, Affonso Celso, Severino Prestes, Magalhães Castro, Monteiro Peixoto, Theophilo Dias, Assis Brazil, Silva Jardim — que seria hoje um dos primeiros criticos nacionaes, se a egreja do *papão* Miguel Lemos o não tivesse empolgado para sacerdote—Alcides Lima, Carvalho de Mendonça, Pereira da Costa, Julio de Castilhos, Raymundo Corrêa, Augusto de Lima, R. Fabrino, Leopoldo de Bulhões—hoje deputado geral—Felicio dos Santos e outros muitos; e em que, no ultimo anno, começaram a apparecer Raul Pompeia e os poucos que hoje luzidamente continuam as tradições gloriosas d'aquelle tempo.

Poetas, oradores, polemistas, folhetinistas, criticos, romancistas, homens de imprensa e de estudos scientificos; os quaes, se neste paiz houvesse logar para as letras e a penna rendesse ao menos tanto como a enchó ou a trolha—não estariam a esta hora a especular na politica, enlameando-se nella, a « desaprender » ingloria e pobremente na magistratura, a esperar constituintes que não chegam nunca, entre as quatro melancolicos paredes de escriptorios fumarentos, povoados apenas de aranhas e moscas, nem andariam por ahi, dando ás pernas na rua do Ouvidor, ou á lingua nas boticas de aldeia; mas, ao contrario, estariam fazendo perante o mundo culto a gloria da patria, annunciando-lhe que no Brazil não ha sómente um poeta—o Sr. *Gonçalo* Dias (assim o chamou Luciano Cordeiro), um unico romancista:—Alencar; um unico escriptor de historia:—o Sr. Pereira da Silva; um unico philosopho:—Gonçalves de Magalhães; um unico orador:—o Sr. Joaquim Nabuco; um unico homem de sciencia:—o Sr. Barbosa Rodrigues.

Ha talvez algum exagero no que fica dito ; é possível que se conheçam no Estrangeiro outros representantes das nossas letras, além dos indicados, mas nem por isso desapparecerá a rigorosa verdade da asserção que adeantei.

Resignemo-nos, portanto, á nossa miserrima condição :— morram, desappareçam esterilmente todas essas *glorias* academicas, e que tantos moços prodigamente dotados de intelligencia e de energias moraes, que nos seus tempos de academia foram acclamados ESPERANÇAS DA PATRIA— não passem jámais além d'essa fagueira e satisfactoria posição :— que se fiquem para ahi sendo sempre, até á velhice, até á morte— unicamente e gloriosamente— *esperanças da patria*.

E toque o hymno !

II

Mas voltemos ao Souza.

Teria uns dezoito annos, se tanto, quando se matriculou.

Era de estatura regular, magro, nervoso, myope, affectado e ingenuo.

Educado na Côrte, no recato pacifico e burguezmente honesto da familia, quando se encontrou em S. Paulo, solto, inteiramente livre, como um trefego passaro desengaiolado de repente, abriu as azas, sacudiu das pennas o plumbeo quebranto do captivo, e desatou em um largo vôo travesso, de ramo em ramo, de botequim a botequim, de bilhar em bilhar, por *chinfrins* e serenatas, da Tabatinguéra á Luz, dos *Quatro cantos* á Ponte Grande, da rua dos Estudantes á Penha.

Dentro em tres mezes já tinha dado trinta e nove *pontos*, e furtado quasi outros tantos cabritos. Manda a verdade que se diga que tinha tambem numero egual de *cadaveres*.

Para elle só havia uma cousa verdadeiramente seria e respeitavel neste mundo : — a sabbatina.

A sexta-feira era-lhe dia nefasto.

Passava-a de manhã á noite . . .

— A' mesa, estudando . . . ?

Bôas !

Passava-a de manhã á noite em jovial via sacra, de *pensão* em *pensão*, de *republica* em *republica*, á

caça de uma *objecção* para a sabbatina do dia seguinte.

Nesses dias modificava a sua phrase de todas as horas: «Dá-me um cigarro» por esta fórma:

— Dá-me uma *objecção*. Tens ahi um cigarro?

Em geral, o interpellado tinha mais cigarros do que *objecções*; do que resultava que o Souza sahia sempre *fumando*, e ia bater a outra porta:

— O' Mattoso, dá-me uma *objecção*; e quebrava os olhos grandes, por cima dos vidros do *pincez*, com uma longa expressão de supplica.

— Não tenho nem uma por ora. Amanhã na academia eu te darei. Estuda aquelle capitulo dos deveres do homem para com Deus:—o João Theodoro diz que são juridicos. Isso estudado dá alguma cousa.

— Obrigado. Isso já eu sabia; exclamava o Souza, amuado.

E, ao sahir, dizia ameaçadoramente ao Mattoso:

— Deixa estar. No sabbado que vem você me paga; e, já na porta, retrocedia para pedir mais outro cigarro.

E lá ia á casa do Bento, um paulista de olhos, muito estudioso, mas igualmente estúpido, benza-o Deus!

— Aonde vais, ó calouro? perguntava-lhe um *veterano* na rua.

— Vou á casa do Bento. Quero vêr se aquella besta me dá uma *objecção* para amanhã.

— Ora deixa-te disso. Vamos jogar a bola ao Marco da Meia Legua.

— Não posso; adeus.

— Não sejas *cynico*, anda d'ahi. Vão o Caetaninho, o Victor, o teu collega Matheus: uma troça! Vamos buscal-os.

O Souza vacillava um instante ; mas declárava por fim, com heroismo :

— Nada. Estou estudando.

Elle chamava áquillo de andar na gandaia, de *republica em republica*—estudar.

Só o pensar na lição ou na sabbatina lhe parecia fatigante, pesadissimo estudo.

— Pois então vae-te p'r'o diabo, calouro ! Estás hoje muito *cacête*; respondia por fim o veterano, deixando-o.

E o Souza lá ia á casa do Bento, muito ligeiro, quebrando ruas, dobrando esquinas sempre que avistava algum vulto de *cadaver*, ou que se approximava de alguma loja, charutaria, ou botequim, em que tinha conta gorda . . . e velha—já se vê.

A' porta do Bento esbarrou com o Vasconcellos.

— Olá !

— Como vaes tu ? Já tens objecção ?

— Era isso mesmo o que eu vinha pedir ao Bento.

— E foi para isso tambem que eu vim cá.

— E arranjaste ?

— Qual ! Este diabo é mais *vinagre* que o Jacob. Tem objecções, mas guarda-as todas para si. Mas eu arranjo logo com o Teixeira.

— Pois então arranja duas : — uma p'ra ti e outra p'ra mim; dizia o Souza. E, enfiando o braço no do Vasconcellos, iam juntos beber uma *Carlsberg* ao *Europeu*.

E á noute lá estava o Souza no *Provisorio* com uma troça enorme, estudando a sabbatina do dia seguinte nas piruetas do *can-can* de Mlle. Berthe, que por aquelle tempo fazia o furor da estudantada nos *Pompieris de Nanterre*.

No dia seguinte é que era o bonito !

III

Sob as arcadas, no quadrilatero que ladeava a grande área marmorea, passavam e passeavam os estudantes de varios annos, confusamente, braços dados, aos grupos, com grandes pernadas, sugando as pontas dos cigarros, occultas na concha das mãos.

Conversavam maroteiras, discutiam objecções, riam, decoravam textos, segredavam pilherias...

De quarto em quarto de hora, o capitão Firmino, o classico e estimado porteiro, ia á caixa do sino e fazia soar duas ou tres badaladas monotonas, fanhosas.

Abria-se então uma porta de impeto, e uma sala despejava sob as arcadas oitenta ou cem rapazes, enquanto outros se precipitavam para dentro de outra sala, atraz do lente, de béca sovada e compendio sob o braço.

Entre os calouros que, estremecendo assustadiços, esfregando as mãos, passeando nervosamente pelos lagedos, aparelhavam as armas á sabbatina, destacava-se o Souza, com seus gestos excessivos e parolar emphatico, repinicado de exclamativas. Corria de um braço a outro, impacientado, supplice, lastimoso:

— O' Mattoso, trouxeste a objecção? Ein? Trouxeste?

— Eu só tenho uma, filho. Se eu t'a der e formos ambos chamados para arguentes, como ha de ser?

— Qual! Ha de se arranjar. Vamos lá.

— Mas, Souza, não ha mais tempo : faltam dez minutos apenas. A objecção é longa, tu não podes comprehendel-a em tão pouco tempo...

— Não faz mal ; não faz mal. Vai dizendo isso ; e, encostando-se á parede, puxava um dos punhos da camisa e preparava-se para tomar notas a lapis em cima delle. Vamos com isso.

O Mattoso, por velhaco, protelava o ponto objeccional, com grandes exordios metaphysicos, pretenciosos de erudição...

O Souza escutava em silencio, olhos dolorosos, beijo humido e cahido, physionomia contrahida em pungitivo desalento.

Não *pescava patavina* de todo aquelle aranzel— o pobre Souza !

Mas por frente delle passava o Teixeiraõ, com sua enorme caraça espinhosa e rubra, aberta continuamente por um sorriso largo—como um cardo bravio.

Então o Souza disparava para elle, deixando o Mattoso ás voltas com o seu discurso.

— O' filho, supplicava o Souza, dá-me pelo amor de Deus uma objecçãozinha. Não imaginas em que apertos estou ! Não sei nada ! Não sei nada ! nada !

E aconchegava-se affectuosamente ao Teixeiraõ, que, depois de fungar uma risadinha, accedia ainda uma vez áquelle pedido, não desmentindo assim a honrosa fama que gozava, de fornecedor geral de objecções. Tinha-as sempre em grande quantidade, e se muitas d'ellas não passavam de astuciosas nugas de argumentação, possuíam, comtudo, a preciosa qualidade de se poder dizer d'ellas:—antes isto do que nada.

— Olha, lengalengava o Teixeira, você aqui, a respeito da « coerção moral », póde perfeitamente levantar esta duvida: — Se um dos caracteres fundamentaes do dever juridico é...

E o Souza, olhos e bocca escancarados, sorvia soffregamente aquelle maná celestial, fazendo o outro repetir os argumentos, frisar as falhas da doutrina « da cadeira », etc.; até que havendo batido o *quarto* corria para a aula, satisfeitissimo.

Se acaso era chamado á bancada dos arguentes, impava de orgulho, gesticulando de lá de cima aos collegas que estava seguro.

E, chegada a sua vez, despejava com bravura sobre o seu respectivo *defendente* a sua « pequena duvida », a qual desejava que o seu « illustrado collega » resolvesse. E, depois de haver declarado que, se elle « lhe elucidasse aquelle ponto erroneo da doutrina da Cadeira », se daria por « inteiramente satisfeito », entrava em materia, dizendo com affectado respeito: « Em uma de suas brilhantes prelecções, disse-nos a illustrada Cadeira que... etc. » para gritar mais adeante, com espantoso *aplomb*: « Errou, portanto, a Cadeira, e a sua doutrina é completamente falsa. » O lente, que era um espirito originalissimo e extremamente jovial, ria-se como um perdido ao ouvir o Souza.

Longe de se zangar com essas e outras quichotadas dos seus discipulos, procurava fazer falar de preferencia os que eram mais ferteis em proud-hommices e calinadas.

Uma vez, havia elle chamado á lição um dos estudantes mais vadios, embora mais talentosos do anno.

O rapaz, pillado quando menos esperava, e

inteiramente *a quò* na materia da lição, deitou furibundo *bestialógico*, e, em falta de que dizer sobre ella, tratou de *encher linguça*, muito serio — pois mais valia dizer asneiras do que—*dar tiro* (*).

E então, para pompear copiosa illustração jurídica, entrou a citar, a torto e a direito, os nomes que primeiro lhe vinham á mente:—os de personagens de um romance que então se publicava no *Correio Paulistano*.

« Como bem diz o illustre jurisconsulto *Petit-bois*, ou o famoso civilista francez *Duvignac...*»

Ria-se o lente com visível gosto deante de tão comico desplante, e, ao calar-se o discipulo, disse-lhe com bonhomia :

—Muito bem. Muito bem.

Mas á porta, acabada a aula, emquanto a sala se esvasiava, tomou o estudante por um braço, e disse-lhe em tom de risonha admoestação :

—Para outra vez, quando você tiver de citar nomes de *escriptores de Direito*, peço-lhe que os não escolha em romance que eu tenha lido.

Imagine-se o effeito destas palavras !

Não houve mais estudante que procurasse impingir-lhe heróes de Gaboriau e Montepin por «jurisconsultos illustres.»

Quando o Souza ia para *defendente*, a situação peiorava, porque, não sabendo elle qual fôsse a «doutrina da Cadeira», não podia de modo nenhum defendel-a.

Tomava então o recurso de recusar systematicamente todas as asserções do arguente.

(*) Em gyria academica *encher linguça* significa preencher o tempo com verbiagem simuladora de estudo, e *dar tiro* — não responder nada, ficar calado.

— Ora collega ! A illustrada Cadeira não podia ter dito semelhante cousa ! Isso é historia sua.

A's vezes, o lente intervinha, despejando no fogo das negativas a agua fria desta observação :

—Foi essa mesma a doutrina que sustentei.

Então o Souza mudava de tactica e dava por páus e por pedras, dizendo de minuto a minuto :

—Sua objecção não procede !

—Este raciocinio pecca pela base.

O que elle procurara, a todo custo, era não *dar tiro*.

Conseguia-o :—estava satisfeito.

Como era um rapaz intelligente e extremamente vivo, se com frequencia se dava ao desfructe, cahindo em pachuchadas e disparates, era, entretanto, rarissimo provocar a gargalhada dos collegas por actos ou phrases que o tornassem lastimavel.

Desastrado, espalha-brazas, cheio de estouvances e de ingenuidade—é o que era. Lembro-me bem do dia em que publicou o seu primeiro artigo.

Era uma tarde garoenta e melancolica.

Eu subia vagarosamente a rua de S. Bento, quando, proximo á ladeira de S. João, vi de longe um vulto de homem caminhando apressadamente em direcção ao lugar em que eu estava, e sacudindo na mão um papel amarrotado, como bandeira gloriosa.

Era o Souza.

Vinha tempestuoso ; esbarrou commigo sem parecer haver-me reconhecido.

—Que diabo é isto, Souza ? Aonde vaes com esse enthusiasmo ?

— Deixa-me, deixa-me !

E, apresentando-me, como um trophéu sagrado, o jornal que trazia na mão, que era o ultimo numero

da *Republica*, murmurou com voz melliflua, tremelicada de commoção :

— Olha : o meu primeiro artigo ! O meu primeiro artigo !

E apontava-me certa columna da folha, encimada por este titulo: « As finanças do imperio », ou outro mais ou menos assim.

— Bravos ! Os meus parabens.

— Obrigado ! Obrigado ! E' a minha estréia !

E enternecendo-se profundamente com essa idéia, gaguejava, afogado em lagrimas de jubilo :

— A mi... a mi... a minha estréia ! Oh ! vou tomar um *ganso* !

— E' uma resolução grave a que acabas de abraçar; e se a repetires toda vez que publicares novo artigo, ficarás em melindrosa situação. Cuidado com a Gloria ! Com a Gloria e cervejas adjacentes!...

— Adeus ! Adeus ! Vou tomar um *ganso* ! Um grande *ganso* !

E degringolou pela ladeira de S. João com enorme espalhafato de jubilo, dando com os braços, desfraldando ao ar aquelle abençoado pedaço de papel, em que pela primeira vez apparecia aos povos pela mão de Guttemberg, para lhes contar os horrores do nosso estado financeiro. Soube dias depois a historia desse artigo.

Estavam reunidos na sala unica da *Republica* os redactores da *dita*, preparando o numero que devia apparecer d'ali a dias.

O Lucio já tinha prompto o artigo de fundo, que se bem me recordo, era uma bella *tunda* no clericalismo ; o Prestes aprestava um sobeibo cacho de considerações sobre a «Autonomia municipal »; o Affonsinho daria uns versos ; o Magalhães, um resumo da sua ultima conferencia sobre « Liberdade

de imprensa »; havia ainda uma poesia do Theophilo Dias e um artigo do Pitta. . .

Da *republica*, só quem não collaborava *nella* era o Souza—o *doutor Souza*—como tambem chamavam os companheiros ao nosso calouro.

— Mas por que não ha de tambem o *doutor Souza* escrever? lembrou um.

— Apoiado! confirmaram todos.

— Vamos, *doutor Souza*! Um bello artigo para amanhã.

— Prompto! exclamou o calouro, arripiando a grenha, em um raptó de inspiração genial.

Mas, em seguida, descahindo as mãos, com o semblante carregado de apprehensivas interrogações, murmurou:

— Mas o diabo é que não tenho assumpto! Sobre que hei de eu escrever?

— Sobre o nariz do Papa.

— Não. Descreve antes as barbaças do rei.

— Tambem não approvo; obtemperou terceiro. O que tu debes é escrever sobre as finanças do imperio. E' um assumpto serio e momentoso. E além disso:— tão propicio á fantasia!

— Está dito, approvou o calouro com um pinote de contentamento. Escreverei sobre as finanças do imperio. Mas que direi eu? Ahi temos nova questão.

— E' simples, *Dr. Souza*. Tira do artigo de fundo do *Jornal* de 6 do corrente,—que tambem os extrahio do relatorio do ministerio da fazenda—alguns dados de estatistica economica, e com isso estás *montado*. E' só *encher linguaça*.

Foi o que fez o calouro:—cortou o trecho indicado, e collou-o a uma tira de papel—depois de o haver coroado com este titulo garrafal:—« As finanças do Imperio ».

E encheu mais cinco ou seis tiras de grandes phrases bombasticas, pantafaçudas. Por exemplo :

« Vêde, concidadãos, vede o abysmo insondavel a que arrastou a vossa fortuna esta maldicta e funestissima politica de S. Christovão !

« O descalabro dos dinheiros publicos é completo !

« As arcas do thesouro escancaram-se avidamente, vasiaas do derradeiro ceutil !

« Eis os resultados do regimen monarchico, mancenilheira nefanda a cuja sombra etc. »

Pobre Souza !

Esse famoso artigo, que tanta gloria lhe promettia, custou-lhe, ao pobre Souza (quasi Franco) um pavoroso *ganso*, que o trouxe derreado oito dias, e uma tremendissima vaia, acompanhada de buscapés, no dia seguinte, na academia.

Miserrima posição a de um calouro : Nem mesmo salvar o paiz da bancarota lhe é permittido !

IV

O Souza era louro.

Tinha uma basta cabelleira ondeada e um lindo bigodinho, que, com as pontas arrebitadas, procurava beijar as costelletas que lhe emmolduravam o rosto.

Louro, tirando a castanho, porém menos castanho que louro.

Imagine-se agora a surpresa com que o vimos um bello dia surgir de improviso na academia—com cabelleira, bigode e costelletas negras; negras:—da côr do ebano, do azeviche, da noite, da ingratidão, do café, de tudo quanto de mais negro exista.

E' verdade que não era elle o primeiro que se dava a essa extravagancia romantica de mudar a côr dos cabellos.

Nisso seguio elle alheio exemplo; pois que, antes d'elle, dois outros academicos, que então andavam na bérria, haviam tambem pintado os seus formosos cabellos, um de—negro, e o outro—de louro.

O mais interessnnte, porém, foi que o nosso Souza, assim metamorphoseado, correu á casa de Carlos Hoenen e fez-se photographar em uma elegante e rebuscada *po e* de homem illustre « com cincoenta por cento de *genio* », na pittoresca expressão do espirituoso *marinhista* Emilio Rouede.

Que assombro deviam ter lançado ao seio da familia do Souza aquelles retratos fantasticos!

Tinha idéias originalísimas aquelle rapaz.

Lembra-me bem que, uma vez, estava eu adormecido, e curtia, recostado em um sofá, em uma tarde de implacavel *cynismo*, um pavoroso *spleen*, da côr das novas barbas do Souza.

Além deste, estavam outros companheiros na *republica*; mas, não obstante, reinava um silencio preguiçoso, ennevoado pelas fumaradas dos cigarros e pontuado apenas pelas reticencias dos bocejos.

O Souza assobiava philosophicamente, esparalhado na cama, enquanto o Luiz da Costa, um matto-grossense, se embalava na rêde, sorrindo em silencio lá por cousas de que se estava lembrando.

Para espancar o tédio, recorri á inesgotavel imaginação do Souza, pedindo-lhe a esmola de um quarto de hora de distracção jovial.

Não m'a recusou o excellente rapaz. Saltando ao chão, bradou, puxando por um braço o Silva, o meu inseparavel camarada de então:

— Vamos improvisar uma comedia, um drama, uma tragedia! o diabo!

— Pois sim, respondeu o Silva, representemos o *Fausto*. Fausto sou eu.

— E eu Mephistopheles, volveu o Souza.

E, pegando de um jornal, sahio da sala dizendo:

— Vou me caracterisar.

O matto-grossense fez de orchestra:—guinchou para *ouverture* um horrivel trecho de desconhecida opera, que teve, todavia, uma vantagem: foi curta.

E eu de contra-regra: apitei.

Subio, por hypothese, o panno, e o celebre alchimista germanico appareceu em scena em chinellas e *robe de chambre*, não bastante longo que pudesse occultar á platéa que estava em ceroulas! Fausto em ceroulas!

E começou a recitar soturnamente o famoso monologo; sem barbas, é verdade, mas com entusiasmo:

— Ah !... Philosophia, jurisprudencia, medicina; e—por minha desgraça!—até a theologia... Tudo tenho estudado com laborioso afan, e, entretanto, eis-me aqui—pobre louco!—tão sabio como antes...

Neste ponto abrio-se subitamente uma porta, e Mephistopheles—o Souza—appareceu.

Houve uma explosão de risadas:—o Souza estava estupendamente patusco na sua caracterisação satanica!

Trazia uns longos bigodes agudos e uma pêra immensa, retorcida na ponta; á cabeça um chapéu de bicos; collarinhos descommunaes subiam-lhe do pescoço, ladeando-lhe a cara; e brandia uma longa espada tortuosa como a do archanjo biblico.

Como arranjára elle tudo isso em tão pouco tempo?

Muito facilmente.

Bigobes, pera, chapéu, collarinhos, espada... tudo era de papel!

Arranjára tudo aquillo com um jornal, em menos tempo do que o que gasta a esfregar um olho o personagem que elle representava.

— Eu sou Mé-phis-tó-phe-les! bradou o Souza com accento diabolico, uma das mãos na ilharga, e outra a retorcer a pera.

— Que de mim desejas? perguntou Fausto, arrastando as chinellas, com espanto.

— Venho trazer-te a mocidade, a formusura, o amor!

— O amor? inquirio Fausto, fazendo-se muito intrigado.

— Sim ; dou-te o amor ! Oh ! o amor ! E Mephistopheles, levando as mãos ao coração com impetuoso ardor . . . perdeu a pêra . Mas, como se nada houvesse succedido, continuou a phrasear tolices com voz cava e terrivel.

Fausto lutava com o demonio... do Souza ; mas este, emquanto não soava o toque sagrado da *Ave Maria*, para tental-o ainda mais, estendeu-lhe a mão fechada, com estas pavorosas palavras :

— Toma um biscoito, ó Fausto !

E... cahio o panno .

Quando o Rossi esteve em S. Paulo o rapaz quasi ficou doudo de enthusiasmo.

Não dizia cousa que se não referisse ao grande tragico italiano, não pensava em outra cousa, nem dava *ponto* no theatro S. José.

Era uma mania.

Uma noite, no final da representação do *Romeu* ou do *Hamleto*, o Souza ficou tão cégo de admiração, que, levado pelos arrebatamentos do applauso, atirou com a cartola ao peito do famoso tragico. Rossi inclinou-se, apanhou o chapéu, e, estendendo o braço, entregou-o ao Souza, que estava em um camarote contiguo á scena.

O Souza recebeu-o, todo inclinado para cima do Rossi, exclamando lacrimosamente, com os braços abertos, alongados para elle :

— Obrigado, genio, obrigado !

E depois que se foi o Rossi, não fazia outra cousa senão imital-o a toda hora e em toda parte.

Estava-se, por exemplo, conversando socega-damente ; de subito, o Souza entrava e ia logo se

atirando para a gente, na attitude do Rossi, no *Ham-
leto*, na scena do duello, floreando a bengala, e :

— Em guarda! bradava, batendo com o pé no
soalho.

Mandou fazer uma grande capa negra, para com
ella imitar o celebre actor italiano no immortal mo-
nologo.

E por mais de uma vez alguns pacatos hospedes
do *Hotel das Familias* o viram embrulhado na capa,
o feltro carregado sobre os olhos, a bengala fazendo
de espada sob a capa, e com lentos passos murmurar
soturnamente, braços cruzados :

— *Essere o non essere? . . . Ecco il problema! . . .*

V

Este capitulo poderia bem ser intitulado :—*As mentiras do Souza*; porque elle, ó extraordinario rapaz, tambem mentia o seu bocado.

Mentiras innocentes, de que não resultavam consequencias mais graves do que alguns instantes de hilaridade.

Gabolicos, quasi sempre.

Procurava impingir aos collegas e companheiros contos mais phantasticos que os de Põe e mais inverosimeis que os da loteria.

Era assim que dizia haver pedido em casamento riquissima e formosa donzella, que estava áquelle tempo na Europa, de passeio com a familiã. Affirmava que se correspondiam activamente. E para fazel-o acreditar deixava sobre a mesa, como naturalmente esquecidos, rascunhos de cartas em francez, enveloppes, endereçados a *Mlle...* (um nome puramente imaginario) — no *Faubourg Saint Germain n....* qualquer.

E no começo das cartas liam-se mais ou menos estas phrases :

Ma chère fiancée.

Il y beaucoup du temps déjà que je n'ai pas le bonheur de recevoir une lettre de ta jolie main, etc.

Havia algum tempo que o Souza annunciava a todo o mundo que ia publicar um volume de folhetins.

Ora, como para se publicar um volume de *folhetins* é indispensavel haver primeiramente publicado os ditos folhetins (porque, ao contrario, esses trabalhos serão tudo o que se queira, menos — *folhetins*) e como ninguem jámais lêra um folhetim do Souza, causava aquella noticia geral e comprehensivel surpresa.

E todos a tomavam por mais uma *blague* do Souza.

Mas, um bello dia, este declarou que já havia contractado com uma typographia a publicação do seu volume de *folhetins*.

E deu o preço ajustado e mais informações respectivas.

O livro devia dar cento e tantas paginas, e comprehendia quinze ou mais folhetins. E, desembrulhando um grosso maço de tiras de papel principiou a lêr os titulos de alguns delles :

— *A janella do meu quarto ; Os dous gatinhos ; A minha vizinha, etc...*

Entretanto, estimulado pela curiosidade, adiantei-me, e, pondo-me por traz do *folhetinista*, procurei lêr alguma cousa...

Mas—ó surpresa!—nada^a pude lêr, absolutamente nada, além dos titulos dos taes *folhetins* — porque todas aquellas tiras estavam em branco!

Interpellado sobre tão inesperada e original circumstancia, respondeu muito fleugmaticamente, com um lindo gesto de superioridade :

— Estão promptos ; falta apenas escrevel-os.

A exemplo de outros estudantes, morou o Souza por algum tempo em um dos conventos de S. Paulo, cuja confraria, vendo-o desoccupado, cedia gratuitamente algumas cellas a rapazes morigerados e de bôa reputação.

Mas, *dias antes* de fazer a mudança para o convento, escreveu o Souza uma longa carta ao pae, carta que nos leu, com emphase solemne, e que dizia mais ou menos o seguinte :

« MEU PAE.

« Ha dias que estou morando no convento tal. Não póde imaginar o effeito que tem exercido sobre o meu espirito a soturnidade silenciosa e negra destas abobadas immensas!

« Pelos extensos e desertos corredores parece-me escutar os passos lentos dos velhos monges, a murmurar as suas orações.

« Vejo-lhes as sombras venerandas prolongando-se nas naves desertas... e á noite, no tremendo silencio do claustro, afigura-se-me ouvir o gemitar melancolico do orgão, de que invisiveis mãos fazem voar harmonias tristissimas... Que pavor! E que saudosas lembranças!... »

—Mas, Souza,—observou-lhe um dos rapazes— se você ainda não se mudou para o convento, como é que mandá dizer a seu pae que já está sentindo todas essas cousas no convento?

— Ora! é o mesmo; — replicou o Souza. O tempo que gasta na carta para chegar á Côrte, é justamente o tempo de eu fazer a mudança. De sorte que não minto:— quando o *velho* receber a carta, já eu estarei no convento, e terei sentido o que lhe digo na carta...

Era logico, além de tudo — o Souza!
Que typo!

VI

Quando cabia ao Souza a vez de ser o despenseiro da *republica*, quando lhe tocava o mez de *bolsa*, passavam os companheiros, mais ou menos, por todos aquelles horrores que no episodio do conde Ugolino descreve terrivelmente o Dante. Verdade é que isso não aconteceu mais do que duas vezes. Logo ao quarto ou quinto dia da administração *souzina*, via-se a bella e vigorosa *republica* do Chá reduzida, como aquella outra de que resa a Historia— ao caldo negro da temperança, ao pão duro da frugalidade:— heroismos culinarios a que se não sentiam dispostos os estomagos d'aquelles excellentes rapazes.

E' que o extraordinario Souza comia logo ao principio do mez o dinheiro com que devia dar de comer aos companheiros, e o mestre Cook da *republica* via-se então em serios *assados* para alimental-a dignamente, visto que a verba diaria para as compras diminuia, minguarda todos os dias de um modo assustador.

— Economia, muita economia! recommendava elle ao despenseiro, solememente impertigado na sua elevada posição de economista illustre. E ao determinar córtes energicos nas verbas orçamentarias da cozinha, sentia-se o Souza revestido da autoritaria competencia que lhe viera com a publicação do seu famoso artigo sobre as finanças do Imperio.

Pois que?! O homem que uma vez salvou da bancarota o paiz, desvendando-lhe « o pavoroso abysmo para o qual caminhava a passos agigantados, impellido pelos esbanjamentos e imperdoavel incuria dos perfidos governos da monarchia », não teria igualmente a precisa força para salvar as compromettidas finanças da *republica*?...

— Quanto costumava você receber para o pão? inquiria o Souza do cozinheiro, afuzilando-lhe um olhar judiciario, muito supercilioso, por sobre as curvas lunetas.

— Duas patacas; respondia tartamudeando o cozinheiro—que, ao que parecia, cuidava mais da limpeza das alheias caçarolas do que da da consciencia propria.

— Duas patacas!!!... exclamava o outro, horrorizado, estampando em uma careta eschiliana todos os esbanjamentos de um governo... *monarchico*; e, com o accento carregado e secco de implacavel reformador, concluia:

— Pois de hoje em diante fica a verba do pão reduzida a uma pataca.

E dava-lhe meia.

— Vamos ás verduras. Quanto gasta você em verduras?...

— Dous tostões, *seu doutor*.

— O que, bandido?!... Dois...tos...tões!... Que idéa fazes tu de nós para nos impingires tanta *verdura*?...

— E' que... procurava explicar o cozinheiro.

— Cale-se. Ficam abolidas as *verduras*. Adiante.

Neste andar ia o Souza cortando impiedosamente nas demasias culinarias da *republica*, até chegar á sobremesa.

— Quanto costumava receber para o *dessert*?

— Nada, não senhor ; respondia o Manoel, que, na verdade, para o *dessert* nada costumava receber.

— Nada !... Esta é bôa. Se não te dão dinheiro para a sobremesa, como é então que nos dás sobremesa ?

— Ah ! para a sobremesa dão-me dinheiro, sim senhor ; respondia o interrogado, entendendo.

— O' patife ! Se não entendes o francez, como foi que nos disseste que a tua cozinha era franceza ? bramia o economista, furioso. Mas vamos, responde : — quanto recibes diariamente para isso ?

— Para isso que, *seu doutor* ? perguntava o outro, desentendendo de novo, matreiramente.

— Para o *dessert*, para o doce, para a sobremesa, burro !

— Ah ! sim senhor : — dez tostões.

— Dez tostões !... Pois esses figos ensopados com assucar, que nos impinges todos os dias, custam-nos dez tostões... ? — Oh ! descalabro !... Ficam abolidos os figos.

— Mas eu posso arranjar outro doce.

— Nada. São muito *salgados* os teus doces. D'ora em diante fica por minha conta o *dessert*. Retira-te, prevaricador ! concluia o Souza, com fulminativo gesto, como um doge inflammado em santa colera justiceira, remettendo com elle o culpado ao tenebroso inferno das frigideiras — como se o regeitasse ás frigideiras do inferno.

O resultado das medidas economicas postas em pratica pelo Souza foi a fome, a revolta, a guerra, furias terrificas, que vieram sentar-se á alegre mesa de outr'ora, tão abundante de comezainas e de pilherias gordas. O pão acabava com a sopa, quando não desaparecia antes della. Os estudantes reclamavam com desespero :

— Salada! salada!

— Oh! Manoel, que é dos agriões?... Pois tu não sabes que o agrião é a vida! que, se me falta o agrião, serei capaz de entrar para o « Circulo dos Estudantes Catholicos »?...

O Manoel explicava então « que *seu doutor Souza*... havia abolido as verduras... » Rebentavam então os protestos, as raivas, as imprecações blasphemantes de meia duzia de estomagos roubados.

— Batatas, Manoel! Traze batatas, malvado!

Repetia-se a explicação, e reproduzia-se a scena da revolta.

— Cuidas talvez, economista Souza, que nada tens de *franco*, que possamos passar sem batatas, ou acreditas que nos bastam as tuas?... invectivava catilinarmente um Cicero, com a barriga na espinha.

Mas quando a tempestade rugia mais sanhuda era á sobremesa. E que estomago, por mais cordato e paciente, poderia calar suas queixas, quando, depois das amargas desillusões dos legumes e do assado, sem batatas e sem pão, perdia ao doce a derradeira esperança, encontrando-se diante — não de um succulento pudim de pão, ou de uma rija e dourada torta — mas á frente de dous pratinhos, e mal cheios, de confeitos côr de rosa, brancos e amarellos — desses que uns italianos fazem e vendem ahi pelas ruas, e que nesse tempo infestavam barbaramente a Paulicéa?!

— Que é isto, *seu doutor Souza*?... interpellava tragicamente o mais lambareiro da republica. Que patifaria com assucar é esta?!

O economista via-se então em graves papos de aranha para fazer convenientemente a apologia d'aquelle esplendido *dessert*, que lhe havia custado

meia pataca em um taboleiro da rua de S. Bento, e do qual já elle havia comido metade pelo caminho.

Aquella situação pungentissima terminava de dous modos :—ou por se espalharem os rapazes pelas *republicas e pensões* amigas, acossados pela fome, enquanto durava o despotico governo do doutor Souza, ou por passarem-no para outras mãos menos *economicas*, quando havia dinheiro para refazer o custeio da *bolsa*.

VII

Para terminar a narração das extraordinarias aventuras deste sympathico e completo estudante— narração que vai longa, sem comtudo haver esgotado o assumpto, — contarei o caso dos cocheiros.

Das classes *cadavericas* era talvez na dos cocheiros que mais *cadaveres* tinha o Souza. Na sua qualidade de homem celebre, pouco se dignava de usar do *calcante pede*. Para qualquer cousa mettia-se em um carro. Um convite a fazer, uma visita a pagar, um passeio á Ponte-Grande ou á Penha—tudo servia de pretexto ao Souza para tomar um carro.

Em S. Paulo os estudantes gosam de credito entre a illustre classe dos automedontes, e aquelles, usando e abusando do *fiado*, vêem-se, no fim de mezes, impossibilitados de andar livremente pelas ruas, porque a cada passo encontram um *cadaver* terrivel na boléa de um carro. E' uma perseguição diabolica!

Pois talaconteceu ao Souza. Em certa occasião devia enormes contas a muitos dos cocheiros mais populares da praça:—ao Manoel Cabeça, ao Chico Barriga, ao Venancio e a outros. Coitado! ia ás vezes andando muito tranquillo, quando ouvia atraz de si o rodar de um carro e uma voz muito sua conhecida a bradar-lhe:

— *Psitt! Psitt! Oh seu doutor Souza! Seu doutor Souza!*

O rapaz dobrava a primeira esquina, esbaforido e de raspão—para muitas vezes ir esbarrar em outra rua com outro perseguidor da mesma especie e não menos encarniçado. Quando o Souza, por inadiavel necessidade, ia ao largo da Sé, então é que era o bonito. Sobre as holéas dos carros estacionados erguia-se um povo de cocheiros a interpellar o Souza em uma grande desordem indignada de gestos e vozes e a reclamar com furia :

— A minha continha, *seu doutor* ! Então a minha continha ?...

Um inferno ! Por fim fez o Souza o seu acto, não me lembro de que anno, e tendo de voltar em breve para a Côrte, para se vêr livre d'aquelle mundo de feroces *cadaveres*, que o não deixavam circular livremente, foi ter com elles, e a todos, em particular, a um por um, prometteu pagar, no dia da partida; e a cada um dizia :—No dia tantos, ás 4 da manhã, esteja lá em casa com o carro, á minha espera. Você me levará á estação e lá lhe pagarei.

Effectivamente, no dia aprazado, ás 4 horas da madrugada, estacionava um carro á porta da casa do Souza. D'ahi a momentos chegou segundo; pouco depois terceiro; e dentro de um quarto de hora cinco ou seis carros estavam parados em fila na rua, em frente da casa em que morava o nosso heróe.

— Quem vem você buscar ? perguntou ao collega mais vizinho o *Cabeça*, muito intrigado com tanto carro,

— O doutor Souza, respondeu-lhe o *Barriga*.

— Hom'essa ! Isto não é possível. Quem leva o doutor Souza, sou eu. Foi a mim que elle mandou que o esperasse.

— Mas a mim tambem ; volveu o *Barriga*.

— E tambem a mim ; gritou o Venancio. E disse que me pagaria a continha na estação.

— Pois tambem a mim disse o mesmo ; exclamaram todos os outros a um tempo.

E resolveram bater á porta ; aberta esta por fim, depois de muita pancada, appareceu um estudante estremunhado, envolvido em uma colcha.

— Seu doutor Souza?... perguntou o *Cabeça*. Vim buscal-o para o levar á estação.

— Qual Souza, nem meio Souza! respondeu o estudante. Foi para o Braz, a pé, ás tres horas da madrugada.

E fechou a porta com impeto.

Os cocheiros, algazarrando furiosos, partiram em direcção á estação do Norte. Chegados lá, percorreram todos os recantos da estação, á procura do fugitivo e patusco devedor. E nada de Souza!... E o trem parte, não parte... Um delles, mais ousado, foi até ao trem, espiou por todas as janellas... Qual!

— E esta! Não veio! Decididamente o estudante nos enganou. O diabo não veio ainda ; ou não vem mais. Mil raios o...

Nisso sibilla o apito da locomotiva, os ultimos passageiros entram apressadamente para os vagon, mexe-se a enorme serpente bufando a fumarada do vapor..., fecham-se com estrepito as portinholas... trocam-se gritos e adeuses, e o trem parte.

Nesse instante ergue-se rapidamente a vidraça de uma das janellas, e a cabeça do Souza, coberta por um bonet de linho branco, apparece subitamente, desabrochando a cara em uma carantonha de triumphal chacota, e agitando os dedos da mão direita, empinada sobre a ponta do nariz, em direcção aos *cadaveres*.

No grupo dos cocheiros, pasmos e virulentos, rebentou com temeroso estrupido o obuz de uma obscenidade, flammivoma de colera, acompanhada por ameaças aereas de murros athleticos, enquanto o trem fugia vertiginoso, com a cabeça escarninha do Souza encaixilhada em uma das janellas.

Extraordinario e inolvidavel rapaz! — soubeste honrar as tradições cavalheirescas dos antigos estudantes da poetica Paulicéa, e tão cedo não terá outro como tu essa decrepita e tristonha academia de hoje.

O estratagema do Guedes

(A FILINTO DA SILVA)

Ha na vida escolastica uma posição peor que a de *bicho*:—mais precaria, mais irrisoria, mais triste. E' a de *bicho chronico*.

Para passar de *futrica* a academico é indispensavel ser *bicho* tres ou quatro annos, o tempo preciso para fazer os preparatorios, despachando-os ás pressas, engroladamente, como despacha um padre uma triste missa mal paga.

Tem havido exemplos de rapazes que deram cabo dos dez preparatorios: — Portuguez, Francez, Latim, Inglez, Arithmetica; Geometria, Geographia, Historia, Philosophia e Rhetorica ou Algebra, em um anno ou em dous.

Perguntar pelo estado de saude dessas materias, depois de concluidos os exames, é tempo inteiramente perdido.

Mas como o que se deseja é a matricula na Faculdade—desde que se o consiga, tudo o mais nada vale.

E ahí está a razão explicativa do facto de ninguém se admirar que um medico não saiba escrever uma carta a um amigo, perguntando-lhe como vai de sua tosse, e que um bacharel em Direito se veja horriavelmente atrapalhado, sempre que tenha de abordar um trecho do *Corpus Juris*, ou qualquer outro latim juridico, indispensavel ao caso.

Mas a verdade é que, apesar de ser tão facil a tarefa, de parecer mais um brinquedo que outra cousa, tem havido muitos rapazes que—ou abandonam definitivamente a carreira, voltando á posição de *futricas*, com uma bella collecção de *raposas* para regalo da familia, ou não largam mais a casca, chronicando-se, estacionando por indefinido tempo no segundo gráu da carreira.

São esses os « bichos chronicos ».

Actualmente vae rareando a especie.

A introducção dos exames nas provincias e o facto de haver sido abolida a perda dos preparatorios por prescripção desfecharam golpe de morte na interessante classe dos bichos chronicos.

Ha oito ou dez annos, chronicava-se um bicho pela maneira seguinte : sendo fatal o praso de quatro annos para a prestação de todos os exames preparatorios á matricula nos cursos superiores, esó havendo uma inscripção annual, em Novembro, para os exames de linguas, e em Março para os de sciencias —era indispensavel que o *bicho* distribuísse os seus estudos de modo a fazer pelo menos dois exames nos dois primeiros annos e tres nos dois ultimos.

Se dentro do praso não havia o *bicho* despachado aquelles dez *cacetes*, acontecia-lhe forçosamente que caducavam os primeiros exames feitos.

E como quasi sempre acontecia esquecer o estudante inteiramente as materias prescriptas,

juntavam-se as difficuldades de estudal-as novamente ás do estudo dos novos preparatorios.

Mas o *bicho* é em geral homem destemido bravo. Não conta com desgraças; é mais optimista que o Dr. Pangloss, e mais ferrabraz que aquelle de que rezam as lendas carlovingianas.

Por isso, repetir preparatorios não era cousa que assustasse a *bicharia*. O resultado era muitas vezes serem reprovados nas materias em que haviam sido approvados quatro ou cinco annos antes.

Demais, quando faziam exame de um dos ultimos preparatorios, prescrevia um outro dos primeiros, e por fim era um continuo repetir de exames perdidos, um circulo vicioso em que gyravam ás tontas, em um rodopio desesperado, os miseros candidatos aos bancos academicos.

Quando um *bicho* se encontrava nessa incommoda e bizarra situação, era chamado — *chronico*; passava ao estado de fossil.

As gerações academicas, atravessando as arcaicas soturnas e denegridas das velhas fabricas de bachareis e doutores, encontravam aquelles veneraveis representantes da archeologia academica, e, ao sahirem para a temerosa e assustadora travessia da vida pratica, saudavam, com profundissimo acatamento e estrondejantes risadas, aquelles famintos e insaciaveis abysmos de sciencias e linguas, aquelles velhos toneis danaidescos de *rapozas* e de mesadas.

O bicho chronico!

Que assumpto para um poema heroi-comico! que inesgotavel veio de pilherias e de recordações!

Quantas farças, quantos dramas, quantas saudades nos traz a recordação d'esse impagavel typo do muudo academico!

Não o estraguemos em um folhetim.

Guardemol-o religiosamente : — dá para dez volumes.

Hei de ainda arruinar com elle um editor.

Pois bem. O Guedes era bicho chronico.

Havia dez annos que elle andava a fazer e a perder, a perder e a refazer exames.

Tinha-se acostumado por fim áquella dansa.

Parecia mesmo estar convencido de ser aquelle o seu destino social, a missão que lhe cabia desempenhar no congresso das actividades humanas.

Está bem visto que o pae do Guedes não era inteiramente do mesmo parecer. Afigurava-se ao *velho* — e não sem certa razão — pois que era elle afinal quem pagava o pato (e os *gansos*) — que a posição de seu excellente filho não era das mais brilhantes e promettedoras ; e, para fazer sentir ao filho esse seu modo de encarar as ccusas, começou a encurtar-lhe o dinheiro.

Mas o rapaz era proecto na sua especialidade, e encontrava sempre meios de derruir a severidade economica do *velho* com tres ou quatro descargas de bôa rethorica — mentirosa e sentimental.

Falava-lhe nas cartas em « perseguições atrozes que lhe moviam os lentes, por causa das idéias scientificas e democraticas que elle tinha a ousadia de sustentar ; na vergonhosa influencia dos empenhos, na desgraça de não ter pae alcaide » ; chamava redondamente aos examinadores, com uma grande tranquillidade calligraphica — « corja de estupidos, sucia de charlatães enfatuados, cambada de ignorantes, récu

de caturras e de venaes » ; e quejandas rajadas de colerico despeito, que iam repercutir dolorosamente na alma do pae e nos reconcavos da sua burra.

Nesse jogo ia levando a vida, trazendo o *velho* constantemente embrulhado naquelle engano d'alma, pecuniario e cego.

Mas tudo tem forçosamente um fim — inclusive a paciencia dos paes que sustentam filhos eternamente malandros, filhos que levam a mocidade inteira preparando-se, sem jamais se prepararem de todo.

Esgotou-se um dia a paciencia de velho capitão Guedes, e no immediato recebia Guedes filho uma carta terrivelmente laconica, ou antes laconicamente terrivel. Dizia assim :

« Seu Chico. — Esthamos em Fevereiro. Em marso se abre os exhame das ciencias. E' perciso que Vemcê, acabe de uma vez com eçes preparathorio do diabo ? Já he de mas. Se em marso Vmcê, não se matrichular, arcolho-o á fazendha. A' de vir apanhar cahé com os negro. Veijha bem. Thua mae tambhem não esthá disposta a te athurar mas. Meu dinheiro não he fubha de mio. Me custha muito a ganhar helle. — Teu pãe, *Thimhotheo*. »

Ao lêr esta carta, o Guedes tremeu de medo.

Conhecia perfeitamente o pai que tinha a fortuna de possuir.

Bom até á santidade, emquanto lhe não chegava a mostarda ao nariz.

Mas em chegando...

Lá se ia tudo quanto Martha fiou !

Aquella carta era decisiva, peremptoria, fatal.

Conheceu o animo com que lh'a escrevêra o pae, principalmente pela orthographia.

Quando o *velho* estava furioso, não poupava os *hh*.

Era *h* para a frente, a torto e a direito!...

E daquela vez havia assignado o nome com tres *hh*!...

Estava perdido !

Comprehendendo que era inutil recorrer á rethorica do costume, e tendo um sagrado horror pelo doce encanto de apanhar café, em democratica e amistosa camaradagem com a *gente* da fazenda, tomou o Guedes um partido extremo, desesperado : — largar a velha cascaria de bicho chronico. E immediatamente respondeu ao *velho* :

« Papai.

Matriculariei-me em março. Fique tranquillo. Sua benção e de mamãi.

« Chico ».

E passou a dar balanço no seu *deve e haver*.

Tinha oito preparatorios. Faltavam-lhe dois, portanto ; e eram : — Geometria e Philosophia.

O primeiro era *reprise* ; repetia-o ; quanto ao segundo, não pudera nunca ver-se livre delle : — já lhe havia rendido tres *bombas*, e ainda não conseguira metter o dente naquelle diabo !

Guedes espichou-se a fio comprido na rêde, e, accendendo o vigesimo cigarro, em ceroulas, o olhar no tecto, um pé descalço roçando o soalho para impulsionar o balanço da rêde — entrou a parafusar na situação.

— Que espiga esta Philosophia ! A Geometria arranja-se. O Juca Aurelio gosta de mim, levo-lhe uma cartinha da baroneza. E depois, o Pinto Silva prometteu-me umas *collas* soberbas. Arranja-se ; a Geometria arranja-se. Mas a Philosophia ! A Philosophia é que é o diabo !... Se eu achasse um meio...

Sim... Para estudar essa peste não tenho tempo. E' preciso passar sem saber nada, custe o que custar. Como se ha de arranjar este par de botas? Aquelle doutor Diogo é um carrasco! Não se levando aquella historia toda na ponta da lingua... *bumba!* E então na Logica é que elle aperta mais. Não sei para que se inventou a Logica, nem mesmo a Philosophia. Para que serve a Philosophia? Não me dirão? Para *cace-tear* a gente, e mais nada. Mas o que é verdade é que é preciso fazer o exame. Como ha de ser?... Se eu tivesse uma idéia?!...

Mas não teve idéia nenhuma. Teve somno. Dormiu.

Mas á tarde, quando o moleque o acordou para jantar, teve uma idéia, a tal de que elle tanto precisava para não ir plantar batatas, na fazenda do *velho*.

— Estou salvo! bradou interiormente, atirando-se, como gato a bofes, ao classico *picadinho*. Estou salvo!

E não é que o Guedes *passou* em geometria?!...
Simplesmente, é certo; mas *passou*.

Dera-se ao trabalho de decorar perfeitamente a demonstração chamada «do quadrado da hypotenusa», que era o grande cavallo de batalha do professor Juca Aurelio, e no exame, embora o seu ponto não se prestasse a isso, conseguiu encartar a cousa unica que sabia, e tão escrupulosamente a papagueou, que o Juca Aurelio, commovido, fel-o ser approvedo.

Estava, finalmente, *semi-calouro* — o Guedes.

O Guedes — semi-calouro ! Esta noticia estourou entre a rapaziada como uma bomba...

Não ; como uma bomba, não.

Foi exactamente por ser o contrario de *bomba*, que tal noticia causou pasmo.

A's *bombas* do Guedes estavam todos acostumados.

Restava sómente o exame de Philosophia, e para prestal-o faltavam apenas oito dias.

— E' a occasião de realisar a minha idéia ; pensou o Guedes.

E depois de haver composto ao espelho, não sem custo, uma cara tristonha, muito decente, sahio dizendo :

— Vamos ao Dr. Diogo.

Na rua :

— O'Guedes ! Guedes ! Onde vaes tão depressa?

— Adeus.

— Olha. Vamos a uma partida no *Europeu*. Dou-te vinte em cincoenta.

— Não. Tenho pressa. Logo falaremos.

E evitando as palestras dos collegas, foi direitinho bater á porta do gabinete do velho professor de philosophia.

— Entre ! gritou de dentro uma voz fanha e tremula.

Guedes impelliu a porta e entrou.

No primeiro instante não viu ninguem.

A poltrona em face da secretária estava desocupada, e havia na sala um silencio absoluto.

— Sr... doutor...

— Que deseja ? perguntou-lhe a mesma voz, de um canto.

Voltou-se.

Estendido em uma decrepita *voltaire*, estava um velhinho de pequeno talhe, franzino e pallido, barba inteiramente branca e o cabello cortado rente e tambem tão alvo que parecia um barrete de algodão muito justo á cabeça.

Tinha os oculos na testa, e, olhava fixamente para o Guedes, com um livro entre as mãos.

O estudante adeantou-se, e, ao apertar a mão do velho professor, desatou a chorar, a chorar escandalosamente :

— Ah! *seu* doutor, *seu* doutor! Ih! Ih! Ih!...

— Que é isso, meu menino, que é isso? ora sente-se aqui, sente-se aqui. Que é isso?

— Ah, seu doutor! Eu vou fazer exame de *Philosophia* na quinta-feira que vem, e... e...

— E quer ser approvado, não é? Pois meu rico....

— Não, senhor, não quero.

— Não quer? Então você não quer ser approvado.

— Não, *seu* doutor... não quero ser approvado.

— Ein?

— E' o ultimo exame que me falta, estou semicalouro. Meu pai quer que eu me matricule este anno.

— Pois então?

— Mas eu não quero, não senhor.

— Não quer? Então... Mas você está caçoando, moço!

— Ah, *seu* doutor! falo-lhe com toda a franqueza — e o Guedes soluçava com desespero. Não quero matricular-me, não quero estudar. Não tenho inclinação. Toda a minha vocação é seguir a lavoura. Mas meu pae não quer; quer que eu me forme... E então...

— E então o que?

— eu queria que V. Exc. me reprovasse em Philosophia. Eu sei muito bem a materia. Se V. Ex. quer verificar, me pergunte alguma cousa. Eu sei a materia.

— Pois como quer ser reprovado, *seu* traste?

— E' que, se eu fôr reprovado, meu pai me leva pr'a fazenda, e isso mesmo é o que eu quero.

— Oh, seu grandissimo patife! guinchou o Dr. Diogo, saltando da *voltaire*. Pois você tem o desaforo de me vir pedir semelhante patifaria?... Ha de ser approvedo; entendeu? Ha de ser approvedo: queira ou não queira! Ha de fazer a vontade a seu pai. Maroto!

— Pois eu vou fazer um exame bem ruim, bem ruim... e V. Ex. me ha de reprovar por força.

— Oh, seu peralta! e o pobre philosopho tremia de cólera, vermelho como um camarão torrado. Faça você o exame que fizer, ha de ser approvedo. Entendeu? Ha de fazer a vontade a seu pai. E sacrifique-se um pobre pai por um diabo d'estes!

— Mas se eu não quero estudar? gemia o Guedes... Se toda a minha vocação é a lavoura?...

— Qual lavoura, nem meia lavoura! Ponha-se lá fora!

— Mas *seu* doutor me reprova?...

— Lá fóra! lá fóra, seu pelintra! Como é seu nome?

— Francisco Timotheo Guedes.

— Bom, lá fóra...

— Mas, *seu* doutor...

— Lá fóra, filho ingrato, filho malvado! e bateu-lhe com a porta nas costas.

Oito dias depois, entrava o Guedes em exame. Nunca se viu exame tão ordinario. Uma vergonha! Entretanto, a cada asneira que elle soltava, o doutor Diogo inclinava-se ao ouvido dos collegas examinadores e murmurava :

— Que patife! errando de proposito para ser reprovado! Eu sei que elle sabe Philosophia a fundo. Vejam que demonio! tudo isto para não fazer a vontade ao pai. Mas ha de ser approvedo. Grandissimo traste!

E o Guedes foi approvedo.

No dia immediato matriculava-se na academia.

Pobre doutor Diogo! Cahiu como um patinho no estratagema do Guedes!

mal
alog
- e
em
cis,
- a
tive
dep
pro
mo
gu
pro
leg
Co

Credor vendido

(A CARLOS MORAES)

Começava a descida da serra do Cubatão.

Como estivessem todos os doze da troça muito mal montados — umas tropegas e lanzudas bestas de aluguel, melancolicas e pesadas como um fim de mez — e havendo com as ultimas chuvas ficado a serra em um estado lastimavel, toda rendada de precipicios, pontuada de despenhadeiros e fossos de lama, — a descida fazia-se lentamente, com cuidado, e não tiveram remedio os estudantes senão transferir para depois d'aquelle perigoso trecho as travessuras e proezas da viagem, constantes do programma.

Quando disse que os doze da troça estavam mal montados enganei-me.

No troço das estropeadas e tristes alimarias figurava um ardego cavallo baio, passarinheiro e muito *prompto*.

Ia montado pelo Mathias — o celeberrimo, o legendario Mathias! Certamente o não alugára elle. Como o conseguira arranjar, então?

Mas eis que justamente está o Mathias a contar essa historia aos companheiros :

— Bem bom, este bucephalo ; não ha duvida. Mas que trabalhão, rapazes, que trabalhão para lhe pôr a unha !

— E' verdade ; exclamou então um magrinho, de oculos ; — o Mendonça. Eu conheço esta peça. E' o cavallo do major Brito : — o *Pimpão*.

— Pois é elle mesmo em pessoa. E' o *Pimpão*.

E para mostrar que o era tanto como o cavallo, cravou-lhe as rosetas das chilenas com força, encurtando as redeas. O animal, ferido de surpresa, estremeceu e saltou furioso, em upas violentas.

— Aguenta, Mathias !

— Agarra-te ao *Santo Antonio* !

— Estás ahi, estás feito pastel no fundo da *Grota Funda* ! bradava o Limeira, um pessimista insupportavel, rabiscador funebre, maniaco por Byron, Hoffman e Schopenhauer e agourento como o corvo de Edgard Pöe.

Mas o Mathias era cavalleiro. Cahiu-lhe o chapéo, cahiu-lhe o chicotinho, cahiu-lhe o *pince-nez*, cahiu-lhe talvez mesmo a alma aos pés... do cavallo. Tudo lhe cahiu — para dizer como o Carnioli, da *Dalila* — só elle não cahiu do *Pimpão*, porque estava... agarrado á sella como a ostra á pedra.

Depois de reempossado dos objectos cahidos, disparou de novo, em meio das risadas dos companheiros e do trote das cavalgadas.

— Arre, ladrão ! — praguejava o Mathias — tu me quebras o *coccyx*, mas tambem eu estouro-te, arre-bento-te, diabo !

— Mas olha, ó typo, tu não nos contaste ainda como foi que abiscoitaste esse teu semelhante, quero dizer : esse quadrupede ; lembrou o Mendonça.

— Com sua licença; resmoneou o Braguinha — um pequenito esperto e barbudo como um gorilla.

— Pois estendam as orelhas, que lá vai o caso. Vocês sabem que eu tenho odio velho ao major Cabrito....

— Tanto que lhe enchifras o nome.

— E' o caso de se dizer que de Brito a Cabrito não ha mais que um salto... de cabra.

— Pois bem; aquelle Cabrito nunca me passou d'aqui; e apontava a garganta. Canalha!...

— Que diabo! Ainda te doem as palmatoadas com que te presenteou por causa do que lhe fizeste á afilhada — a *Bellinha*?... perguntou-lhe o Loureiro — um *tesoura* damnado.

Mas o Mathias encavacára com a pergunta.

Fez parar o animal, e, cruzando os braços, com um ar de muito poucos amigos :

— Já lhe disse, seu Loureiro : — não admitto certas graças. Peior vai a brincadeira! Se o senhor é meu amigo, não deve servir de receptaculo a calumnias e patifarias. Eu nunca tive nada com a *Bellinha*. Vocês bem o sabem.

— Eu não; o que sei é exactamente o contrario! confirmou o Loureiro placidamente, accendendo o vigesimo cigarro.

— Pois então foi mesmo. Melhor p'ra mim, que desfructei a petisqueira...

— E os bolinhos tambem; concluiu o outro, motejando maldosamente.

— *Seu Loureiro! seu Loureiro!* E o pobre Mathias, fulo de raiva, brandia o chicotinho, com um gesto de ameaça.

— Então que é lá isso? Querem jogar as cabeçadas? Não envergonhemos o Cubatão. *Est modus in raiva!* Vá! Toca os burregos pr'a chegarmos

cedo a Santos, a tempo de ir ao espectáculo, — exclamou conciliadoramente o Mendonça. Upa! Upa! Vamos ao resto da historia, mestre Mathias.

— Qual historia, nem pera historia! Estou damnado! Não' me seringueem mais a paciencia. Não sejam *cacetes!*

— Olha que typo! D'essa maneira não chegas hoje a Santos; disse o *Trinta e nove*.

Chamavam *Trinta e nove* ao Silva Lopes, porque desde o seu primeiro anno de curso — e já estava no quinto — dava sempre trinta e nove *pontos*, — desde o começo do anno. O *Trinta e nove* era considerado o primeiro *pillherudo* da Academia. Cultivava com fervor o *calembourg* e o trocadilho, e tinha ás vezes impagaveis ratices.

— Porque, *Trinta e nove?* perguntou o Limeira.

— Porque o diabo, se ha de descer a serra, como nós, está subindo-a. Emfim, como quem paga as custas é a cavalgadura do major...

— Mas então, em que ficamos? O Mathias raptou-a, comprou-a, furtou-a, ou como diabo a arranjou?... Ein?... Desembucha, *pé de banco!* disse o Machadinho.

— Ora... Não me *caceteie* mais do que estou. E' melhor que nos explique como é que Ulpiano é um caso julgado.

E o Mathias, furioso, espicaçou as verilhas do *Pimpão*, regeitando-o á frente dos companheiros, num galopão de arrancar tripas.

A resposta do Mathias provocára um estrepitoso côro de gargalhadas.

Fôra o caso que uma vez o Machadinho, — que, verdade, verdade, não havia descoberto a polvora, — muito apertado em uma sabbatina de Direito Romano, deixára escapar involuntariamente aquelle

disparate calumnioso sobre o respeitavel e inoffensivo Ulpiano.

Desde então quem quizesse vêr o Machadinho rabiado enfurecido como um *cadaver* logrado, era perguntar-lhe se Ulpiano era mesmo um caso julgado. Bufava!

Desandou logo uma *descalçadeira* medonha sobre o Mathias, que, desopilando a raiva com aquillo, desmanchou-se em gargalhadas e contou finalmente o caso do *Pimpão* :

— Foi assim. Eu hontem, na fórma do louvavel costume, não tinha dinheiro para alugar montaria. Mas tive uma idéia. E uma idéia vale ás vezes um burro.

— Principalmente sendo tua ; gritou um. Mas o Mathias continuou inperterrado :

— Uma idéa famosa, que me dava animal de graça e ensejo de me vingar do major Cabrito. Eu dou-me intimamente com um compadre d'elle, que mora em Santos — o Chico Barbosa, que é seu correspondente e procurador. Peguei em uma folha de papel, e, imitando a letra do Barbosa, escrevi-lhe uma carta, em que aquelle lhe dizia que era urgentissimo remetter para Santos uns documentos attinentes á demanda que o major está sustentando naquella cidade, e que para irem com toda a segurança e brevidade, os remetteste por mim, que por especial favor me prestava a isso. Levei-lhe a carta. O major quasi beijou-me as mãos agradecido. — Então o doutor leva-me a papellada ao compadre? Obrigado. Obrigadissimo. E quando quer partir? — Agora mesmo, se assim o ordena; respondi-lhe eu. — Não, obrigado. Basta amanhã. Empréstou-lhe o *Pimpão*. Vai ver o que é um cavallo ás direitas! Dar-lhe-hei tambem dinheiro para as despezas. Favores d'estes

não ha com que se paguem. Obrigadissimo, doutor, obrigadissimo : — E cá vou eu, concluiu o Mathias, em cavallinho de meia-cara e com cincoenta *bodes* no bolso ! Arre ! Estou bem vingado !

— E agora o que vais fazer do cavallo e dos documentos ?

— Vou entregar tudo ao Barbosa. Digo-lhe que o major emprestou-me o cavallo e que lhe havia mandado os papeis. E já tenho *cobre* para a viagem á Côrte. Olhem que eu andava numa *ouça preta*, como o diabo ! Se não fôsse o major, não sei o que seria. Bemdito e louvado seja...

— O Santissimo Sacramento ?

— Foi elle quem inventou os maiores ? Pois se foi — viva !

Neste momento ouviu-se um estrepito enorme de vozes e trotar de animaes.

Voltaram-se todos. Eram os pagens dos estudantes que vinham atraz, a galope, gritando e rindo. Quando estavam mais proximos, um d'elles bradou :

— Seu *dotô* Mathias ?!. Oh, seu *dotô* Mathias ?!..

— Que é lá isso, Thomé ?

— Ahi vem *seu* Jacob !

Ao soar tal nome, como que um vento de horror perpassou pela cara do estudante.

— *Horresco audiens !* O Jacob ! Estou perdido. E onde vem esse *cadaver* do diabo ?

— Vem ahi já pertinho, á disparada. Perguntou pelo senhor. Corremos para avisal-o. Vem damnado ; e berrando : — Has de pagar-me ! Has de pagar-me ! Deixo-te nú, mas não hei de perder de todo o meu dinheiro ! E, com licença do *seu dotô* — chegou mesmo a chamal-o de « ladrão do diabo ! »

— Sim ? Ein ?

— Sim, *sinhô*. *Chi!* Está inflammado como quê! Olhe, lá vem o demonio do *home*.

Effectivamente, em uma curva da estrada appareceu um cavalleiro, trotando á brida solta. Dentro em pouco emparelhou com o Mathias. Este, ao que parecia, já concertára o seu plano de campanha, porque, assim que o viu, exclamou, muito risonho:

— Oh! meu caro Sr. Jacob! Por aqui! Não sabia que teria o prazer e a honra de tel-o por companheiro.

— Obrigado. E' que...

— Sabe? Estava mesmo pensando em si, na occasião em que chegou. Veja só o que é a força de *sympathia!*

— Sim, senhor. Mas...

— E eu dizia com os meus botões: — Que diabo! Esqueci-me de saldar contas com o Jacob! E' preciso pagar-lhe aquella continha!

— Era exactamente para...

— E' preciso pagar-lhe; repetia o estudante, interrompendo systematicamente o pobre *cadaver*. E resolvi mandar-lhe o dinheiro de Santos.

— Pois então ..

— Está dito. Vamos juntos. Lá receberá os seus tresentos *bodes*. Não são tresentos?

—... e cincoenta e sete mil oitocentos e quarenta réis; corrigiu o Jacob, puxando um papel do bolso. Cá tenho a con...

— Nada. Obrigado. Isso de contas parece Direito Ecclesiastico. Sabe? É *cacete* como o diabo. Eu pago tudo, deixe estar, amigo Jacob.

— Sim, senhor; n'esse ca...

— Não falemos mais n'isso.

Ficou satisfeitissimo o *cadaver*. Entrou a desfazer-se em zumbaias e amabilidades para com o

Mathias, e até Santos forneceu pasto a pilherias e gargalhadas sem fim.

O Jacob tinha casa de pensão em S. Paulo. Mui-tíssimos estudantes *faziam bolsa* na casa d'elle, e se *callos* matassem, ha muito já estaria enterrado o cal-lejadissimo Jacob.

Um pobre diabo — afinal.

Era um mulato de meia idade, já *pintando*. Tinha uma physionomia servil, mixto de medrosa humildade e rancor sopitado, represo. Trajava roupas velhas e mal feitas, roupas que não pareciam d'elle e que na verdade o não eram, pois que tinha o costume de tudo pedinchar aos estudantes : — calças e casacos velhos, trastes, livros, etc., além de que tambem lhes embargava esses objectos, na falta dos pagamentos.

Em Santos, apenas chegados, apartaram-se os estudantes. Uns foram para os hotéis, outros para casas de negociantes conhecidos, para não fazerem despeza ; tendo combinado encontrar-se á noite no theatro.

Mathias foi com o Jacob e mais dois ou tres collegas para o conhecido hotel de uma franceza, que áquelle tempo alli havia.

Apearam-se á porta.

Mathias, que não levava pagem, pediu a sua mala ao Thomé, que se havia prestado a conduzi-la.

Ia subir com ella, fazendo-se muito carregado, mas o Jacob interveiu :

— Não senhor, *seu* doutor. Eu levo a mala.

— Nada. Não consinto.

— Por favor ! Se eu faço gosto nisso !

— Pois seja. Obrigado.

E o Jacob subiu atraz dos estudantes, entre os pagens, carregados de malas e caixas de chapéos.

Chegados á sala, foram recebidos pela dona do hotel.

— Um quarto, madama ; pediu o Mathias.

A mulher conduziu-o a um quarto. E então o Mathias disse á porta, ao Jacob, familiarmente :

— Põe-me a mala lá dentro, Jacob. Isso.

Immediatamente, tomando á parte a proprietaria, disse-lhe :

— Responsabiliso-me por todas as depezas d'aquelle rapaz. E' meu escravo ; mas dê-lhe o que pedir, que o estimo muito. Escravo de estudante, sabe?...

— *Oh, je sais, sim sinhórr ;* disse a franceza, rindo-se.

— A proposito, madama : em quanto anda a conta das minhas despezas d'este anno?

— *Je vais buscar, sinhórr dotorr.*

Como eram muito frequentes as vindas dos rapazes a Santos durante o anno, por pandega, para comer peixe, ir ao theatro, etc... acontecia que faziam grandes contas nas hospedarias e casas de pasto, contas que saldavam no fim do anno — quando as saldavam, — o que nem sempre acontecia, valha a verdade !

A conta do Mathias orçava por quatrocentos mil réis. O diabolico futuro bacharel recuou tragicamente, fazendo cara de aterrado :

— Oh ! madama ! Estou perdido ! Não tenho com que lhe pagar. E de repente : — Quer a madama fazer uma cousa ?

— *O que, sinhorr?*

— Quer comprar-me aquelle moleque?

— *Comment?*

— Sim. Olhe : dou-lh'o por quinhentos mil réis. E' de graça. E se faço isso é porque não tenho vintem para dar á madama. Eu estimo aquelle rapaz como a um irmão. Trato-o como se fôsse meu mano. Mas a necessidade...

E desatou a chorar, como um fedelho manhoso.

A velha franceza, muito penalizada, tratou de consolal-o; mas, comprehendendo que, se não acceitasse aquelle alvitre, perderia o seu dinheiro, — accitou-o.

Mathias recebeu cento e tantos mil réis e passou um recibo em que se compromettia a dar escriptura de venda do « seu escravo Jacob » logo que lhe fôsse pedida.

Concluida a transacção, depois de haver recommendado á franceza que nada dêsse a perceber, enquanto elle não houvesse embarcado, para « não entornar o caldo », foi ter com o misero *cadaver* e disse-lhe :

— *Seu Jacob*, você amanhã recebe o seu dinheiro da mão da madama. Ella me deve exactamente essa quantia. Já decidimos isso.

— Sim senhor, *seu* doutor.

No dia seguinte, á hora de partir para embarcar, Mathias chamou a franceza e, á vista do Jacob, disse-lhe :

— Madama, faça o favor de lhe dar tudo o que elle pedir. Eu pagarei tudo.

— Sim, *sinhórr dotôrr*.

E a Jacob :

— Você entenda-se com a madama. Já conversámos a seu respeito.

— Sim senhor, *seu doutor*; respondeu o *cadaver*.

Mathias despediu-se. Jacob quiz acompanhá-lo, levando-lhe a mala, mas o Mathias não consentiu, dizendo-lhe, ao passo que piscava um olho á madama :

— Deixa, Jacob. Eu levo. Não é preciso que vás a bordo. Eu voltarei ainda, se o vapor der tempo. Dá cá um abraço.

Abraçou-o theatralmente e foi-se; *azulou* de esfusióte.

Uma hora depois, — já o vapor havia partido, — o Jacob disse á franceza, muito bem repetenado na sua cadeira :

— Quero almoçar, madama.

— Quer almoçar, ein ? — disse a franceza, cruzando os braços e meneando a cabeça com intenção.

— Sim, senhora. E do melhor que houver, madama.

— E do melhor, ein?... repetiu a franceza, impacientando-se gradualmente. Do melhor ?!...

— Do melhor, sim ! Que diabo ! E' surda ?

— *Oh! malcriade! Puxa já p'ra cuisine!*

— *Ein?...*

— *Si je savais que você era assim atrevide, não tinha comprado você a teu sinhor, diable!*

— *A meu senhor? Me comprado, a mim!?...*

— *A você sim, por quinhentos mil rrréis! Mais você me ha de payer tout ça! Moléca!*

Pontos de exclamação, apostrophes, espanto, assombro, imprecações.

Tableau!

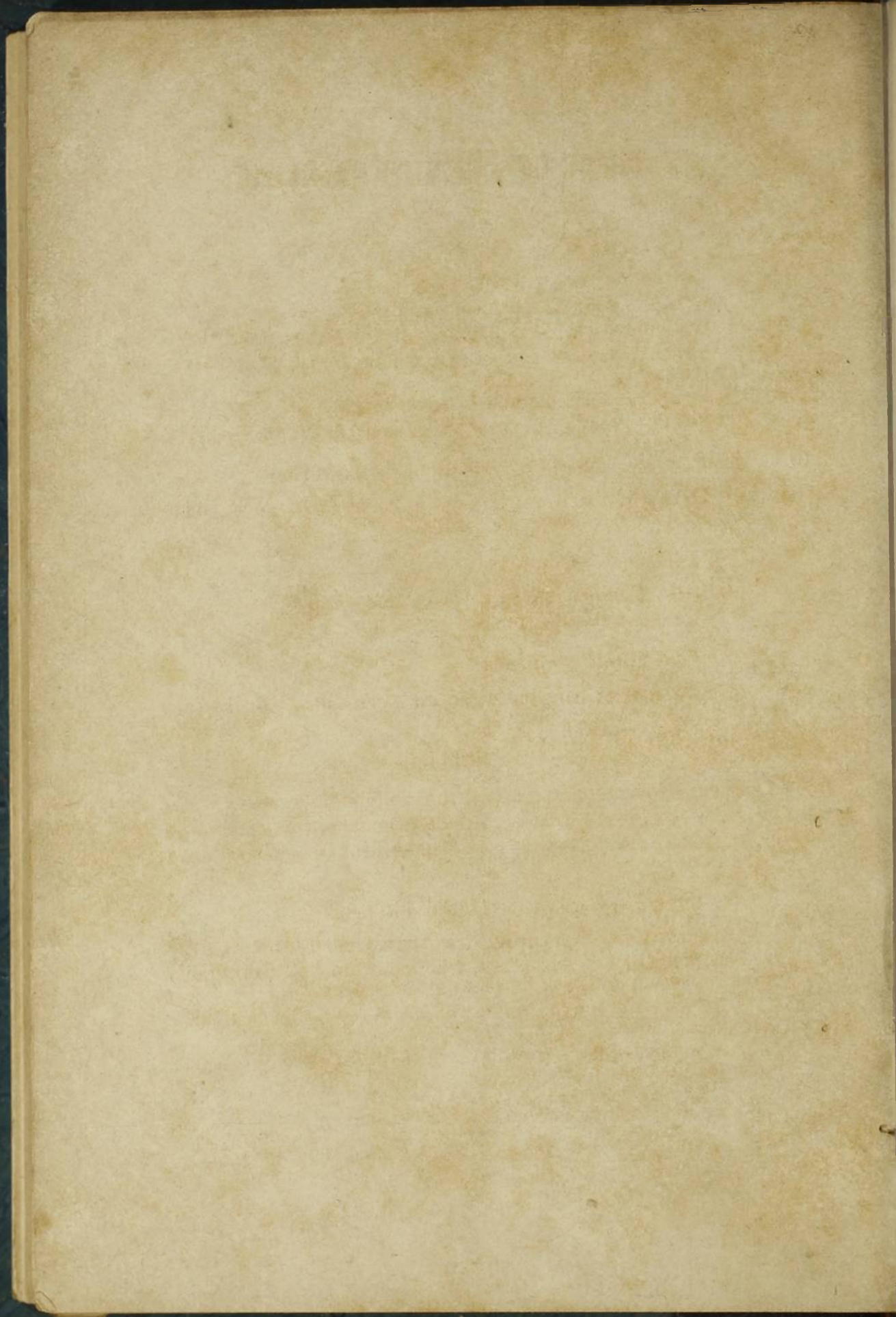
FIM

INDICE

	PAG.
PRIMEIRA PARTE	
O Imperio da Lei.....	10
Agencia de Sovas.....	41
O Paiz do Café.....	51
Viagens maravilhosas atravez do Jornal do Commercio.....	61

SEGUNDA PARTE	
O desenganado.....	107
Physiologia do Bond.....	117
Mademoiselle Ouvidor.....	125
O Pesadelo do Coronel Batalha.....	147

TERCEIRA PARTE	
As aventuras do Souza.....	159
O estratagema do Guedes.....	193
Credor vendido.....	205



OBRAS DE VALENTIM MAGALHÃES

CANTOS E LUTAS, poesias, 1879.

COLOMBO E NENÊ, poemeto, 1880.

QUADROS E CONTOS, edictor—Dolivaes Nunes, 1882.

NOTAS Á MARGEM DOS « ULTIMOS HARPEJOS », edictor—Serafim J. Alves, 1884.

VINTE CONTOS, edictor—*A Semana*, 1886.

HORAS ALEGRES, edictores—Laemmert & C., 1888.

Em collaboração com Henrique de Magalhães:

A VIDA DE SEU JUCA, parodia á *Morte de D. João*, edictor—Serafim J. Alves, 1880.

Com Silva Jardim:

IDEIAS DE MOÇO, prosa e verso, 1878 (esgotado).

O GENERAL OSORIO, prosa e verso, 1880 (esgotado).

Com Filinto d'Almeida:

O GRAN-GALEOTO, traducção em verso de *El Gran-Galeoto*, drama de D. José Echegaray, 1884.

A PUBLICAR:

PHILOSOPHIA DE ALGIBEIRA, um volume de versos.

UM CASAMENTO NULO, comedia original em 3 actos.

A POESIA MODERNA E OS MODERNOS POETAS BRAZILEIROS, estudo critico.

Em collaboração com Filinto d'Almeida:

AMOSTRA DE SOGRA, comedia original em 1 acto.

O QUE NÃO SE PÔDE DIZER, traducção em prosa do drama *Lo que no puede decir-se*, de D. José Echegaray.

NO SEIO DA MORTE, traducção em verso da lenda tragica do mesimo auctor.

A MULHER-HOMEM, revista comico-phantastica dos acontecimentos de 1885.

Em collaboração com Alfredo de Souza:

A VIDA NA ROÇA, comedia original em 5 actos.

Handwritten notes or scribbles at the top of the page.

18939

